

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE

MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA FURTADO

**ESPAÇOS DE REFÚGIO EM PIRENÓPOLIS:
UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA E SENSORIAL DO
HABITAR NA NATUREZA**

Goiânia
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:


Nome completo do autor: Maria Cristina de Oliveira Furtado

Título do trabalho: Espaços de Refúgio em Pirenópolis: uma análise fenomenológica e sensorial do habitar na natureza

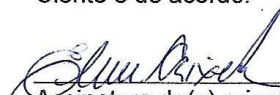
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 26 / 03 / 19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA FURTADO

**ESPAÇOS DE REFÚGIO EM PIRENÓPOLIS:
UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA E SENSORIAL DO
HABITAR NA NATUREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Projeto e Cidade, sob orientação da Prof^a Dr^a Eline Maria Moura Pereira Caixeta.

Goiânia
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Oliveira Furtado, Maria Cristina
ESPAÇOS DE REFÚGIO EM PIRENÓPOLIS: [manuscrito] : UMA
ANÁLISE FENOMENOLÓGICA E SENSORIAL DO HABITAR NA
NATUREZA / Maria Cristina de Oliveira Furtado. - 2018.
184 f.: il.

Orientador: Prof. Eline Maria Moura Pereira Caixeta.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura - Projeto e Cidade, Goiânia, 2018.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. Refúgio. 2. Pirenópolis. 3. Habitar. 4. Fenomenologia. 5.
Natureza. I. Moura Pereira Caixeta, Eline Maria , orient. II. Título.

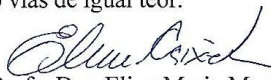
CDU 72




UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE
Campus Samambaia, Av. Esperança, s/nº - Campus Universitário – CEP: 74.690-900, Goiânia/GO.
Fones: (62) 3521-1413 www.fav.ufg.br/projetoecidade

Ata nº 03/2018 da reunião da banca examinadora da defesa de dissertação de **MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA FURTADO** - Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de dois mil e dezoito (26/03/2018), às 13h30min, no auditório da Faculdade de Artes Visuais da UFG, Campus Samambaia, foi realizada a sessão pública de avaliação da dissertação intitulada “Espaços de Refúgio em Pirenópolis: uma análise fenomenológica e sensorial do Habitar na Natureza”, em nível de Mestrado, área de concentração em Projeto, Teoria, História e Crítica, linha de pesquisa em História e Teoria da Arquitetura e da Cidade, de autoria de MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA FURTADO, discente do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás. A banca examinadora foi composta pela Profa. Dra. Eline Maria Mora Pereira Caixeta (PPGPC/UFG), orientadora e presidente da sessão; pela Profa. Dra. Rosane Costa Badan (PPGPC/UFG) e pelo Prof. Dr. Fernando Antônio Oliveira Mello (FAV/UFG). A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Eline Maria Moura Pereira Caixeta, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra a seguir, foi concedida ao autor da dissertação que em 20 minutos procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu a examinanda. Terminada a arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº. 1488/2017 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, a dissertação foi considerada APROVADA COM MÉRITO, com as seguintes observações da banca examinadora: FAZER ALGUNS AJUSTES, SEGUNDO OBSERVAÇÕES DA BANCA, VISANDO FUTURAS PUBLICAÇÕES. RECOMENDA-SE A PUBLICAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.

Cumpridas as formalidades de pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e, para constar, eu, Rafael Argôlo Coelho, secretário do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, lavrei a presente Ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em quatro vias de igual teor.


Profa. Dra. Eline Maria Mora Pereira Caixeta
Presidente – PPGPC/UFG


Profa. Dra. Rosane Costa Badan
PPGPC/UFG


Prof. Dr. Fernando Antônio Oliveira Mello
FAV/UFG

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é um dos momentos mais almejados pelo estudante, pois significa que acumulamos muitos caminhos percorridos e partilhados. Foram diversas colaborações, direta ou indiretamente, durante os dois anos de mestrado. O trabalho acadêmico tem um lado solitário e outro solidário. Portanto, não poderia deixar de expressar aqui os meus mais sinceros agradecimentos:

Minha gratidão a Deus pela vida e por este momento único de aprendizado por meio da pesquisa e do conhecimento empírico e teórico;

Agradeço à minha família por tudo. Aos meus pais, Almir e Dolores, pelo apoio de sempre e pelo amor incondicional; à minha irmã, Mariana, por dividir o cotidiano e tantas vezes as angústias desse processo. Ao meu companheiro, Renato, por ser meus olhos, ouvidos, mãos, pernas e coração em todos os momentos neste mestrado. Aos seus pais, Odair e Lu, e ao seu irmão, Rogério, pela compreensão e apoio dedicados nesta jornada;

Agradeço à minha orientadora, Eline Maria Moura Pereira Caixeta, pela paciência, dedicação e disponibilidade em partilhar os saberes. Aos professores do Programa Projeto e Cidade pelas trocas estabelecidas. Ao professor José Arthur D'Aló Frota, que auxiliou no processo de descoberta do objeto de estudo. À professora Rosane Badan por todo o caminho que percorremos até aqui e pela valorosa contribuição na banca de qualificação. Ao professor Fernando Mello pelo empenho e zelo nos direcionamentos que nortearam a pesquisa também na banca de qualificação;

Aos colegas e amigos do mestrado, em especial Matheus, Cristina e Wanessa, que em todos os momentos estiveram ao meu lado. Com vocês o caminho ficou mais leve e divertido;

Aos meus amigos de todos os dias e os de toda uma vida. Muito obrigada por todo o apoio direto ou indireto. Vocês são muitos e sabem disso. Seria impossível nominá-los sem cometer alguma injustiça por culpa da memória;

E, por fim, aos personagens principais desta pesquisa: os moradores e suas casas. Não tenho palavras que expressem com tamanha grandeza a gratidão o que sinto por vocês neste momento. Abrir a casa para outra pessoa é um ato de desapego. Esses encontros foram lições que levarei para a vida toda. Agradeço também àqueles que indiretamente abriram várias dessas portas.

RESUMO

A presente dissertação trata dos espaços de refúgio existentes nos arredores da cidade de Pirenópolis e quais são os elementos materiais e simbólicos que trazem a esses lugares uma atmosfera de aconchego e paz. Nas grandes cidades o homem está cada vez mais desconectado da natureza e, por isso, algumas pessoas buscam habitar lugares menos urbanizados. Entre as motivações está a sensação de segurança, cada vez menor na urbe. A natureza que inspirava perigo hoje é o lugar de proteção da vida moderna. A discussão teórica abrange diversas áreas de estudos que estão em consonância com a abordagem da fenomenologia da arquitetura. Dentro deste contexto, o filósofo Gaston Bachelard e o arquiteto Christian Norberg-Schulz formam a base principal da metodologia de análise. A expressão tectônica e os aspectos sensoriais dos espaços complementam o referencial teórico, sendo importantes nas análises realizadas. Todos eles estão afinados com os paradigmas pós-modernos do habitar contemporâneo, onde se localiza o objeto de estudo. O levantamento de dados foi realizado através de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. As entrevistas são do tipo despadronizadas e foram feitas com moradores dos espaços de refúgio. No capítulo final estão as análises de três casas, com detalhes das informações sobre as mesmas. Em um segundo momento, a análise parte de elementos destacados do referencial teórico, onde, além das três espacialidades destacadas, figuram também aspectos simbólicos e sensoriais de outros refúgios domésticos levantados. Desta forma, a pesquisa se propôs a compreender modos de habitar que estão em contato com a natureza e que estabelecem uma profunda conexão entre o habitante e o lugar. Observou-se ainda como as teorias relacionadas à fenomenologia da arquitetura estão presentes nos espaços estudados.

Palavras-chave: Refúgio. Pirenópolis. Habitar. Fenomenologia. Natureza.

ABSTRACT

The present master thesis deals with the spaces of refuge existing in the surroundings of the city of Pirenópolis and what are the material and symbolic elements that bring to these places an atmosphere of cosiness and peace. In big cities, man is increasingly disconnected from nature and therefore some people seek to inhabit less urbanized places. Among the motivations is the feeling of security, decreasing in the city. The nature that inspired danger today is the place of protection of modern life. The theoretical discussion covers several areas of study that are in line with the architectural phenomenology approach. Within this context, the philosopher Gaston Bachelard and architect Christian Norberg-Schulz form the basis of the analysis methodology. A tectonic expression and the sensorial aspects of the complementary spaces or theoretical referentials, being important in the realized analyzes. All of them are in tune with the postmodern paradigms of contemporary dwelling, where the object of study is located. The data gathering was carried out through bibliographical, documentary and field research. The interviews are of the type unstandardized and were made with residents of the spaces of refuge. In the final chapter, the analysis of three houses was first carried out, detailing the information about them. In a second moment, the analysis is based on the outstanding elements of the theoretical reference, where besides the three spatialities highlighted, there are also symbolic and sensorial aspects of other raised domestic refuges. In this way, the research proposed to understand ways of living that are in contact with nature and that establish a deep connection between the inhabitant and the place. It is also observed how the theories related to the phenomenology of the architecture are present in the spaces studied.

Keywords: Refuge. Pirenópolis. Dwell. Phenomenology. Nature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Cabana primitiva de Marc-Antoine Laugier	40
FIGURA 2	Réplica da cabana em que viveu Thoreau, próximo ao Lago Walden (EUA)	45
FIGURA 3	Cabana de Heidegger, na Alemanha	47
FIGURA 4	Heidegger e a esposa no interior da cabana	47
FIGURA 5	Mapa de localização de Pirenópolis (GO)	50
FIGURA 6	Cidade de Pirenópolis (GO)	52
FIGURA 7	Mapa da área tombada como Patrimônio Histórico e Arquitetônico do centro histórico de Pirenópolis (GO)	53
FIGURA 8	Mascarado durante a festa das cavalhadas em Pirenópolis (GO)	54
FIGURA 9	Santuário Ecológico Vagafogo – local onde foi a primeira comunidade alternativa de Pirenópolis (GO)	60
FIGURA 10	Localização do Santuário Ecológico Vagafogo em relação à cidade de Pirenópolis (GO)	61
FIGURA 11	Localização de Bom Jesus em relação à cidade de Pirenópolis (GO). A comunidade Terra Nostra fica a oeste do povoado – imagem de satélite	61
FIGURA 12	Localização da Comunidade Omni em relação a Pirenópolis (GO). Redesenho a partir de imagem de satélite	63
FIGURA 13	Cachoeira da Comunidade Omni, em Pirenópolis (GO)	63
FIGURA 14	Localização da Comunidade Frater em relação a Pirenópolis (GO). Redesenho a partir de imagem de satélite	64
FIGURA 15	Templo Tilak na antiga Comunidade FraterUnidade nos anos de 1990	66
FIGURA 16	Casa octogonal na Frater, fotografada em 2016	66
FIGURA 17	Desenho da espacialidade da FraterUnidade nos anos de 1990	67
FIGURA 18	Templo Tilak, em 2016, com a estrutura bastante danificada	67
FIGURA 19	Alternativos da Frater em momento de folga na beira do rio	69
FIGURA 20	Cozinha da Frater – ao centro, sem camisa, o líder da Comunidade Edgar Ivo Müller Filho – o Ede ou Eknhath	69
FIGURA 21	Refúgio 2 - Casa do Ede Müller – registro em junho de 2016	73
FIGURA 22	Caminho entre as casas na comunidade Frater – junho 2016	74
FIGURA 23	Refúgio 5 - Casa Octogonal – registro em abril de 2017	75
FIGURA 24	Otacílio e a obra da sauna artesanal (esq.) e a horta suspensa (dir.) – registro em abril de 2017	75
FIGURA 25	Detalhes dos objetos de decoração na Casa Patrícia – registro em abril de 2017	76
FIGURA 26	Refúgio 6 - Casa Patrícia – registro em abril de 2017	77
FIGURA 27	Jardim (esq.) e a moradora Patrícia – registro em abril de 2017	78
FIGURA 28	Espaço para o artesanato do adulto e para a expressão artística da criança – porta do quarto do Gabriel – registro em abril de 2017	78
FIGURA 29	Refúgio 8 - Casa do Lula – registro em junho de 2016	79
FIGURA 30	Piscina e sauna na Casa do Lula – registro em junho de 2016	80

FIGURA 31	Paredes com aberturas em desenhos geométricos – registro em junho de 2016	81
FIGURA 32	Refúgio 9 - Casa do Thomas – registro em junho de 2016	82
FIGURA 33	Colunas de ‘pedras’ na Casa do Thomas – registro em junho de 2016	83
FIGURA 34	Refúgio 4 - Casa do Adobe – registro em junho de 2016	85
FIGURA 35	Corredor da casa com a abertura de triângulo – registro em junho de 2016	85
FIGURA 36	Exposição da parede transformada em elemento decorativo – registro em junho de 2016	86
FIGURA 37	Banheiro (esq.) e jardim (dir.) – registro em junho de 2016	86
FIGURA 38	Refúgio 10 – Casa dos Morcegos – registro em abril de 2017	87
FIGURA 39	Junção de vários materiais na Casa dos Morcegos – registro em abril de 2017	88
FIGURA 40	Algumas das janelas da casa – registro em abril de 2017	88
FIGURA 41	Escada – registro em abril de 2017	89
FIGURA 42	Recuo forma um canto na casa – registro em abril de 2017	89
FIGURA 43	Mobiliário – registro em abril de 2017	90
FIGURA 44	Recepção (esq.) e jardim do Espaço Azul – registro em junho de 2016	91
FIGURA 45	Chalé do Espaço Azul – registro em junho de 2016	91
FIGURA 46	Salão de convivência do Espaço Azul – registro em junho de 2016	92
FIGURA 47	Sauna artesanal próxima ao riacho – registro em junho de 2016	92
FIGURA 48	Refúgio 12 - Refúgio da Serra – registro em junho de 2016	93
FIGURA 49	Jardim entre as edificações no Refúgio da Serra – registro em junho de 2016	94
FIGURA 50	Receptivo do Centro Caraívas – registro em junho de 2016	95
FIGURA 51	Edificação que abriga os quartos no Centro Caraívas – registro em junho de 2016	95
FIGURA 52	Bambu cobrindo a varanda do receptivo (esq.) e trilha na natureza (dir.) – registro em junho de 2016	96
FIGURA 53	Interior de um dos quartos no Centro Caraívas – registro em junho de 2016	97
FIGURA 54	Refúgio 14 - Casa Madueño serra – registro em dezembro de 2016	98
FIGURA 55	Outra fachada da Casa Madueño Serra (esq.) e a imagem externa da lareira (dir.) – registro em dezembro de 2016	98
FIGURA 56	Imagens que remetem ao ninho que a Casa Madueño Serra foi no passado – registro em dezembro de 2016	99
FIGURA 57	Refúgio 1 - Casa do Rodolfo – registro em junho de 2016	100
FIGURA 58	Rodolfo em sua cozinha – registro em abril de 2017	101
FIGURA 59	Quarto e sala – abril de 2017	102
FIGURA 60	Aberturas da casa vistas pelo interior – abril de 2017	102
FIGURA 61	Refúgio 15 - Casa do Sávio	103
FIGURA 62	A varanda e a cabana para hóspedes - Casa do Sávio	104
FIGURA 63	Térreo da Casa do Sávio – cozinha e sala integrados	105
FIGURA 64	Refúgio 3 - Casa Circular – registro em abril de 2017	107
FIGURA 65	Casa Circular, o telhado em duas águas e o anexo – registro	107

	em junho de 2016	
FIGURA 66	Interior da Casa Circular – registro em abril de 2017	108
FIGURA 67	Casa Circular e o anexo construído posteriormente	108
FIGURA 68	Refúgio 7 - Casa Chalé – registro em abril de 2017	109
FIGURA 69	Casa Chalé vista de lado – registro em abril de 2017	109
FIGURA 70	Sala (esq.) e cozinha (dir.) da Casa Chalé – registro em abril de 2017	110
FIGURA 71	Mezanino abriga a cama e os objetos de criação de Otávio Maciel – registro em abril de 2017	111
FIGURA 72	Casa Circular – abril de 2017	115
FIGURA 73	Planta esquemática de distribuição dos ambientes da Casa Circular (sem escala)	116
FIGURA 74	Imagem do ‘pouso’ do pavimento superior e do telhado sobre o círculo – registrado em abril de 2017	117
FIGURA 75	Área externa da Casa Circular – junho de 2016 e abril de 2017	118
FIGURA 76	Visão panorâmica do interior. Rude aparece próximo à porta da casa – abril de 2017	119
FIGURA 77	A arte – abril de 2017	119
FIGURA 78	Casa Octogonal – abril de 2017	121
FIGURA 79	Ambiente que sofreu alteração – junho de 2016	121
FIGURA 80	As tábuas que formam o primeiro pavimento vistas do térreo – abril de 2017	122
FIGURA 81	Planta esquemática de distribuição de ambiente da Casa Octogonal (sem escala)	123
FIGURA 82	Escada da Casa Octogonal – abril de 2017	123
FIGURA 83	Andar superior e suas várias camas – abril de 2017- abril de 2017	124
FIGURA 84	Cama do Otacílio e da Selene – abril de 2017	125
FIGURA 85	Sala da Casa Octogonal – em junho de 2016	125
FIGURA 86	Sala da Casa Octogonal com menos sofás e cadeiras – em abril de 2017	126
FIGURA 87	Casa Selene e as diversas aberturas – em junho de 2016	126
FIGURA 88	Segundo andar com aberturas mais baixas que o convencional – em abril de 2017	127
FIGURA 89	Otacílio mostrando como revestiu a casa com pedras – abril de 2017	128
FIGURA 90	Selene e a cozinha da Casa Octogonal – em abril de 2017	129
FIGURA 91	Mapa – Casa Madueño – Serra em relação à cidade	130
FIGURA 92	Casa Madueño - Serra – registro em dezembro de 2016	130
FIGURA 93	Mezanino – registro em dezembro de 2016	131
FIGURA 94	Planta esquemática de distribuição de ambientes da Casa Madueño - Serra (sem escala)	132
FIGURA 95	Rossana e Fernando na sala da Casa na Serra – registro em dezembro de 2016	133
FIGURA 96	Piso de mezaneta (dir.) e pedras Pirenópolis (esq.) – dezembro de 2016	134
FIGURA 97	Lareira com fundo em vidro – registro em dezembro de 2016	134
FIGURA 98	Jardim – registro em dezembro de 2016	135
FIGURA 99	Otacílio caminhando em meio à mata – abril de 2017	137

FIGURA 100	Janela do Refúgio Casa Patrícia aberta para os animais – abril de 2017	138
FIGURA 101	Córrego da Barriguda – dezembro de 2016	140
FIGURA 102	Casa sempre aberta – abril de 2017	141
FIGURA 103	Da esq. para dir. - soleiras da Casa Madueño Serra, da Casa Circular e da Casa Octogonal	144
FIGURA 104	Soleira da casa Ede Müller	145
FIGURA 105	Na Casa Octogonal (à dir.) uma janela alta onde fica o chuveiro e à direita a janela com cortina do espaço que abriga o vaso sanitário; janela do banheiro da Casa Madueño – Serra (centro) na altura do rodapé; e banheiros sem porta (à esq.) na Casa Rodolfo	146
FIGURA 106	Rossana mostrando a paisagem da janela do quarto Casa Madueño – Serra (à dir.); na Casa Octogonal (à esq.) os vidros fixos que reaproveitaram de um descarte serviram para fechar parte da varanda e aumentar a sala	147
FIGURA 107	Molduras na paisagem vistas de dentro do Refúgio 16 – Casa do Sávio (Serra dos Pireneus)	147
FIGURA 108	Algumas das janelas e aberturas do Refúgio 5 – Casa Octogonal	148
FIGURA 109	Garrafas e para-brisas. Da esq. para dir. – Refúgio 10 - Casa dos Morcegos (Omni); Refúgio 3 – Casa Circular (Frater); e Refúgio 9 – Casa do Thomas (Omni)	149
FIGURA 110	Os dois sofás de lado em relação à televisão no Refúgio 5 – Casa Octogonal (Frater) – registro em abril de 2017	150
FIGURA 111	Paradoxo entre a televisão e a lareira no Refúgio 3 – Casa Circular (Frater) – registro em junho de 2016	151
FIGURA 112	Imagens religiosas: Casa Madueño Serra (esq.) e Casa Octogonal (dir.)	152
FIGURA 113	Armário com cantoneira (esq.) na Casa Madueño Serra – em dezembro de 2016	153
FIGURA 114	Armário com a televisão escondida na Casa Madueño Serra – registro em dezembro de 2016	153
FIGURA 115	Estante com os discos e livros do habitante do Refúgio 7 – Casa Chalé (Terra Nova) – registro em abril de 2017	154
FIGURA 116	Pinturas, mandala feita com fios e tapete em crochê – o artesanato na Casa Patrícia – em abril 2017	155
FIGURA 117	Latovela no alto da porta da Casa do Rodolfo – em abril 2017	156
FIGURA 118	Fotografias na entrada da casa em que habita Selene – em abril 2017	157
FIGURA 119	A infância e a natureza. Casa Madueño - Serra	160
FIGURA 120	Interior da Casa Circular (esq.) e interior da Casa Octogonal (dir.)	162
FIGURA 121	Comparação das forças emitidas - diagonais e circulares	163
FIGURA 122	Forte presença da madeira nos interiores dos refúgios. Da esq. para dir. Casa Circular, Casa Madueño – Serra e Casa Octogonal	167
FIGURA 123	O acorde cromático referente ao aspecto natural – marrom dos materiais naturais, o verde das plantas e o céu azul e branco – Refúgio 7 - Casa Chalé (Terra Nova) em abril de	168

	2017	
FIGURA 124	Janela da Casa do Sávio	169
FIGURA 125	Vidros de garrafas e carros reaproveitados nas casas	170
FIGURA 126	Pedras empilhadas na coluna da Casa do Thomas	171

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Imagens da função de habitar em Bachelard	29
QUADRO 2 – Categorias - tectônica.....	33
QUADRO 3 – Refúgios em Pirenópolis.....	71

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 O HABITAR COMO MICROCOSMOS.....	21
2.1 DIMENSÃO FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL.....	21
2.1.1 Os modos e as imagens do habitar em Norberg-Schulz e Bachelard.....	25
2.2 EXPRESSÃO TECTÔNICA.....	30
2.2.1 Aspectos sensoriais.....	34
2.3 O ARQUÉTIPO DA CABANA.....	39
2.3.1 A vida na natureza.....	42
2.3.2 Refúgio de Thoreau em Walden.....	43
2.3.3 Refúgio de Heidegger na Floresta Negra.....	46
3 PIRENÓPOLIS E SEUS MUNDOS.....	50
3.1 PIRENÓPOLIS - O LUGAR URBANO E O SUBURBANO.....	50
3.2 PIRENÓPOLIS E A VIDA ALTERNATIVA.....	55
3.2.1 FraterUnidade: passado e presente no refúgio do Vale Dourado.....	64
3.3 ESPAÇOS DE REFÚGIO EM PIRENÓPOLIS.....	70
3.3.1 Ninhos.....	72
3.3.2 Cantos.....	83
3.3.3 Cabanas.....	100
3.3.4 Conchas.....	105
4 A CULTURA DO HABITAR E OS REFÚGIOS EM PIRENÓPOLIS.....	113
4.1 REFÚGIOS.....	115
4.1.1 Casa Circular.....	115
4.1.2 Casa Octogonal.....	120
4.1.3 Casa Madueño – Serra.....	129
4.2 ELEMENTOS FENOMENOLÓGICOS.....	136
4.2.1 O refúgio e a natureza.....	136
4.2.2 Conexão interno e externo.....	142
4.2.3 Objetos.....	149
4.2.4 Raízes (casa natal).....	157
4.2.5 O refúgio e o círculo.....	161
4.2.6 Sentido material.....	165
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	181
APÊNDICE A – Diário de Campo	182

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O sonho da cabana, a casa como lugar seguro, distante das ‘preocupações cidadinas’. Esse seria o grande desejo dos homens, de acordo com o filósofo Gaston Bachelard (2008), em *The poetics of space* [A poética do espaço], publicado originalmente em 1957. A filosofia aponta uma necessidade humana anacrônica de fuga para um abrigo solitário, o que instiga uma reflexão sobre o que almeja o homem urbano em seus espaços de refúgio e quais elementos comporiam os ambientes reais em busca de uma atmosfera de recolhimento e aconchego.

Trazer para a contemporaneidade esta constatação de Bachelard (2008) remete à fuga de pessoas da atual agitação dos grandes centros urbanos, onde a natureza se faz cada vez menos presente. A rotina de muitos indivíduos que vivem nessas cidades está intimamente relacionada ao uso das novas formas de comunicação, especialmente os aparelhos móveis. Porém, a tecnologia é um aspecto recente e torna-se um elemento no cotidiano que potencializa a situação de desconexão de alguns indivíduos com fatores essenciais à vida.

Esses estímulos proporcionados pela vida agitada das grandes cidades tendem a descentralizar o homem do seu ‘eu’ e de suas relações interpessoais e sensoriais com o ambiente em que vive. Para a pesquisadora Giuliana Capello, o cotidiano frenético vivido pelos moradores dos grandes centros urbanos tem sido relacionado até mesmo ao surgimento de doenças como a depressão e a síndrome do pânico. “[...] cidadãos que pisam calçadas impermeáveis, têm pouco contato com áreas verdes e enfrentam o horário de *rush*, o ambiente urbano pouco ou nada tem inspirado esperança de dias melhores para seus moradores.” (CAPELLO, 2013, p. 89).

Partindo do exposto, observou-se que uma das formas de buscar uma maior conexão com sentimentos primordiais pode ser uma vivência mais distante dos centros urbanos. A natureza que inicialmente representava perigo, agora pode ser considerada um lugar de refúgio e até mesmo proteção da vida moderna.

Dessa forma, surge, em alguns indivíduos, o desejo por um local que remeta à tranquilidade, à busca por uma identidade no espaço habitado e também pela ‘casa natal’ de sua memória, ou seja, tudo aquilo que traz sensação de segurança. Porém, quais espaços podem oferecer ao homem citadino essa atmosfera de refúgio?

A História aponta movimentos que tinham, como proposta, formas alternativas de vida voltadas para a sustentabilidade e o contato com a natureza. Na década de 1960, impulsionado por um movimento de contracultura, teve início o movimento *hippie* nos Estados Unidos, que se espalhou pelo mundo. Dele faziam parte pessoas que queriam sair das zonas urbanas e criar comunidades alternativas em meio à natureza (PEREIRA, 1986).

No Brasil pessoas ligadas ao movimento alternativo buscaram espaços na cidade de Pirenópolis e arredores, localizada no Estado de Goiás, a fim de estabelecer-se em comunidades e refugiar-se do conturbado cotidiano urbano. Sabe-se, empiricamente, que a maioria dessas pessoas chegou à cidade no final da década de 1970 e início da década de 1980.

Este trabalho se propôs a pesquisar espaços de refúgio existentes em Pirenópolis, onde alguns deles têm relação com a chegada dos alternativos. Para a pesquisa, no entanto, o espaço de refúgio não precisava necessariamente estar vinculado ao movimento alternativo. Ainda hoje, muitas pessoas que vivem em Goiânia (GO) e Brasília (DF) veem, na cidade de Pirenópolis (GO), potenciais espaços que os protegem das preocupações cotidianas, trazendo uma atmosfera de aconchego e paz.

Portanto, a pesquisa buscou identificar e analisar ambientes de refúgio existentes em Pirenópolis e arredores a partir de uma dinâmica que começou na década de 1980 e que segue até os dias atuais.

Buscou-se compreender como são os espaços de refúgio em Pirenópolis e quais são os elementos sensoriais e simbólicos que caracterizam esses ambientes como tal. De que forma essas edificações traduzem a atmosfera de aconchego e tranquilidade, por meio de materiais e de elementos arquitetônicos, e como esses aspectos resgatam a atmosfera da 'casa natal' que está no imaginário do homem da cidade grande. Considerou-se importante para a análise o contato desses ambientes com a natureza como elemento essencial para que se obtenha uma atmosfera de refúgio aos grandes centros.

Diversos fatores são importantes para compreender como uma espacialidade transmite a atmosfera de refúgio. As teorias da arquitetura que têm como base a fenomenologia e o existencialismo são importantes para elucidá-los, pois trazem fundamentos que se afinam com os paradigmas pós-modernos do habitar contemporâneo, onde se situa o objeto de estudo deste trabalho.

Dentre os assuntos pertinentes a essas teorias da arquitetura, encontra-se a discussão sobre 'lugar' e sua relação com o homem, essencial quando se trata do refúgio. Outra temática que corrobora com os estudos fenomenológicos é a 'tectônica', que volta a ser discutida no período pós-moderno apontando para a necessidade de criação de ambientes não-homogêneos. Para isso, é essencial que autores, que também possuem expressivas produções arquitetônicas, como Peter Zumthor e Juhani Pallasmaa, falem sobre os aspectos sensoriais na arquitetura.

Os espaços de refúgio presentes neste trabalho possuem, como característica basilar, o pertencimento a um contexto que permite ao seu habitante um contato muito próximo com a natureza. Desdobra-se deste tema a discussão sobre o arquétipo arquitetônico da cabana primitiva, que se faz presente nos espaços de refúgio, e também a conexão que o indivíduo faz desses lugares com a 'casa natal' que está em sua memória afetiva.

O tema escolhido emerge de situações relacionadas aos habitares como espaços emocionais e simbólicos que alcançam uma dimensão sensorial e, dessa forma, podem influenciar na organização espacial da cidade. Está conectado a outras áreas do conhecimento que envolvem, além da Arquitetura e do Urbanismo, o Design, a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a História e a Antropologia Cultural. Todos correlacionados aos valores do habitar contemporâneo.

Desde os tempos remotos as primeiras construções feitas pelo homem já tinham o objetivo de criar um lugar para que ele pudesse se abrigar das intempéries climáticas e de vários inimigos (RYKWERT, 2009). O refúgio é o lugar do essencial e da segurança. Nele se sente protegido dos perigos reais ou imaginários, das feras que habitam a floresta ou dos problemas do cotidiano. Quando o indivíduo passa pela soleira todas as ameaças e as máscaras sociais ficam do lado de fora. É o lugar do prazer, da leveza e da paz de espírito.

O refúgio está em qualquer tempo e espaço. Pode ser um lugar físico, uma edificação. Mas pode ser também uma sensação que se carrega para outros lugares, conforme explica Bachelard (2008). "Assim, o bem-estar devolve-nos à primitividade do refúgio. Fisicamente, o ser que acolhe o sentimento do refúgio fecha-se sobre si mesmo, retira-se, encolhe-se, esconde-se, entoca-se." (BACHELARD, 2008, p. 104). Percebe-se, então, que o refúgio está relacionado à introspecção e ao interior.

Nos centros urbanos a sociedade está convivendo cada vez mais com a tecnologia, propiciando maior acesso às informações e facilitando a mobilidade humana (BAUMAN, 2009). Por outro lado, esses fatores levam o indivíduo a uma vida desenraizada de princípios primitivos de conexão com a natureza e com os próprios sentimentos, pois está cercado por estímulos frenéticos. “[...] como seres humanos, estão confinados de manhã à noite no espaço físico em que atuam, num ambiente já predisposto e continuamente regenerado no decorrer da luta em busca de sentido e identidade.” (BAUMAN, 2009, p. 34). Dessa forma, surge em algumas pessoas o desejo de habitar um lugar com uma atmosfera que propicie vivenciar as sensações de segurança e aconchego que ele pode transmitir.

O historiador e estudioso francês Michel de Certeau é uma grande referência na discussão sobre o cotidiano dos indivíduos e aborda, em seus estudos, a influência da evolução tecnológica na vida pós-moderna. Através de seus apontamentos é possível relacionar como esses fatores estão ligados à arquitetura, ao espaço urbano e à cultura do habitar. Para ele, as informações difundidas pelos meios de comunicação¹ precisam ser analisadas juntamente com o que o indivíduo produz nas horas conectadas a essas imagens (CERTEAU, 1994, p. 39). Essa relação tecnológica, cada vez mais intensa, desgasta os sentidos humanos, desconectando os indivíduos de fatores essenciais e transportando-os para cenários efêmeros de fluxo dinâmico.

Em vista disso, o arquiteto e teórico espanhol Josep Maria Montaner destaca que na contemporaneidade há um novo panorama de realidades espaciais. Ele divide esse fenômeno em três grupos. O primeiro ele chama de ‘espaços midiáticos’, caracterizados pela não predominância do espaço físico, sendo, assim, a arquitetura um contêiner neutro e transparente.

Os limites espaciais físicos tornam-se imperceptíveis no interior do contêiner em função dessa experiência perceptiva e fenomenológica em torno à área das imagens, reproduções, instalações, monitores, dioramas, mecanismos e virtualidades. O espaço doméstico e os lugares de trabalho também podem entrar nessas coordenadas do espaço midiático, à base de contêineres e sistemas de objetos. (MONTANER, 2012, p. 44-45).

A partir da possibilidade de estar conectado à internet recebendo informações em todos os lugares, o isolamento e, conseqüentemente, o refúgio, é diminuído,

¹ Neste caso o autor se refere à televisão e hoje é preciso considerar a internet e as redes sociais virtuais.

quando não impossibilitados. Ao mesmo tempo em que dificultam a relação com quem está próximo, pois o sujeito se isola do contato físico, permanecendo no espaço virtual.

O segundo grupo, dentro do novo panorama de realidades espaciais, de acordo com Montaner (2012), é o dos 'não lugares'. Esses espaços proporcionam o que o autor chama de 'individualidade solitária', pois são locais relacionados à passagem, como os meios de transporte (avião, trem, aeroportos, estradas), de consumo (shopping, supermercado) e de lazer (hotéis). Neles "[...] as pessoas são obrigadas a transitar com um cartão de identificação e devem sempre provar a sua inocência (provar que não são ladrões, estelionatários ou terroristas)." (MONTANER, 2012, p. 45). São espacialidades ligadas ao contato social onde, na maioria das vezes, não se estabelece uma interação direta entre as pessoas. Devido a esta máscara social, não há o desejo de permanecer neles por muito tempo. Os não lugares são, muitas vezes, os alvos de atentados terroristas ou espacialidades das sensações incômodas, como a turbulência em um avião – onde o indivíduo quer ter o mínimo de contato com a realidade.

O etnólogo e antropólogo francês Marc Augé é um estudioso de referência sobre os não lugares e explica que eles pertencem à supermodernidade e são diametralmente opostos à ideia de lar. De acordo com Augé (2010), o conceito de supermodernidade vem de uma necessidade diária, no presente, de dar sentido ao mundo devido a uma superabundância de fatos que chegam ao homem. "Cada um de nós tem, ou pensa ter, o emprego desse tempo sobrecarregado de acontecimentos que atravancam tanto o presente quanto o passado próximo." (AUGÉ, 2010, p. 32).

Esses fatores influenciam diretamente no convívio dos homens com os seus ambientes. Para Augé (2010) há um 'excesso de espaço' relacionado a um 'encolhimento' do planeta e isso se deve à facilidade de deslocamento com os meios de transporte rápidos e também a um bombardeio de informações que chegam até as pessoas mesmo em seus espaços íntimos. Hoje é possível ter acesso aos acontecimentos simultâneos em qualquer parte do mundo a partir da tela de um celular. Esse acesso ao cotidiano de outras culturas traz uma familiaridade, muitas vezes falsa, dando origem a um contraditório "[...] universo relativamente homogêneo em sua diversidade." (AUGÉ, 2010, p. 34).

Esses excessos informacionais geram reflexões sobre o cotidiano do homem na contemporaneidade e sobre a forma que isso influencia os espaços habitados. Augé (2010) explica o paradoxo que a aproximação de lugares através de não lugares propicia e como esse fator inerente a esta contemporaneidade também desperta a necessidade de conexão com algo primitivo e particular:

Porque vivemos uma época, também sob esse aspecto, paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que se reforçam as grandes redes multirraciais, amplifica-se o clamor dos particularismos; daqueles que querem ficar sozinhos em casa ou daqueles que querem reencontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo de outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem – a da terra e das raízes. (AUGÉ, 2010, p. 36-37).

Ainda sobre os 'espaços virtuais' ou 'ciberespaços', Montaner (2012) os aponta como o terceiro grupo do fenômeno da realidade espacial contemporânea. Trata-se de uma espacialidade sedutora e que reflete a capacidade humana de criação e imaginação com diversas promessas sonhadoras e criativas. Mas o autor lembra também que há, nessa virtualidade, diversos aspectos negativos e ocultos.

[...] a sociabilidade, os costumes comunitários, o contato humano, a espacialidade física, a estruturação e equilíbrio típicos das humanizadas cidades europeias, a tolerância para com os demais, a capacidade de reivindicação, associação e rebeldia, são valores imprescindíveis que estão sendo postos em perigo por um novo sistema elitista, individualista, fragmentário e consumista. Em todo caso, devem ser desenvolvidas perspectivas que sejam críticas à hegemonia da tecnologia e seus sistemas de dominação. (MONTANER, 2012, p. 49).

Essa aceleração ocasionada no cotidiano dos homens pelo excesso de informações e tecnologias, levantada por Montaner (2012) e Augé (2010), pode despertar o desejo humano por habitar espaços que lhes tragam identidade e segurança, a fim de se refugiar da agitação. Em alguns indivíduos essa dispersão da realidade pode impulsionar a busca por um modo de vida próximo à natureza e distante das conexões virtuais. Um retorno às essências.

O estudo de caso em Pirenópolis foi eleito por ser uma realidade próxima. A cidade fica a cerca de 130 quilômetros de Goiânia. Esse aspecto permite entender um contexto maior, que é o fenômeno de saída das pessoas dos grandes centros urbanos para cidades menores em busca de espaços que têm relação com a natureza. Este processo é recorrente a espaços urbanos que desenvolvem essa

relação entre a cidade grande e a cidade pequena. Por isso, esta pesquisa pode contribuir com os profissionais que desenvolvem projetos nas grandes cidades ao propiciar a compreensão da importância de contemplar aspectos sensoriais na criação de ambientes.

A pesquisa na cidade de Pirenópolis se faz necessária, ainda, para compreender uma dinâmica social que tem relação com o surgimento de comunidades alternativas, no final da década de 1970 e início da década de 1980, e que reflete ainda nos dias de hoje. Buscou-se compreender porque até os dias atuais a cidade ainda recebe pessoas que buscam uma vida mais próxima à natureza, mesmo que o movimento *hippie* já seja algo do passado.

Após um primeiro levantamento foi possível constatar que nos arredores de Pirenópolis se encontram espaços para retiro espiritual, restaurantes e pousadas que oferecem ao visitante um espaço de refúgio em meio à natureza. Muitos oferecem trilhas e banhos de rio ou cachoeira. Porém, a fim de analisar os aspectos subjetivos da relação que o indivíduo tem com o espaço, optou-se pela análise de ambientes domésticos e que, ainda hoje, estejam habitados.

Foram encontradas três localidades onde existiram comunidades que se instalaram em Pirenópolis com um propósito de vida alternativa e que, ainda hoje, têm algumas de suas casas habitadas. São elas: a Terra Nostra, que fica próxima ao povoado de Bom Jesus; a Omni e a FraterUnidade, que ficam no Vale Dourado. Todas em regiões da zona rural de Pirenópolis.

Também foram identificadas outras moradias, construídas por pessoas com propósitos alternativos, mas que não estavam dentro de comunidades, e casas que foram edificadas sem conexão direta com o movimento alternativo, mas que servem de refúgio para cidadãos viverem próximos à natureza. Muitas dessas pessoas são sensíveis à proteção do meio ambiente e valorizam o fato de habitarem espaços naturais. Alguns desses 'novos' moradores de Pirenópolis desenvolvem ações de preservação ambiental, demonstrando que eles têm uma consciência ecológica muito forte, mesmo não sendo nativos da cidade.

Como recorte para este trabalho, foram selecionadas três casas, sendo duas delas situadas na antiga comunidade FraterUnidade e uma casa que está na Serra dos Pireneus. A escolha partiu de uma classificação criada a partir das 'imagens da função do habitar', de Gaston Bachelard, onde todos os refúgios que fizeram parte

do levantamento foram identificados como 'ninho', 'canto', 'cabana' e 'concha', de acordo com características materiais e imateriais desses lugares.

Dentro dessa seleção, foi escolhido um representante de cada tipo de 'imagem da função do habitar' através de critérios de exclusão, como, por exemplo, o acesso ao morador e ao interior da casa.

Metodologicamente a dissertação está organizada em quatro capítulos, além das considerações finais e dos apêndices. O primeiro se trata desta introdução; no segundo está o referencial teórico, que apresenta a temática do refúgio do ponto de vista da fenomenologia do lugar, que aparece como uma forma de compreensão dos aspectos simbólicos e de identidade dos ambientes, passando por discussões sobre sensorialidade, tectônica e sobre o sentido do habitar. O arquétipo da cabana primitiva auxiliou na compreensão histórica da arquitetura de espaços de refúgio. A vida na natureza foi abordada através da sociologia e ilustrada por experiências históricas dos filósofos Henry David Thoreau e Martin Heidegger.

O capítulo três apresenta a cidade de Pirenópolis, onde é realizada a pesquisa, e seus aspectos históricos, espaciais e a atual dinâmica da cidade. Faz-se necessário contextualizar a chegada de grupos formados por pessoas simpatizantes do movimento alternativo. A história da antiga comunidade FraterUnidade, onde estão situadas algumas casas analisadas neste trabalho, também é abordada neste capítulo. Em seguida, os espaços de refúgio são apresentados através da classificação da 'imagem da função do habitar'.

No quarto e último capítulo disserta-se sobre as três casas selecionadas. Na primeira parte estão elencadas informações detalhadas e analisadas dessas espacialidades. Na segunda parte a análise foi realizada a partir de elementos destacados da fundamentação teórica. São eles: o refúgio e a natureza; conexão interna e externa; objetos; raízes ('casa natal'); o refúgio e o círculo; e sentido material. Outras temáticas também relevantes aparecem de forma transversal dentro desses tópicos. Juntamente com a base teórica estão as informações colhidas na pesquisa de campo. Além dos três objetos de estudo destacados na primeira parte, nesta segunda fase da análise considerou-se importante incluir aspectos materiais e simbólicos dos demais espaços de refúgio domésticos levantados pela pesquisa, pois há elementos pertinentes que auxiliam na compreensão desse universo.

A pesquisa realizada para esta dissertação teve caráter exploratório, a fim de propiciar maior familiaridade com o problema envolvido e ampliar o conhecimento

sobre ele. Foi realizada uma revisão da literatura relacionada ao assunto, um levantamento bibliográfico e documental, além de entrevistas para a coleta de informações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como características a descrição, a análise do processo e do seu significado como focos principais de abordagem.

O conhecimento empírico é muito importante para este estudo e, por isso, foram realizadas entrevistas do tipo 'despadronizadas' ou 'não-estruturadas'. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 197), neste tipo de entrevista "[...] o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada". Dessa forma foi possível explorar mais amplamente a questão da pesquisa com perguntas abertas, pautadas por um roteiro prévio, e obter, do entrevistado, informações sobre a sua relação e vivência com o espaço, sobre aspectos materiais e imateriais da edificação, dados construtivos e históricos, entre outros.

A experiência relatada pelo habitante do espaço de refúgio complementa as versões documentais. Essa coleta de impressões e subjetividades parte da história oral, que permite, ao pesquisador, preencher os vazios que muitas vezes existem na coleta de dados das versões oficiais (MEIHY, 1994).

A importância desta pesquisa está na compreensão de modos de habitar que se propõem ao contato com a natureza e a uma profunda conexão entre o morador e o lugar. E também com a forma com que os estudos relacionados à fenomenologia da arquitetura se aproximam da realidade encontrada nos espaços de refúgio pesquisados.

“Mesmo quando tudo pede
 um pouco mais de calma
 Até quando o corpo pede
 um pouco mais de alma
 A vida não para
 Enquanto o tempo acelera
 e pede pressa
 Eu me recuso, faço hora
 vou na valsa
 A vida é tão rara”
 (Dudu Falcão/Lenine)

2 O HABITAR COMO MICROCOSMOS

2.1 DIMENSÃO FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL

Várias temáticas e paradigmas teóricos surgiram no debate sobre a Arquitetura a partir da década de 1960 motivadas por uma necessidade de superação de temáticas ligadas à teoria modernista – como o formalismo e o funcionalismo. Para a arquiteta e professora norte-americana Kate Nesbitt, a teoria se faz necessária para que sejam propostos novos referenciais e, assim, emergir novas resoluções para problemas conceituais – problematizadas pela filosofia, ou ligados a questões físicas – resolvidas à luz da tectônica (NESBITT, 2008).

Ao propor uma nova teorização da Arquitetura, pautada pela pluralidade de pensamentos, Nesbitt (2008) considera fazer uma revisão do modernismo e, em seguida, recorrer a diversas abordagens, que perpassam pela política, ética, linguística, estética e fenomenologia, sem buscar uma unificação de discursos. Para ela, essa multiplicidade de pontos de vista é a principal característica do pós-modernismo, o qual Nesbitt (2008) prefere denominar de ‘período pluralista’.

Essa busca pela superação do modernismo acontece a partir de meados da década de 1960, no mesmo período histórico em que as ideias ligadas à contracultura e à preocupação ecológica estão sendo disseminadas em todo o mundo (a temática é abordada com maior destaque no terceiro capítulo). Como destaca Nesbitt (2008, p. 22): “[...] o ativismo estudantil em prol dos direitos humanos, da liberdade e da proteção do meio ambiente coincidiu com o surgimento da cultura da droga, do rock e do pacifismo”. É nesta conjuntura de mudança de paradigmas que se encontram os principais referenciais teóricos deste trabalho.

Para dar início às reflexões teóricas propostas, recorreu-se ao filósofo existencialista alemão Martin Heidegger, que levanta uma discussão sobre o habitar

no período pós-guerra através do texto *Bauen whonen denken*, em português: Construir, habitar, pensar. A obra foi escrita a partir de uma conferência proferida por ele em 1951, logo após a II Guerra Mundial, quando a Alemanha estava devastada pelo confronto.

Neste texto o autor parte da linguagem para levantar o significado de várias palavras que envolvem o sentido de construir e habitar, estabelecendo relações entre elas e chamando o leitor à reflexão sobre o assunto. “O acesso à essência de uma coisa advém da linguagem.” (HEIDEGGER, 2012, p. 126). Através dessa avaliação Heidegger (2012, p. 128) diz que a palavra construir (*bauen*) é propriamente o habitar, já que habitar (*wohnen*) é “[...] o modo como os mortais são e estão sobre a terra”. A palavra construir, neste caso, pode ser compreendida como cultivo e crescimento ou pode significar o ato de edificar construções.

O filósofo associa os dois significados em sua reflexão, pois, segundo ele, primeiramente o indivíduo internaliza a essência do construir enquanto cultivo e crescimento para, enfim, construir edificações. “Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos *como aqueles que habitam*” (HEIDEGGER, 2012, p. 128, grifo do autor). A explicação do estudioso mostra que essa internalização da essência do construir deveria, de fato, ser a forma de construção do habitar.

As reflexões sobre a linguagem, o significado e o sentido de construir e habitar feitas por Heidegger embasam as reflexões de um estudioso que discute essa nova teorização sobre o campo da arquitetura, o arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz. Para ele as individualidades do cotidiano devem estar entre as principais preocupações da arquitetura. Deixada de lado pelo funcionalismo, a temática está presente nas discussões sobre arquitetura que propõem superar a fase modernista (NORBERG-SCHULZ, 2008).

Para Norberg-Schulz (2008) é necessário desenvolver uma fenomenologia da arquitetura a fim de dar significado ao ambiente. Sua teoria é chamada de Fenomenologia do Lugar e propõe um olhar para o que é essencial. Seus estudos sobre a temática estão no texto *O fenômeno do lugar*², de 1976, e propõem um ‘retorno’ à essência das ‘coisas’, que é a base da filosofia existencialista de Martin

² O texto está na obra *Uma nova agenda para a arquitetura*, organizada por Kate Nesbitt, em edição publicada em 2008.

Heidegger. Estabelece-se, neste caso, uma interpretação das relações subjetivas que envolvem o homem e seus espaços habitados.

De acordo com a arquiteta e pesquisadora do habitar doméstico, Érica Negreiros de Camargo, este sentido de habitar se refere à relação entre o homem e os ambientes. Mas não em um sentido quantitativo ou material, como um teto e um ‘certo número de metros quadrados’, e sim em um sentido de permanência, da “[...] forma como estabelecemos nossa existência diária no mundo.” (CAMARGO, 2010, p. 19). O ‘lugar’ é o espaço físico onde isso acontece. Norberg-Schulz (2008) explica que a estrutura do lugar é analisada por duas categorias: o espaço – que indica a organização tridimensional dos elementos do lugar, e o caráter – que é a atmosfera geral do lugar. A partir da análise dessas duas categorias surge o conceito de lugar como um mundo estruturado, não se referindo apenas a uma localização abstrata, mas a algo constituído também por coisas concretas, como forma, textura e cor, que, reunidas, formam a ‘essência do lugar’ (NORBERG-SCHULZ, 2008).

E essa ‘essência do lugar’ é a base do conceito romano *genius loci*, resgatado pelo teórico norueguês, e que significa ‘o espírito do lugar’, determinando assim o caráter do ambiente. Segundo Norberg-Schulz (2008), havendo o reconhecimento deste caráter pelo indivíduo, ele consegue estabelecer uma relação amistosa com o espaço habitado. Porém, o teórico faz uma crítica ao homem moderno por ter desconsiderado a influência do caráter do lugar e sua relevância como um importante fator na arquitetura. “O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado.” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 454). Com essa atribuição de significados, o indivíduo estabelece vínculos assertivos que são fundamentais para a conexão que busca ter nos ambientes de refúgio.

Todo o caráter do lugar, segundo Norberg-Schulz (2008, p. 457), consiste em “[...] uma correspondência entre o mundo externo e o mundo interno, entre corpo e alma”. Ao analisar o poema Uma noite de inverno, de Georg Trakl, que fala sobre uma casa que está bem preparada para refugiar o peregrino do frio, o teórico norueguês divide os elementos que compõem o texto literário entre referências do ‘lado de dentro’ e do ‘lado de fora’. Por exemplo, o lugar natural é referenciado pela neve. Já a mesa posta indica o interior. Schulz conclui mostrando que há uma relação complementar entre esses dois lados, que se estabelece por aberturas,

como janelas e soleiras. É um caminho percorrido pelo homem de fora para dentro, onde ele leva do exterior o que irá adquirir significado no interior.

Mas esse habitar não é fácil, tem de ser alcançado por caminhos escuros e uma soleira separa o dentro do fora. Representando a 'brecha' entre a 'alteridade' e o sentido manifesto, a soleira concretiza a dor que 'se petrifica'. Assim, é na soleira que o problema do habitar se torna presente. (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 447).

O movimento do homem pela soleira – entre o externo e o interno – é que traz o reconhecimento do *genius loci* e faz parte dos espaços de refúgio abordados neste trabalho. Assim, ele passa a se identificar com o lugar e de fato habitá-lo. São as ações e os acontecimentos que atribuem valor simbólico ao espaço.

Essa ideia é apoiada e debatida por Josep Maria Montaner. Ele concorda que é a experiência que determina a diferença entre a ideia de lugar e a de espaço. “Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo por parte do corpo humano.” (MONTANER, 2012, p. 38). Portanto, uma construção (arquitetura) só tem sentido quando é apropriada por pessoas que se identificam com ela. Por isso, a sensação do retorno ao lar quando o indivíduo se depara com uma lembrança de um lugar que marcou a sua infância, por exemplo.

No livro *A poética do espaço*, Gaston Bachelard fala que esse lugar da infância é reconhecido pela expressão 'casa natal'. Ela remete ao primeiro vínculo do indivíduo com a subjetividade do espaço – as primeiras memórias e sensações. “Em suma, a 'casa natal' gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar daquela casa; e todas as outras não passam de variações de um tema fundamental.” (BACHELARD, 2008, p. 34).

A ideia da 'casa natal' pertence à memória do corpo que não desvincula a experiência do habitar da segurança que as recordações da infância lhe proporcionam. O conceito do teórico e arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, presente no texto *A geometria do Sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura*³, de 1986, sobre a metáfora do corpo com o espaço cotidiano, aproxima-se da análise de Bachelard (2008).

³ Este texto também está presente na obra *Uma nova agenda para a arquitetura*, organizada por Kate Nesbitt, em edição publicada em 2008.

Pallasmaa (2008) também fala sobre o quanto a memória da primeira infância é importante para a análise fenomenológica da arquitetura. Segundo este autor, ao contrário do que se pensa, a memória da criança não é imprecisa e tampouco produto de uma consciência ingênua.

Sem dúvida, o fato de que certas lembranças remotas conservam para toda a vida sua identificabilidade pessoal e vigor emocional é uma prova convincente da importância e da autenticidade dessas experiências, assim como os sonhos e devaneios diurnos revelam os conteúdos mais verdadeiros e espontâneos de nossa mente. (PALLASMAA, 2008, p. 485).

É recorrente perceber que, devido à sensação de felicidade proporcionada pelo ambiente da infância que está na memória, as dimensões reais do espaço se alteram. Assim, pode acontecer de um indivíduo se lembrar de sua casa natal como um ambiente maior ou mais alto do que de fato ele é. As dimensões na memória acabam sendo proporcionais ao valor atribuído àquela espacialidade. “Porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo.” (BACHELARD, 2008, p. 24).

Compreende-se, então, a importância da memória afetiva ligada aos ambientes da infância e como o indivíduo traz esses aspectos para criar identificação nos ambientes atuais, resgatando valores primitivos e formando o imaginário da arquitetura.

Para o fenomenólogo Norberg-Schulz (2008), o reconhecimento do indivíduo com o lugar é a base para a sensação de pertencimento, independente de esse lugar ser a casa natal, um refúgio na vida adulta ou outro ambiente. “Hoje começamos a compreender que a verdadeira liberdade pressupõe um sentimento de pertencer e que ‘habitar’ significa pertencer a um lugar concreto.” (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 458).

2.1.1 Os modos e as imagens do habitar em Norberg-Schulz e em Bachelard

Conforme Camargo (2010), na obra *The concept of dwelling: on the way to figurative architecture* [sem título em português], Christian Norberg-Schulz explica que existem quatro modos de habitar: o natural, o coletivo, o público e o privado.

O habitar natural seria o primeiro modo e está relacionado à ‘domesticação’ deste meio. Seria uma fase de desbravamento ou a “[...] busca por uma base sólida em um determinado meio para se avançar com segurança” (NORBERG-SCHULZ, 1985 apud CAMARGO, 2010, p. 20-21). O segundo modo seria o coletivo, onde há um “[...] intercâmbio, tanto de produtos, quanto de ideias ou sentimentos.”, conforme Norberg-Schulz (1985 apud CAMARGO, 2010, p. 20-21). Está relacionado com o espaço urbano e o contato entre os homens, que o habitam buscando experimentar a riqueza do mundo.

O terceiro habitar é o público, onde se partilha com a comunidade, onde há relações de interesse ou de valores em comum. “E, para que acordos possam acontecer [...] há que se haver um *lugar* no qual os valores comuns possam ser acolhidos e expressados” (NORBERG-SCHULZ, 1985 apud CAMARGO, 2010, p. 21, grifo do autor). Por fim, o habitar privado, longe dos espaços e máscaras sociais. “O cenário onde esse habitar privado tem lugar é a casa – ou o lar –, onde experimentamos a chamada ‘paz doméstica’.”, diz Norberg-Schulz (1985 apud CAMARGO, 2010, p. 22).

Desta forma, o autor norueguês aponta o sentido de habitar de forma ampla e com uma essência que se relaciona diretamente com a experiência humana nos lugares. O homem, muitas vezes, habita mais de um desses espaços, estabelecendo conexões entre eles. A partir disso, pode-se considerar que os objetos tratados nesta pesquisa se enquadram no modo de habitar privado ou ‘doméstico’, sendo este último termo o utilizado por Camargo (2010).

Bachelard (2008), através de estudos ligados à Filosofia e à Literatura, criou as chamadas ‘imagens da função de habitar’. São espacialidades que possuem a capacidade de dialogar com a alma humana e por isso podem ser consideradas como ambientes de refúgio. Dentre elas estão a cabana, o ninho, o canto e a concha.

A primeira ‘imagem’ a ser abordada, a cabana, representa um lugar onde se acentua a primitividade do homem e a sua busca por habitar longe das preocupações cotidianas. Para explicar esse sentimento o filósofo narra o sonho do escritor Henri Bachelin, quando ainda era garoto, de morar em uma cabana no meio dos bosques. É nesta casa simples que o personagem se sente protegido da fome, do frio e dos perigos selvagens. Sente também uma sensação de prazer em habitar aquele espaço. “Na maior parte de nossos sonhos de cabanas, desejamos viver em

outro local, longe da casa atravancada, longe das preocupações citadinas. Fugimos em pensamento para procurar um verdadeiro refúgio.” (BACHELARD, 2008, p. 48).

Em relação aos aspectos físicos, a cabana é caracterizada por uma espacialidade simples, reduzida, despojada de luxo e adornos. “A cabana revela-se como a raiz axial da função de habitar. Ela é a planta humana mais simples, aquela que não precisa de ramificações para subsistir.” (BACHELARD, 2008, p. 48). Sobre os aspectos subjetivos, ela é o habitar que está na memória da imaginação infantil, cujos elementos simbólicos se relacionam com a afetividade que destinou a esta espacialidade.

O ninho é uma espacialidade feita para a proteção e construída buscando a perfeição – vide as construções feitas pelos pássaros. É um lugar de repouso, tranquilidade, bem-estar e simplicidade. Fica escondido entre os galhos das árvores. Porém, há uma dialética neste refúgio. Ele não está ligado à solidão, mas ao movimento e ao envolvimento. O ninho é vivo. Não é um lugar novo, intocado e inóspito. Aproxima-se da casa real que pertenceu à infância, onde o indivíduo quer voltar, pois ali se encontra espaço para os sonhos.

Esse signo da *volta* marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. Nas imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente íntimo de fidelidade (BACHELARD, 2008, p. 111, grifo do autor).

Os ambientes ninho fazem referência ao bem-estar como uma forma de nos devolver à primitividade do refúgio. O ninho vivo é um ninho habitado e pode ser considerado o centro de um universo. Ele fica escondido e, apesar de precário, conecta-se ao mundo e a uma instintiva confiança nativa – “[...] não conhecem a hostilidade do mundo.” (BACHELARD, 2008, p. 115).

Pelo exposto, um espaço de refúgio com as características de ninho busca agregar e não habitar sozinho. É o lugar de quando já se sonha em viver de forma semelhante à primeira casa na infância. Buscam-se referências a essa casa da memória.

Outro espaço de refúgio apontado por Bachelard (2008) em sua análise poética é o canto. A principal característica desse espaço é a sua proposta de imobilidade. Esta seria o primeiro valor do ser, de onde vem a sensação de segurança para um recolhimento em si mesmo. É um lugar onde procuramos nos

esconder e garantir a imobilidade para que este seja apenas o espaço do ser. O autor conta sobre um possível nobre que, mesmo vivendo em um lugar suntuoso, procurava pequenos espaços para esse encontro consigo mesmo. Ele aninhava-se nos cantos durante a ausência da sua amante.

Os cantos são lugares de lembranças reais ou de devaneios. Eles parecem não estar habitados, são lugares em silêncio, onde se guardam os pensamentos e sonhos. Como um quarto construído ao redor de nosso corpo, negando, assim, o Universo. “O sonhador está feliz por ser triste, contente por estar só e esperar. Nesse canto medita-se sobre a vida e a morte, como sempre acontecer no auge da paixão.” (BACHELARD, 2008, p. 149). E este canto pode estar em qualquer contexto. Seja ele em um palácio ou em uma choupana.

Outra ‘imagem da função de habitar’ descrita pelo filósofo é a concha. Na natureza é a morada do molusco que, mesmo sendo composto por substâncias líquidas e moles, emana a sua sólida fortaleza geométrica. Ela tem um caráter cartesiano – cresce na medida exata de seu hóspede – e, ao contrário das outras espacialidades, o seu habitante precisa “[...] viver para construir sua casa, e não construir sua casa para viver nela.” (BACHELARD, 2008, p. 118). Ou seja, o usuário é o centro neste caso. A concha emana uma beleza que, para o autor, pode incomodar a ‘meditação da intimidade’.

O filósofo devaneia ao imaginar que se o cinema fizesse uma imagem acelerada de um caracol saindo de sua concha, isso despertaria medo. “Há um signo de violência em todas as figuras em que um ser superexcitado sai da concha inerte.” (BACHELARD, 2008, p. 123). Dessa forma, é possível associar que uma espacialidade caracterizada como concha seria um lugar onde o indivíduo se recolhe por um tempo e repentinamente volta à realidade, o que pode ter uma relação com a agressividade. “Nesse refúgio a vida concentra-se, prepara-se, transforma-se.” (BACHELARD, 2008, 130). Assim, a concha sugere um caráter flexível e reversível, que se molda a partir da vontade do usuário, e é um lugar que está em constante transformação.

A rudez exterior da concha amedronta o que é de fora, sendo, assim, um mecanismo de defesa, impedindo-os de entrar. Deve-se estar só para habitá-la. Apesar das características mais agressivas, o interior da concha é suave e de aspecto nacarado, ou seja, há beleza e transmite tranquilidade ao seu habitante. Observa-se, então, que várias relações dialéticas permeiam esse espaço, como a do

livre e do acomodado, do oculto e do manifesto, do plácido e do ofensivo, do fraco e do vigoroso (BACHELARD, 2008).

O QUADRO 1 traz as características básicas das imagens da função do habitar descritas anteriormente.

Quadro 1 – Imagens da Função do Habitar em Bachelard

Imagens	Características básicas
Cabana	<ul style="list-style-type: none"> • Primitividade humana; • Simplicidade; • Proteção; • Não é atravancada; • Despojada de luxo e adorno; • Memória infantil (aventura), casa do sonho da infância; • Longe das preocupações citadinas; • Raiz axial da função de habitar.
Ninho	<ul style="list-style-type: none"> • Proteção, confiança e repouso; • Bem-estar; • Simplicidade; • Movimento e envolvimento; • Vivo; • Não é novo, intocado; • Espaço dos sonhos; • Agrega, não habita sozinho; • Casa real da infância.
Canto	<ul style="list-style-type: none"> • Imobilidade; • Segurança; • Recolhimento em si mesmo; • Espaço do ser; • Lugar das lembranças e devaneios; • Parecem não estar habitados; • Silêncio.
Concha	<ul style="list-style-type: none"> • Cartesiano; • Usuário como o centro; • Beleza; • Violência (agressividade); • Recolhimento e imersão para depois sair para o mundo; • Rudez; • Flexível e reversível; • Constante transformação; • Interior suave, tranquilo e belo; • Formas geométricas; • Quem é de fora ‘tem medo’; • Vida se concentra e se transforma.

Fonte: Elaboração própria a partir de Bachelard (2008).

A partir das quatro imagens do habitar apresentadas é possível constatar que há um importante elemento do refúgio comum a todas, que é a relação do espaço habitado com a natureza. Esta relação auxilia o homem das grandes cidades na conexão e no resgate de seus valores primitivos e do sentimento de pertencimento e segurança.

2.2 EXPRESSÃO TECTÔNICA

Assim como a fenomenologia, a tectônica está entre os principais temas do debate contemporâneo que envolve a arquitetura na fase pós-modernista. O termo ‘tectônica’ remonta a cerca de dois mil anos e vem do grego *tekton* (carpinteiro) (AMARAL, 2009). A expressão ganhou sentido no âmbito da arquitetura a partir do século XIX, quando foi retomada pelos teóricos alemães Carl Bötticher⁴ e Gottfried Semper⁵, e, posteriormente, já no século XX, pelos teóricos e arquitetos Vittorio Gregotti, Marcos Frascari e Kenneth Frampton (AMARAL, 2009).

A partir da crise do movimento moderno, a palavra tectônica ganha na arquitetura o sentido de ‘poética da construção’, onde a materialidade e a expressividade andam juntas. Para Frampton (2008), a importância do resgate da discussão sobre tectônica está no argumento de que a arquitetura na fase pós-modernista estava sendo, muitas vezes, reduzida à cenografia, ao empacotar o abrigo como uma mercadoria gigante.

Frampton afirma que uma poética da construção oferece a possibilidade de resistir à *mercantilização* do abrigo e à predominância da abordagem pós-moderna do galpão decorado no projeto arquitetônico propalado por Robert Venturi, Denise Scott Brown et alii. A tectônica é um poderoso antídoto contra essa tendência, porque é “aestilística”, interna à disciplina (isto é, autônoma) e mítica. (NESBITT, 2008, p. 556).

Robert Venturi e Scott Brown, citados por Nesbitt (2008), estão entre os principais teóricos do pós-modernismo. Porém, algumas ideias suas difundidas

⁴ Arquiteto alemão do século XIX que buscou “[...] estabelecer uma nova compreensão da arquitetura a partir do ponto de vista de sua relação à construção”, porém ateu-se apenas à arquitetura grega (AMARAL, 2009, p. 152). Foi professor de Tectônica na Academia de Arquitetura em Berlim.

⁵ Gottfried Semper foi um dos mais significativos arquitetos alemães do século XIX. Diferentemente de seu contemporâneo Bötticher, Semper buscou criar uma teoria geral da arquitetura. “[...] a noção de tectônica, mesmo atualmente, está intimamente ligada.” (AMARAL, 2009).

reduzem a arquitetura a um espaço para anúncios publicitários, como a ideia de galpão decorado⁶. Entre as afirmações polêmicas está a de que se ‘tirarmos os letreiros, não existe o lugar’, em uma referência a Las Vegas. A frase confronta as teorias fenomenológicas, que refletem sobre a criação do ‘lugar’ como atributo importante para a arquitetura (NESBITT, 2008).

É a partir deste contexto que Frampton (2008) afirma que a arquitetura precisa se expressar na forma estrutural e construtiva, e que a tectônica se faz necessária por ir contra a tendência do galpão decorado, ser autônoma, mítica e não seguir um estilo.

Com base nos estudos teóricos do alemão Gottfried Semper, Frampton (2008) explica ainda que a forma construída foi dividida em dois procedimentos materiais: a tectônica da estrutura – onde materiais de diversos tamanhos abarcam em comprimento a espacialidade (como a madeira, o bambu, o vime, a cestaria); e a estereotômica⁷ da massa comprimida – onde o material idêntico é empilhado (como o tijolo, a rocha, a terra batida, o concreto armado). O autor, ao fazer uma análise do ponto de vista ontológico, interpretou que, enquanto a primeira forma tende para o aéreo e para a desmaterialização da massa, a segunda tende para a terra.

Esses opostos gravitacionais, imaterialidade da armação e materialidade da massa, simbolizam os dois opostos cosmológicos aos quais elas aspiram: o céu e a terra. [...] O exercício da arquitetura empobreceu-se a um nível tal que deixamos de reconhecer esses valores transculturais e o modo como permanecem latentes em todas as formas estruturais. (FRAMPTON, 2008, p. 562).

Para isso, faz-se necessário uma conexão entre essa dicotomia que, segundo Frampton (2008), baseado na tese de Semper, trata-se da ‘junção’ como elemento tectônico primordial. É a junção que faz a passagem entre a base estereotômica e a estrutura tectônica. Para ele, é nessa passagem que está a essência da arquitetura e que a diferencia de outras culturas construtivas.

Para compreender a essência do núcleo tectônico, Frampton (2008) recorre ao teórico alemão Carl Bötticher, segundo o qual o revestimento de um edifício é um

⁶ Nesbitt (2008, p. 339) explica que o galpão decorado se refere a um modelo criado por Robert Venturi em um projeto para um museu do futebol. Um enorme painel eletrônico ficaria na entrada do museu exibindo mensagens publicitárias e informativas. O museu ficaria atrás desse painel e teria formato abobadado, como um galpão. Segundo a autora, “[...] a construção funciona, portanto, como um quadro para os cartazes”.

⁷ Palavra grega que significa cortar o sólido. Refere-se à arquitetura por escavação. Ex. cavernas ou grutas.

elemento capaz de revelar esse fator primordial. Isso traz um reconhecimento simbólico à edificação e por isso a arquitetura está além do ‘mero pragmatismo da construção’. Assim, o valor simbólico da forma estrutural é adquirido ao estabelecer relações entre a forma orgânica e a tectônica (FRAMPTON, 2008).

A relação entre a arquitetura e o terreno também é uma temática relevante à tectônica. A partir da observação da cabana caribenha (ou caraíba) na Grande Exposição de 1851, em Londres, Semper (1852 apud FRAMPTON, 2008) explica que são quatro os elementos da arquitetura: a lareira, o aterro, uma armação ou telhado, e uma membrana envoltória. Desse modo, a preparação do terreno para a construção teria relação com o aterramento (forma básica fundamental) e com a lareira, sendo que este último elemento está carregado de importância simbólica. “[...] a origem da lareira estava ligada à do altar, e, como tal, era o nexos espiritual da forma arquitetônica.” (FRAMPTON, 2008, p. 564).

A tectônica e as relações sutis que envolvem a construção vêm de características físicas do material utilizado e também de referências estéticas externas. Assim, o projetista deve levar em consideração que a tectônica é uma “[...] importante alternativa à homogeneização do ambiente construído”, advinda do processo de “[...] modernização das técnicas construtivas e industrialização dos materiais.” (NESBITT, 2008, p. 503; 557).

Juntamente com a tectônica, o detalhe narrativo também se apresenta como uma forma de resgatar alguns princípios defendidos pelo modernismo, como o da ‘verdade construtiva’, que buscam ser ampliados por alguns teóricos, também dentro do contexto de uma leitura fenomenológica. Nesbitt (2008) ressalta que o arquiteto Vittorio Gregotti⁸, estudioso pós-moderno, considera que é através do detalhe que a arquitetura se diferencia da construção.

O detalhamento revela as propriedades dos materiais pela aplicação das leis da construção e torna inteligíveis as decisões do projeto. O detalhe também coloca em questão o problema da hierarquia, porque sugere uma possível relação entre a parte e o todo. (NESBITT, 2008, p. 535).

Dessa forma, Gregotti (2008) entende que esse novo olhar para os detalhes atribuiu mais expressividade ao uso de materiais de acordo com os seus valores simbólicos e práticos, revelando que não podem ser relegados a segundo plano. O

⁸ Referente ao texto O exercício do detalhe, de 1983, que se encontra no livro Uma nova agenda para a arquitetura, organizado por Nesbitt (2008).

arquiteto Marco Frascari⁹ reforça essa ideia ao afirmar que os detalhes são “[...] as unidades mínimas de significação na produção arquitetônica de significados.” (FRASCARI, 2008, p. 539).

Agrega-se a isso, novamente, a ‘junção’, que é um importante elemento no processo de significação da arquitetura. Podem ser ‘juntas materiais’ ou ‘juntas formais’, como uma ligação entre o interno e o externo. “Assim os detalhes são um resultado direto da diversidade de funções que existe na arquitetura. São as expressões mediatas ou imediatas da estrutura e do uso das edificações.” (FRASCARI, 2008, p. 541).

O QUADRO 2 apresenta características e elementos da tectônica de acordo com cada autor relacionado à temática.

Quadro 2 – Categorias – tectônica

Autores	Época	Características e elementos
Gottfried Semper	Século XIX	<ul style="list-style-type: none"> • Lareira; • Aterro; • Amarração ou telhado; • Membrana envoltória.
Vittorio Gregotti	Séculos XX e XXI	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão expressiva; • Valores simbólicos; • Prática dos detalhes.
Marco Frascari	Séculos XX e XXI	<ul style="list-style-type: none"> • Detalhe construtivo; • Detalhe arquitetônico; • Junção formal; • Junção material.
Kenneth Frampton	Séculos XX e XXI	<ul style="list-style-type: none"> • Tectônica da estrutura; • Estereotômica; • Junção.

Fonte: Elaboração própria a partir de Nesbitt (2008).

Todas essas temáticas ligadas à expressão tectônica mostram que os aspectos materiais do ‘ato de construir’ não estão dissociados do significado e do simbolismo que permeiam o habitar. Dessa forma, faz-se necessário abordar temáticas que relacionam a percepção do homem aos ambientes habitados.

⁹ Autor do texto O detalhe narrativo, de 1984, também presente no livro Uma nova agenda para a arquitetura.

2.2.1 Aspectos sensoriais

Há lugares que servem ao homem como abrigo. São testemunhas das atividades cotidianas e guardam a intimidade daqueles que o habitam. Porém, a noção de intimidade e de privacidade era algo que não existia na Idade Média, conforme relatam o teórico e arquiteto Wiltold Rybczynski e a professora Joan DeJean. As pessoas viviam de modo coletivo em casas com pouca ou nenhuma divisão de ambientes. “As casas eram cheias de gente, muito mais do que hoje em dia, e não se conhecia a privacidade.” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 32). A partir do século XVII se começa a desenvolver essas noções nos ambientes domésticos das grandes cidades europeias. “O surgimento da intimidade e da privacidade nas casas de Paris e de Londres e, um pouco depois, até em lugares tão remotos como Oslo, foi uma reação involuntária, quase inconsciente, às mudanças nas condições de vida urbana [...]” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 63).

Com isso, o conforto e o bem-estar físico passam a ser quesitos que se relacionam com o ambiente. Porém, esses conceitos são muito particulares e variam de pessoa para pessoa. Para DeJean (2012, p. 9), “[...] cada um tem uma opinião diferente quanto ao que é mais importante para o bem-estar”. Para a arquiteta Érica Negreiros de Camargo a noção de conforto está mais relacionada ao sentir do que a uma racionalização dessa sensação. Além disso, ela acredita que os aspectos culturais também influenciam no que é o conforto para cada indivíduo.

Então, se as decisões ou escolhas – sejam elas formais ou funcionais – com relação ao espaço do habitar doméstico estão submetidas ao contexto cultural de quem as define, elas estão sujeitas ao que cada cultura considera como principal componente de sua visão de mundo, assim como às visões específicas – e, às vezes, muito particulares – dessas culturas a respeito de conceitos como conforto, utilidade, religião, etc. (CAMARGO, 2010, p. 51).

Depois que as noções de privacidade, intimidade e conforto passaram a fazer parte das casas é possível perceber que, ao se relacionar com seus espaços privados, as pessoas criam vínculos emocionais, pois atribuem valor simbólico a eles. Os fatores materiais, como visto na expressão tectônica, podem despertar sentimentos que se conectam com a memória afetiva e com o imaginário do

indivíduo. A sensação de pertencimento àquela espacialidade advém dessa associação.

Nas discussões teóricas sobre design e arquitetura há autores que empreendem o debate sobre como as pessoas percebem os espaços e sobre as sensações que o lugar projetado poderá despertar no usuário. A designer Lia Krucken, em seu livro *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*, considera como ‘qualidade percebida’ o resultado das experiências que envolvem uma ‘qualidade esperada’ (antes do consumo) e da ‘qualidade experimentada’ (depois do consumo). Ou seja, a ‘qualidade percebida’ é resultado da percepção do indivíduo com aquele objeto ou espaço que, assim, atribui significado para as coisas (KRUCKEN, 2009).

Para que essa percepção se configure a autora enumera seis dimensões de valor que compõem a ‘qualidade percebida’. São eles: valor funcional ou utilitário (atributos objetivos relacionados ao uso e aos aspectos ergonômicos); valor emocional (incorpora motivações afetivas, ligadas às percepções sensoriais e de memória); valor ambiental (uso sustentável de recursos naturais); valor simbólico e cultural (ligado aos significados espirituais e o sentido de pertença); valor social (aspectos sociais que permeiam os processos de produção); e valor econômico (relação custo/benefício) (KRUCKEN, 2009).

Outro autor que busca compreender essa percepção do usuário para projetar ambientes é o arquiteto suíço Peter Zumthor, que tem seu trabalho reconhecido pela grande sensibilidade no uso de materiais e atenção às sensações que o lugar projetado irá despertar no usuário.

No livro *Atmosferas*, editado a partir de uma conferência, o autor questiona o que é qualidade arquitetônica e ressalta que a primeira impressão do indivíduo em relação ao espaço é fundamental para se adquirir essa qualidade. É neste primeiro momento que o essencial do espaço é percebido. “A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. [...] Compreensão linear imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata.” (ZUMTHOR, 2006, p. 13). As pessoas são tocadas de imediato pela experiência, afirma.

Ao descrever uma cena em uma praça em que está sentado, Zumthor (2006) informa quais foram as sensações percebidas por ele, buscando recriar ao seu expectador/leitor qual seria a atmosfera daquele espaço. Descreve em detalhes o

jeito que os transeuntes passam, os ruídos e os aromas presentes e até mesmo como está o ar naquele ambiente. “E o que é que me tocou para além disso? A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura em que ali estive sentado.” (ZUMTHOR, 2006, p. 17). Em seguida, o autor, carregado de sentimentos vividos naquele momento, imagina-se eliminando a praça daquela experiência e constata que os sentimentos não são mais os mesmos. “Uma experiência simples, desculpem a simplicidade do meu pensamento. Mas ao eliminar a praça – os meus sentimentos desaparecem. [...] Existe um efeito recíproco entre as pessoas e as coisas.” (ZUMTHOR, 2006, p. 17). A partir deste relato se observa que o ambiente é algo muito importante para a percepção humana e essencial para a atmosfera.

Diante do exposto, seria possível a criação de atmosferas intencionalmente? Zumthor (2006) busca responder positivamente a este questionamento em seus trabalhos de arquitetura. Ele enumera diversos fatores que podem influenciar para que este objetivo seja alcançado, como, por exemplo, a relação entre o ambiente externo e o interno; a forma como a iluminação natural e a artificial fazem parte desse espaço; a temperatura almejada e até mesmo o corpo da arquitetura.

O autor explica que utiliza a expressão ‘corpo da arquitetura’ como uma analogia ao corpo humano, sendo então a arquitetura uma anatomia composta pela pele e também por ‘coisas’ que não se pode ver, mas que juntas são importantes para compor a atmosfera de um lugar. “[...] assim funciona também a arquitetura e assim tento pensá-la. Corporalmente, como uma massa, como membrana, como tecido ou invólucro, pano, veludo, seda, tudo o que me rodeia. [...] Que me pode tocar.” (ZUMTHOR, 2006, p. 23). Este conceito se aproxima das reflexões sobre tectônica e a materialidade da arquitetura. A abordagem do corpo está presente nas discussões pós-modernas sobre arquitetura, tratada de forma antagônica no período modernista¹⁰.

Os materiais também são fundamentais para a projeção desta experiência singular. Zumthor (2006) acredita que o peso de cada um ou a forma que ele absorve ou emite calor formam um conjunto que pode transmitir algo único. O arquiteto e teórico finlandês Juhani Pallasmaa ressalta que a materialidade está

¹⁰ Nesbitt (2008, p. 74) ressalta que Le Corbusier era um dos únicos entre os arquitetos modernistas que considerou o corpo, preocupando-se em criar uma escala humana, já que a maioria dos funcionalistas não levaram em conta a relação corpo e arquitetura. Já as abordagens pós-modernas se atentam para o ‘corpo humano como terreno da arquitetura’.

enfraquecida nas construções atuais devido ao uso demasiado de materiais industrializados. Então, para ele, o uso de materiais naturais (pedra, tijolo, madeira) transmite maior veracidade. “[...] expressam sua idade e história, além de nos contar suas origens e seu histórico de uso pelos humanos. [...] a pátina do desgaste leva a experiência enriquecedora do tempo aos materiais de construção.” (PALLASMAA, 2011, p. 30).

Esse tipo de material integra os ambientes com características de refúgio, em sua maioria. Porém, na contemporaneidade, houve uma popularização do uso de muitos materiais sintéticos, principalmente o vidro, que estabelece um relacionamento entre o lado de dentro e o de fora (natureza).

O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard fala que o vidro está relacionado à modernidade ideal, pois ‘não toma gosto’ e não se modifica com o passar do tempo. O autor aponta que este material traz uma relação ambígua para o ambiente. “A de ser a um só tempo proximidade e distância, intimidade e recusa da intimidade, comunicação e não comunicação.” (BAUDRILLARD, 2009, p. 48). Ou seja, é possível ver do outro lado, mas não é possível tocar. As ‘casas de vidro’ modernas não têm a intenção de se abrir para o exterior, mas de trazer a paisagem para o espaço privado.

Já como exemplo de material natural o citado autor traz uma reflexão sobre a madeira e como ela transmite aos ambientes uma nostalgia afetiva e um calor latente, “[...] uma vez que [a madeira] tira sua substância da terra, vive, respira, ‘trabalha’.” (BAUDRILLARD, 2009, p. 44).

Através dos materiais utilizados é possível perceber até mesmo o som que os ambientes transmitem e essa percepção é um elemento importante de projeto. “Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos.” (ZUMTHOR, 2006, p. 29).

O edifício pode passar uma emoção exclusiva a quem o habita. Pode ser barulho ou silêncio. Mas isso também depende da percepção do corpo, que será elaborada a partir das experiências, e que constrói o referencial simbólico para as próximas relações entre indivíduo e ambiente. Pallasmaa (2011) acredita que não existe experiência espacial desvinculada das sensações percebidas pelo corpo.

A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva. (PALLASMAA, 2011, p. 38).

Essa assertiva do autor reforça que as afinidades do homem com o ambiente desenvolvem uma percepção individual; e também que a arquitetura é uma das artes que expressam a condição humana no mundo e sua relação com o tempo e o espaço.

Outra constatação de Pallasmaa (2011) é que, mesmo quando a arquitetura considera os fatores sensoriais, muitas vezes apenas o sentido da visão é contemplado, criticando, assim, a primazia deste sentido em relação aos outros quatro: audição, olfato, paladar e tato. Segundo o autor, esse sistema hierárquico dos sentidos é pertinente ao período da Renascença, quando o corpo cósmico colocava a visão no topo e o tato na base. E a modernidade reforçou este privilégio da visão. “A falta de humanismo da arquitetura e das cidades contemporâneas pode ser entendida como consequência da negligência com o corpo e os sentidos e um desequilíbrio de nosso sistema sensorial.” (PALLASMAA, 2011, p. 17).

O antropólogo norte-americano Edward T. Hall explica que a percepção sensorial humana acontece de duas formas: através de receptores remotos (à distância – como olhos, ouvidos e nariz) e através de receptores imediatos (seria o mundo do tato – sensações pela pele, membranas e músculos). Para ele, a visão também é colocada em uma posição privilegiada em relação aos demais sentidos do corpo. Porém, ele afirma que isso provavelmente tenha acontecido bem antes do período Renascentista, como pontuou Pallasmaa (2011). “A visão foi o último sentido e o mais especializado a se desenvolver no ser humano. Ela se tornou mais importante e o olfato menos essencial quando os ancestrais do homem deixaram o chão e se acostumaram a viver na copa das árvores.” (HALL, 2005, p. 52).

Em um mundo mais tecnológico, a velocidade e a instantaneidade das informações e estímulos só conseguem ser acompanhados pela visão, reforçando ainda mais a sua supremacia. Com isso, os indivíduos têm ficado cada vez mais solitários e alienados. O esforço para que a arquitetura possa oferecer experiências ambientais autênticas passa pela criação de espaços multissensoriais, onde a audição, o olfato, o paladar e o tato também sejam estimulados (PALLASMAA,

2011). Assim, a arquitetura cria metáforas existenciais para o corpo e torna-se uma estrutura espacial das vivências humanas.

2.3 O ARQUÉTIPO DA CABANA

O conceito de arquétipo tem origem na Psicologia e surgiu com o psicoterapeuta e psiquiatra Carl Gustav Jung¹¹ como uma interpretação para o que Sigmund Freud chamou de ‘vestígios arcaicos da mente’. Para Jung (1968 apud PALLASMAA, 2013, p. 58), arquétipos são padrões e emoções que geram associações e significados e, por isso, “[...] não tem conotações simbólicas fixas e fechadas”.

O termo não ficou restrito aos estudos psíquicos e ganhou sentido em várias áreas do conhecimento, como a Arquitetura. No livro *A imagem corporificada*, o teórico da arquitetura Juhani Pallasmaa explica que os arquétipos são imagens que estabelecem vínculos em uma esfera inconsciente mundial, criando ‘tipos’ comuns, independentes de culturas e localização geográfica, gerando significados.

O arquiteto e teórico espanhol Josep Maria Montaner confirma a descrição de Juhani Pallasmaa ao dizer que os arquétipos são imutáveis, atemporais, originais, lógicos e genéricos. “A arquitetura que pretende basear-se em arquétipos busca as formas essenciais e primigênicas da arquitetura: o arco, o dólmén, o templo, a cabana primitiva, a cova, a escalinata.” (MONTANER, 2012, p. 99).

Na Arquitetura os arquétipos são importantes ingredientes de sua linguagem e são construídos a partir das relações e do valor simbólico que é atribuído às edificações. Pallasmaa (2013, p. 58) afirma que a “[...] arquitetura articula experiências humanas primárias de estar no mundo” e cita diversas dialéticas¹² para exemplificar, como a ‘horizontalidade e a verticalidade’, ‘terra e céu’, ‘natureza e cultura’. Dessa forma, o autor situa a existência humana no contexto arquitetônico.

O encontro mais fundamental mediado pela arquitetura é o confronto do ser com o mundo. Todas as outras formas de arte ativam momentaneamente

¹¹ Jung (2002) explica que arquétipo é sinônimo de ‘ideia’ no sentido platônico “[...] é preexistente e supra-ordenada aos fenômenos em geral.” (JUNG, 2002, p. 87).

¹² A dialética é uma forma de diálogo que surgiu na Grécia Antiga em que a argumentação se baseia na contradição de ideias.

essas dialéticas existenciais fundamentais, mas a arquitetura as estruturas como nossa condição de vida permanente. (PALLASMAA, 2013, p. 58-59).

A cabana está entre as formas arquetípicas essenciais da arquitetura (MONTANER, 2012). Ela possui características relacionadas ao aspecto físico da simplicidade, tanto no modo construtivo quanto nos materiais utilizados, e também está relacionada a aspectos subjetivos que representam sentimentos e sensações.

O padre jesuíta francês Marc-Antoine Laugier, em seus polêmicos tratados sobre arquitetura escritos em 1753 e 1765, defende construções racionais e simples, distinguindo a estrutura da decoração, para que dessa forma a ‘verdade’ apareça na arquitetura. Para ele, o protótipo de sua teoria é a cabana primitiva (FIGURA 1), “[...] erguida sobre quatro troncos de árvores enterrados no chão sobre um quadrado e cobertos por uma plataforma rudimentar.” (LAMERS-SCHÜTZE, 2003, p. CF). Este seria o modelo de uma construção pura e livre dos elementos decorativos.

Figura 1 – Cabana primitiva de Marc-Antoine Laugier



Fonte: Adaptado de Rykwert (2009, p. 42).

Em A casa de Adão no paraíso o arquiteto polonês Joseph Rykwert¹³ busca, de forma metafórica, uma compreensão de como era a primeira casa do mundo e, através da cabana primitiva, perceber a essência construtiva para criar novas formas para a arquitetura. Apoia-se na ideia de vários autores de que os primeiros abrigos para os humanos foram instalados próximos a alguma superfície rochosa e de maneira bem precária com o objetivo de proteção contra o clima, entre outros inimigos.

O autor traz também uma tentativa de elucidar a forma desta primeira cabana através dos ritos e de cerimônias primitivas, pautado por ideias que arquitetos reconhecidos – como Le Corbusier e Frank Lloyd Wright – tinham sobre o homem selvagem e suas casas. Pois, para ele, a diferença entre um abrigo animal e o humano é que o segundo passou a atribuir significado às suas tarefas e aos seus espaços.

Por esse motivo, devo postular uma casa para Adão no Paraíso. Não como um refúgio contra as intempéries, mas como um volume que ele poderia interpretar em função de seu próprio corpo e que, ao mesmo tempo, fosse uma exposição do plano paradisíaco em cujo centro ele se encontrava. (RYKWERT, 2009, p. 216).

Independente do sentido que motivou a construção da primeira casa – religioso, mítico ou arquitetônico – a cabana primitiva figura como um arquétipo da arquitetura e um padrão comparativo de edificações. Para Rykwert (2009) esse retorno às origens oferece uma reflexão sobre os atos habituais do por que e para que se constrói. “[...] a cabana primitiva conservará, creio eu, toda sua força de evocação do significado original e, portanto, essencial de toda construção feita para o homem: ou seja, o significado da arquitetura.” (RYKWERT, 2009, p. 218).

Portanto, a forma como foi construído o primeiro refúgio do homem tem relevância para a arquitetura. São diversas forças históricas que buscam situar essa cabana, dependendo do contexto em que está o interlocutor. Porém, parece que a sua importância está no significado que aquele primeiro homem primitivo passou a dar para o seu próprio espaço.

¹³ Rykwert era polonês e foi ainda jovem para a Inglaterra e, posteriormente, para os Estados Unidos. Foi professor e pesquisador de arte e arquitetura. A obra A casa de Adão e Eva no paraíso, de acordo com o prólogo à edição brasileira, surge em um momento de discussão sobre renovação formal e, nesta busca, o autor da obra faz reflexões sobre as origens da arquitetura.

2.3.1 A vida na natureza

Há em todo mundo um movimento anacrônico de pessoas que buscam por um refúgio onde é possível se reconectar com as suas raízes através da proximidade com a natureza. Este é um fenômeno recorrente há séculos e em vários países. O historiador inglês Keith Thomas relata o desejo dos londrinos, desde o século XII, de ter um lugar afastado do meio urbano. Os cidadãos abonados mantinham propriedades rurais para o lazer e no final da Idade Média a ideia de ter uma casa de verão no campo era cada vez mais difundida entre eles. “É certo que as casas de campo que serviam de refúgio à aristocracia não eram cabanas rurais, mas esplêndidas mansões, planejadas para trazer a civilização urbana aos arredores do campo.” (THOMAS, 1988, p. 295).

A ideia de veranejar em casas suburbanas tinha grande aceitação entre os ingleses pelo fato de o ar da cidade, em especial de Londres e de outros grandes centros, ser extremamente poluído devido às fábricas. Cada vez mais as cidades se tornavam desruralizadas, com menos espaços para pomares e jardins. As casas de campo eram mais salubres. Isso trouxe um movimento de culto ao campo, a ponto de alguns escritores reforçarem a ideia de que Deus criou o campo e o homem as cidades.

Foi, por certo, a intensificação de uma aguda separação entre cidade e campo, mais nítida que qualquer coisa que possamos encontrar na Idade Média, o que encorajou esse anseio sentimental pelos prazeres rurais e a idealização dos atrativos espirituais e estéticos do campo. (THOMAS, 1988, p. 297).

Esse movimento de êxodo rural, que faz parte da Era Moderna, foi impulsionado pelo atravancamento das cidades: “[...] retirar-se como um monge e viver como um príncipe – essa foi a finalidade dos criadores originais do subúrbio”, disse Mumford (1998, p. 525), o historiador estadunidense. Conforme explicitado pelo autor, o subúrbio moderno nasce como uma enfermaria rural, de pessoas que partem da cidade em busca de um ambiente mais conectado com a natureza.

Para Bachelard (2008), na cidade grande as moradias estão desconectadas da natureza e seus habitantes estão vivendo em casas sem raízes, construídas em cima do asfalto, umas em cima das outras, tirando sua horizontalidade e intimidade.

Não é preciso permanecer muito tempo nos bosques para conhecer a impressão sempre um pouco ansiosa de que 'mergulhamos' num mundo sem limites. [...] A paz da floresta é para ele a paz da alma. A floresta é um estado de alma. (BACHELARD, 2008, p. 191-192).

Para o filósofo, é o habitar na floresta (natureza) o lugar de paz e que remete ao homem o sentimento de apaziguar a ansiedade causada pelo acelerado cotidiano das grandes cidades. É o verdadeiro encontro do homem citadino com o seu refúgio através da sensação de paz e de pertencimento à natureza. Ali o indivíduo se encontra com o vazio, em silêncio e introspectivo.

O artigo Casa-cabana: o habitar na natureza (FURTADO; CAIXETA, 2016) trata de dois casos de pessoas que escolheram se afastar do meio urbano e viver o mais próximo possível da natureza. Os dois exemplos foram ilustrados pela literatura e são histórias verídicas. O filósofo naturalista norte-americano Henry David Thoreau e o filósofo alemão Martin Heidegger habitaram casas-cabana situadas em florestas a fim de buscar espaços de refúgio.

Em meados do século XIX Henry David Thoreau passou cerca de dois anos vivendo sozinho em uma pequena cabana à beira do lago Walden, nos Estados Unidos. Plantar alimentos fazia parte da sua rotina de subsistência e de contato mínimo com a civilização. Era um contestador do sistema capitalista e por isso buscou viver da forma mais isolada possível em seu refúgio. Já a experiência de Martin Heidegger aconteceu no século XX e ele contou com a companhia de sua esposa. O casal passava meses intercalados em uma cabana situada na Floresta Negra alemã. Eram períodos de introspecção intelectual importantes para que o filósofo escrevesse seus textos e livros. A partir dessas experiências, tanto Thoreau quanto Heidegger pontuaram observações, juízos e indagações sobre o modo de vida da sociedade contemporânea à época em que viveram.

2.3.2 Refúgio de Thoreau em Walden

No livro Walden, publicado em 1854, o filósofo naturalista norte-americano Henry David Thoreau faz um relato de como foi a experiência de viver apartado da sociedade, em meio à natureza, por cerca de dois anos. Em meados do século XIX

ele era uma das principais vozes contrárias ao modo de vida da sociedade norte-americana, pautada pelo consumo (acúmulo) de bens materiais. Suas ideias inspiraram importantes revolucionários da história mundial, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King e autores da contracultura (BUENO, 2016).

Suas convicções anticapitalistas não ficavam apenas no discurso. Ele não cumpria suas obrigações civis, como pagar impostos, e nem reconhecia a autoridade do Estado. Questionava a rotina do homem moderno civilizado, acometido pela pressa e pela enorme quantidade de tarefas a serem cumpridas. “Por que teríamos de viver com tanta pressa e desperdício de vida? Estamos decididos a morrer de inanição antes de passar fome.” (THOREAU, 2016, p. 97). O modo de a sociedade civilizada habitar também era alvo de suas indagações. Considerava um contrassenso somente metade das famílias norte-americanas terem um teto para morar, enquanto que, na vida selvagem, todos os animais tinham um abrigo, mesmo que simples e rústico.

Henry David Thoreau não gostava de fazer a mesma coisa por muito tempo. Foi professor, formou-se em Harvard, escrevia artigos para jornais locais e trabalhou na fábrica de lápis da família. Porém, dois fatos o despertaram para aquela que seria a experiência mais simbólica de sua vida. O primeiro foi uma viagem de canoa pelos rios Concord e Merrimack com seu pai, onde reafirmou sua relação com a natureza e a vontade de viver mais perto dela. E o outro foi conhecer o ensaísta Ralph Waldo Emerson, de quem se tornou discípulo. A partir disso, materializou-se a ideia de viver à beira do Lago Walden.

E foi no dia 4 de julho de 1845, Dia da Independência dos Estados Unidos, que Thoreau mudou-se de sua cidade natal, Concord, Massachusetts, para uma cabana na orla do Lago Walden, em uma área que pertencia ao escritor, filósofo e poeta Ralph Waldo Emerson (FIGURA 2). Seu intuito era ficar longe das convenções sociais e de obrigações civis. E também aprender com a natureza um novo modo de vida, pautado pelo essencial e pelo isolamento, estudando e contemplando a dinâmica da floresta. “Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido.” (THOREAU, 2016, p. 95).

Figura 2 – Réplica da cabana em que viveu Thoreau, próximo ao Lago Walden (EUA)



Fonte: Site Traveler. Disponível em: <<http://www.traveler.es/viajes/al-natural/articulos/walden-thoreau/4430>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

Ele mesmo construiu a cabana de seis metros quadrados que tinha um único cômodo. Thoreau (2016, p. 233) descreveu sua habitação de uma forma poética: “[...] uma casa de interior aberto, à mostra como o ninho de uma ave”. Ainda havia um resquício de civilização em seu refúgio, pois da cabana era possível visualizar a linha do trem no horizonte. O vizinho mais próximo estava a 1,5 quilômetros. Sua rotina incluía contemplação diária à natureza. Passava grande parte da manhã apenas observando o seu entorno.

E sim a própria Natureza sem cercas, chegando até a soleira. Uma floresta jovem crescendo sob as janelas, sumagres silvestres e sarmentos de amoras-pretas avançando e invadindo o porão; vigorosos pinheiros rangendo pelo atrito contra as telhas por falta de espaço, as raízes se infiltrando por debaixo da casa. (THOREAU, 2016, p. 128).

Era nessa natureza, livre e imponente, que estava enraizado o seu modo de vida. Thoreau (2016) passou a compreender: a dinâmica dos animais – que muitas vezes também compartilhavam o mesmo espaço da sua casa, como se expande a floresta, como nascem os frutos da sua flora e como a vida selvagem se alimenta deles. Ao longo de seu relato é possível constatar que ele também plantava feijões, milho e batatas em seu refúgio, garantindo, assim, parte de seu alimento (THOREAU, 2016).

O filósofo estava em plena harmonia com aquele lugar. Em seus relatos é possível perceber que ele tinha a mesma conexão com o cotidiano da floresta tanto

nos dias de verão como nos dias de inverno, que são comumente mais solitários. E mesmo durante a estação fria não sentia o peso de estar sem companhia de outro ser humano. “No meio de uma chuva mansa, tomado por esses pensamentos, de súbito senti uma companhia tão doce e benéfica na Natureza, [...] como uma atmosfera me sustentando.” (THOREAU, 2016, p. 131).

Quando a experiência na cabana completou dois anos, dois meses e dois dias, Thoreau (2016) decidiu que era hora de viver de outra forma e deixou a mata. Foi então que ele escreveu o livro *Walden* contando a experiência e concluiu que, mesmo vivendo de uma forma apartada das convenções sociais, rotinas são criadas e as mesmas trilhas acabam sendo perseguidas. E como não gostava de repetir tarefas, seguiu com sua convicção em uma vida mais simples que antes da que o levou até aquele local.

2.3.3 Refúgio de Heidegger na Floresta Negra

O filósofo alemão Martin Heidegger é um dos pensadores mais influentes do século XX. Muitas de suas teses existencialistas, como o livro *Ser e tempo*, foram escritas em momentos de retiro do meio urbano. O lugar era uma cabana de 40 m², com três cômodos – cozinha, quarto e um estúdio, onde passava temporadas com a sua esposa Elfridge (FIGURAS 3 e 4). A propriedade ficava em Todtnauberg, na Floresta Negra alemã, a 1.150 metros de altitude. Em 1933 a casa foi cedida a ele como um prêmio por ter ocupado por muitos anos o cargo de reitor na Universidade de Friburgo (ÁBALOS, 2003). Diferentemente da cabana de Thoreau, a casa de Heidegger não era uma residência fixa e também não havia cultivo da terra.

Na conferência *Construir, habitar, pensar*, já citada no item 2.2, Heidegger (2012) defende uma construção (arquitetura) voltada às origens, às raízes. Imagens da casa-cabana da Floresta Negra que ele habitava foram apresentadas para um grupo de arquitetos que tinham a missão de reconstruir casas na Alemanha pós-guerra. Seu discurso se opunha a uma esperada retórica positivista e de fé no futuro.

Ao contrário, tratou a ‘casa existencialista’ como “[...] o lugar do ‘autêntico¹⁴’, e o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e do superficial, dessa exterioridade sempre concebida como nociva.” (ÁBALOS, 2003, p. 51).

Figura 3 – Cabana de Heidegger, na Alemanha



Fonte: Adaptado de Gomes (2009, p. 30).

Figura 4 – Heidegger e a esposa no interior da cabana



Fonte: Adaptado de Ábalos (2003, p. 42).

¹⁴ No texto *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, escrito em 1936 e publicado em 1995 pelo teórico Walter Benjamin, há uma discussão sobre o que seria uma obra de arte autêntica, já que no mundo capitalista a obra de arte perdeu a sua ‘aura’ por ser apenas uma reprodução. “Mesmo na reprodução mais perfeita falta uma coisa: o aqui e agora da obra de arte – a sua existência única no lugar em que se encontra.” (BENJAMIN, 1955, p. 3).

O teórico Iñaki Ábalos desenvolveu pesquisas sobre os diversos tipos de pensamentos contemporâneos relacionados ao modo de habitar. Entre eles o autor estudou a cabana de Heidegger, denominando-a de 'a casa existencialista'. Segundo Ábalos (2003), trata-se de uma casa feita de materiais naturais, como pedras, tijolos ou madeira, extraídos do espaço aberto em meio à mata para a sua construção.

Estes materiais estão aí para assinalar a passagem do tempo e a ligação com o lugar, a autenticidade do habitar. Nada mais belo do que aquilo que nos liga à terra, e nada mais encantador que o trabalho artesanal com este mesmo material. (ÁBALOS, 2003, p. 56).

Dessa forma, a casa existencialista teorizada por Ábalos (2003) materializa as reflexões de Heidegger sobre o habitar em Construir, habitar, pensar. De acordo com o filósofo alemão, o essencial em uma construção está relacionado à simplicidade material e à forma como o indivíduo se interiorizava em seus espaços.

Para Ábalos (2003), Heidegger se preocupava como os avanços tecnológicos industriais e também dos meios de comunicação poderiam influenciar no cotidiano das pessoas. Ele tratava esses avanços como 'perigos mundanos' que invadiam o espaço doméstico, como o rádio, a televisão e o jornal. Esses meios haveriam de distanciar o homem cada vez mais do seu habitar, dos costumes e tradições do 'seu mundo'.

O habitar existencial ergue-se contra a cidade moderna e seus implementos técnicos, contra aquilo que leva tanto ao aniquilamento da natureza, quanto ao esquecimento da tradição: a casa é uma proteção contra a banalidade do cosmopolitismo, e, na medida em que seja capaz de lutar contra ele, cumprirá seus objetivos existenciais. (ÁBALOS, 2003, p. 52).

Uma característica importante da casa existencialista é a falta de espaço para a representação pública (festas, convidados). Na cabana da Floresta Negra a sala de estar divide o mesmo espaço com a cozinha. A interioridade desta casa não se refere apenas aos ambientes internos, mas principalmente à interioridade do homem (ÁBALOS, 2003).

Segundo reflexões de Ábalos (2003), Heidegger considerava que os avanços tecnológicos afetam a vida doméstica, afastando o homem do que considera a verdadeira realidade, incluindo valores primitivos ligados à proximidade com a

natureza. Mesmo com um século de espaço no tempo, as preocupações inerentes à casa existencialista se aproximam dos argumentos de Thoreau (2016) em relação à ascensão do capitalismo.

Assim, pode-se dizer que a casa existencialista sofre com o dilema ao vivenciar um contexto de avanço tecnológico e dos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, ser um espaço de refúgio, lutando para fixar suas raízes em tradições locais e na preservação de sua essência. É nesse espaço que está o homem que se refugia ao avanço do que pode romper com essa forma de habitar.

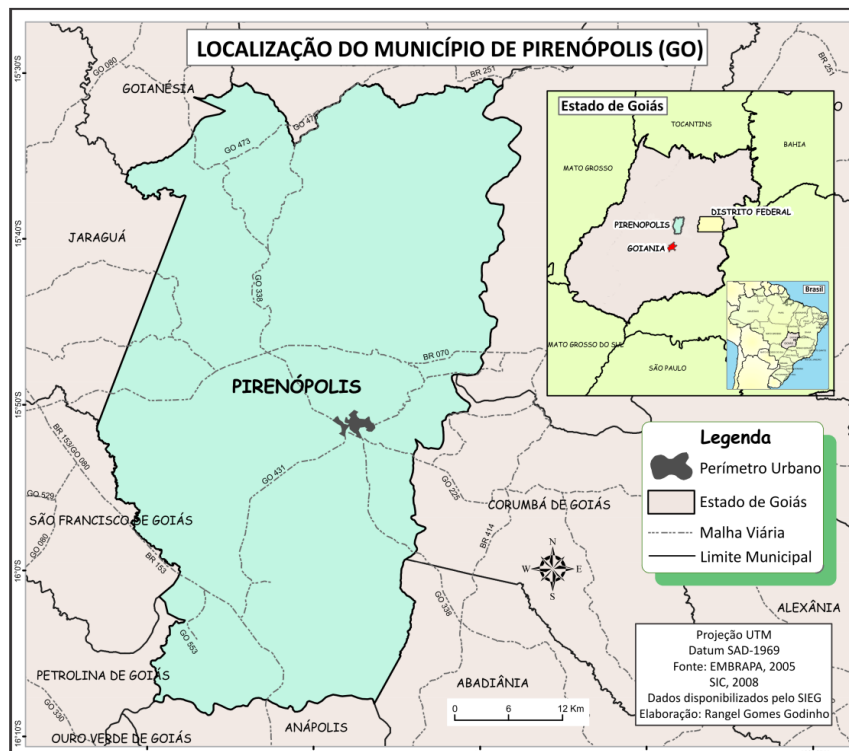
“Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio e de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar. [...] Cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe; é assim que o cameleiro e o marinheiro veem Despina, cidade de confim entre dois desertos”.
(Ítalo Calvino)

3 PIRENÓPOLIS E SEUS MUNDOS

3.1 PIRENÓPOLIS - O LUGAR URBANO E O SUBURBANO

A cidade de Pirenópolis (GO) está localizada na microrregião Leste Goiano, distante cerca de 140 km de Brasília (DF) e 130 km de Goiânia (GO) (FIGURA 5). Segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Pirenópolis tem aproximadamente 23 mil habitantes, uma área 2.205,010 km² e foi elevada à condição de cidade em 2 de agosto de 1853 (BRASIL, ©2016).

Figura 5 – Mapa de localização de Pirenópolis (GO)



Fonte: Adaptado de Godinho (2012, p. 19).

Fundada por Manuel Rodrigues Tomar, o primeiro nome de Pirenópolis foi Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte. O surgimento do povoado e,

posteriormente, do arraial que antecedeu o município, tem data controversa – entre 1727 e 1731 (CARVALHO, 2001; GODINHO, 2012; NOGUEIRA, 1996; OLIVEIRA, 2001).

No século XVIII as minas de ouro abundavam no Rio das Almas e a extração do precioso minério durou cerca de 30 anos. O arraial era rota comercial de quem vinha para Goiás e confluía todas as estradas oficiais (CARVALHO, 2001). Foi erguida, em Meia Ponte, em 1728, a suntuosa Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, a mais antiga de Goiás, e até hoje importante ponto turístico da cidade, que já passou por restauração e sofreu com um incêndio em 2002. Parte do casario colonial do centro histórico também é desta época.

A pesquisadora e arquiteta Adriana Mara Vaz de Oliveira destaca que a arquitetura vernácula goiana surgiu no século XVIII neste processo de ocupação da terra e se deu de forma mesclada. Apesar do surgimento dos núcleos urbanos e das propriedades rurais, este processo se consolidou apenas no século seguinte (OLIVEIRA, 2010).

Após o auge do período aurífero, Meia Ponte passou por uma fase de declínio e reestabeleceu-se economicamente através da produção agrícola. Nas primeiras décadas do século XIX Joaquim Alves de Oliveira dedicava-se àquele que se tornaria o maior engenho de Goiás, o Engenho São Joaquim, que hoje tem o nome de Fazenda Babilônia e é um ponto turístico da cidade. O ‘comendador’, como era chamado, ficou conhecido também pela atuação política e pelo incentivo à cultura. Foi ele quem inaugurou o primeiro jornal de Goiás, A Matutina Meiapontense (1830-1834). Instalou uma tipografia, uma biblioteca, uma banda de música e incentivou os festejos populares. Era uma espécie de mecenas (OLIVEIRA, 2001). Essa pode ter sido uma semente plantada por Alves de Oliveira, que faz de Pirenópolis hoje um polo cultural do Estado.

Em 1853 a Vila de Meia Ponte foi promovida à categoria de cidade, mas somente em 1890 passou a se chamar Pirenópolis (FIGURA 6). Na década de 1940 o município viveu um período de decadência e perdeu grande parte de seu contingente populacional. Uma das causas foi a intensificação da atividade comercial com a ferrovia em Anápolis (1935), que fica a cerca de 60 km de distância. Com a construção da nova capital de Goiás – Goiânia, fundada em 1933, Pirenópolis passou a fornecer quartzito, uma matéria-prima importante na

construção civil e uma rocha bastante encontrada na Serra dos Pireneus (GODINHO, 2012).

O processo de extração do mineral quartzito foi intensificado com a construção de Brasília, no final dos anos de 1950. Para que ocorresse o deslocamento da matéria-prima até a nova capital do País os acessos a Pirenópolis foram melhorados, facilitando o trânsito também de pessoas. Visitantes de várias regiões do País começaram a chegar à antiga Meia Ponte. “A fundação de Brasília fez com que Pirenópolis fosse ‘redescoberta’ com sua história, tradições, folclore e patrimônio natural, ressurgindo no cenário goiano como cidade turística.” (CURADO, 1980 apud GODINHO, 2012, p. 21).

Figura 6 – Cidade de Pirenópolis (GO)



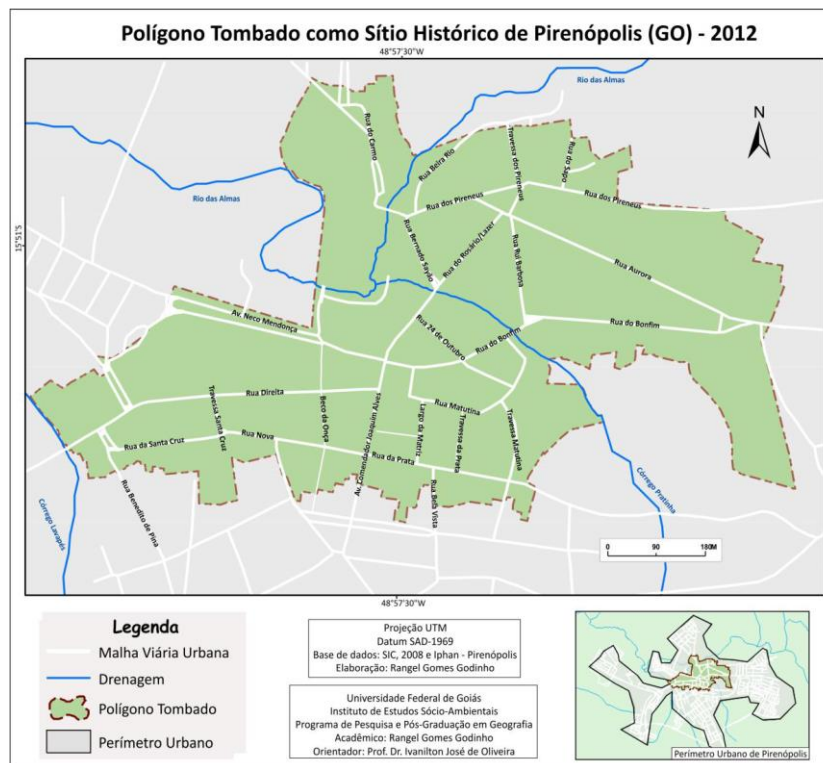
Fonte: Acervo do Iphan. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/364/>>. Acesso em: 30 maio 2017.

A parte urbana de Pirenópolis conserva grande parte das edificações erguidas no período colonial. O conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico que compõe o centro histórico¹⁵ (FIGURA 7) foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 10 de janeiro de 1990. A Igreja Matriz Nossa Senhora

¹⁵ O Centro Histórico de uma cidade é o sítio histórico urbano localizado na área central. De acordo com a Carta de Petrópolis, publicada no Caderno de Documentos n. 3 - Cartas Patrimoniais, em 1987, o sítio histórico urbano é definido como "[...] o espaço que concentra testemunhos do fazer cultural da cidade em suas diversas manifestações. Esse sítio histórico urbano deve ser entendido em seu sentido operacional de área crítica, e não por oposição a espaços não-históricos da cidade, já que toda cidade é um organismo histórico." (BRASIL, 1987).

do Rosário foi tombada anteriormente, em 3 de julho de 1941. Outro patrimônio material¹⁶ pirenopolino é a Fazenda Babilônia, antigo Engenho São Joaquim, que recebeu tombamento da casa grande, do engenho e da capela em 26 de abril de 1965.

Figura 7 – Mapa da Área Tombada como Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Centro Histórico de Pirenópolis (GO)



Fonte: Adaptado de Godinho (2012, p. 23).

As festas populares e religiosas, como a Festa do Divino Espírito Santo e as Cavalhadas, são um 'espetáculo-ícone' da cidade. A Festa do Divino em Pirenópolis foi tombada como patrimônio imaterial¹⁷ no dia 13 de maio de 2010 e acontece 50 dias após a Páscoa. Ela mescla festejos ligados à Igreja Católica e também atividades profanas. As Cavalhadas fazem parte da festa e são a representação

¹⁶ De acordo com o Iphan, o patrimônio material "[...] é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. [...] Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos." (BRASIL, ©2016).

¹⁷ Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o patrimônio imaterial são "[...] as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus descendentes." (UNESCO, ©2017).

simbólica da luta entre os mouros e os cristãos, que acontece no ‘cavalcódromo’ durante três dias. A sua primeira encenação foi em 1826, por iniciativa do padre Manoel Amâncio da Luz, o primeiro imperador da festa (CARVALHO, 2001). O arquiteto e escritor Elder Rocha Lima ressalta a grandiosidade do evento, que atrai turistas de todo o País. “[...] embora tenha raízes europeias, ancorou-se no gosto popular e tornou-se, sem sombra de dúvidas, um componente da cultura local de inestimável valor.” (LIMA, 2010, p. 132). É nesta época do ano que aparecem as figuras dos mascarados pelas ruas da antiga Meia Ponte (FIGURA 8). Eles se vestem com roupas coloridas e saem a cavalo fazendo algazarras e brincadeiras.

Figura 8 – Mascarado durante a festa das Cavalhadas em Pirenópolis (GO)



Fonte: Acervo do Iphan. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/galeria/detalhes/87>>
Acesso em: 30 maio 2017.

Através de todo esse contexto histórico, que pode ter iniciado por influência do comendador Joaquim Alves de Oliveira, Pirenópolis é hoje um importante centro cultural do Estado de Goiás. O calendário de eventos da cidade conta ainda com atividades em quase todos os meses do ano. São promovidos festivais com temáticas variadas, como gastronomia, música, literatura e outros. Essas ações colaboram para que a antiga Meia Ponte tenha uma vida noturna agitada no Centro Histórico, em especial nos finais de semana e feriados, contando com diversos bares, restaurantes, lojas de artesanato, hotéis e pousadas.

Porém, outro fator incentiva o turismo em Pirenópolis. A geografia do município atrai pessoas que buscam refugiar-se da agitação dos grandes centros

urbanos para ter um contato mais próximo com a natureza. Construída às margens do Rio das Almas, a região é banhada por vários cursos d'água, cerca de 30, entre córregos, ribeirões e rios. Está localizada aos pés da Serra dos Pirineus e a sua topografia tem altitudes médias de 1.200 metros, o que privilegia a presença de centenas de cachoeiras (PIRENÓPOLIS, ©2017). O clima é dividido em duas estações bem definidas: a estação das chuvas – de outubro a março, e a estação da seca – de abril a setembro (GODINHO, 2012; NOGUEIRA, 1996; OLIVEIRA, 2001).

As atividades turísticas que envolvem o contato com a natureza influenciaram diretamente o comportamento urbanístico pirenopolino e são um importante fator da sua dinâmica atual. “Intramuros, a Cidade conta com inúmeras atrações, com seus museus, igrejas, as próprias ruas que foram feitas para a deambulação. Extramuros, os parques e cachoeiras imperdíveis.” (LIMA, 2010, p. 127).

Portanto, Pirenópolis possui duas espacialidades distintas. A parte urbana, com seus casarios coloniais e festejos populares, tem uma relação direta com os nativos. E a suburbana, onde os atrativos estão relacionados aos rios e cachoeiras, além da fauna e flora do Cerrado, tornaram-se o habitat de muitas pessoas que vieram de fora em busca de um local de refúgio. Pessoas que vivem em grandes cidades próximas, como Goiânia (GO) e Brasília (DF), veem Pirenópolis como um lugar para descansar das preocupações citadinas.

Assim, nos últimos anos, aumentaram os espaços habitados incrustados na natureza, como casas, pousadas e restaurantes. Muitos deles surgiram para atender a uma demanda atual do turismo, pois os visitantes precisam de apoio para alimentação e descanso quando percorrem os locais onde se encontram as cachoeiras ou os espaços para banho de rio. A maioria deles hoje tem acesso controlado por propriedades particulares, que cobram pelo ingresso.

3.2 PIRENÓPOLIS E A VIDA ALTERNATIVA

A partir da década de 1950, com o apogeu na década de 1960, movimentos ligados à contracultura, como o *hippie*¹⁸, começaram a ganhar adeptos em todo o mundo. Eles pregavam a paz e o amor e apresentavam “[...] uma postura de rebeldia

¹⁸ Além de caracterizar o movimento, a palavra *hippie* também é usada para denominar a pessoa que faz parte dele.

originada no seio da juventude americana contra uma sociedade superindustrializada e puritana, onde a posse dos bens materiais era o valor moral de peso.” (TAVARES, 1985, p. 17).

O surgimento da maioria das comunidades alternativas¹⁹ em todo o mundo teve cunho político e/ou espiritualista. Muitos de seus moradores eram influenciados pelos movimentos de contracultura, do qual os *hippies* fazem parte, e questionavam a racionalidade ocidental, propondo um espírito libertário “[...] com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental [...]” (PEREIRA, 1986, p. 8).

Para o sociólogo polonês Szacki (1972), os movimentos de contracultura surgem como forma de expressão e resposta a uma crise de civilização.

[...] é na dinâmica desta crise e no vigor desta procura que os novos movimentos afirmam seu potencial criador. Chamados de ‘movimentos da contracultura’ e depois ‘alternativos’, sua melhor designação talvez seja ‘movimentos emergentes’ – pois não só emergem da crise de civilização, como fazem também emergir algumas destas questões de fundo. A relação ser humano/Natureza, homem/mulher, o sagrado, autonomia e heteronomia, unidade e diferença que estes movimentos repensam são eixos do surgimento de novos valores para a atuação social; daí o caráter reestruturador do cultural e do político que estes movimentos possuem. (SZACKI, 1972, p. 64).

Dentre as questões destacadas pelo autor como motivação para uma vida alternativa está a relação autonomia/heteronomia, ou seja, romper com a submissão e obediência a terceiros (no caso, o Estado). O Brasil vivia, nas décadas de 1960 e 1970, um estado de exceção devido à ditadura militar. O regime reprimia manifestações culturais que considerava subversivas na tentativa de barrar a chegada da contracultura. Porém, a expansão dos meios de comunicação de massa favorecia que os brasileiros tivessem acesso aos costumes e comportamentos que aconteciam fora do País (GONÇALO JUNIOR, 2009).

A primeira comunidade alternativa do mundo, de acordo com Tavares (1985), surgiu em Haight-Ashbury, em São Francisco (EUA). O lugar é conhecido como o

¹⁹ Sobre o conceito de ‘comunidade alternativa’ o sociólogo Nogueira (1996, p. 15), apoiado em diversas acepções sociológicas, conclui que “[...] a comunidade se revela como uma ‘forma natural’ da vida social, e essa noção é concebida apoiando-se na suposição de que ela existe, na realidade, como um remanescente pré-capitalista vivendo nos interstícios do próprio capitalismo”. Já o termo ‘alternativa’, que complementa a expressão apontando uma característica para a comunidade, está pautado pela forma em que elas surgem, “[...] da negação da realidade social vivenciada nos locais de origem dos sujeitos participantes de tal projeto.” (NOGUEIRA, 1996, p. 16).

bairro *hippie* da cidade e até hoje atrai turistas que buscam o ar psicodélico da época. A segunda comunidade teria se formado em East Village, em Nova York (EUA), que ainda hoje é um bairro em Manhattan ligado à contracultura (TAVARES, 1985).

No Brasil a informação sobre a primeira comunidade alternativa não conta com dados conclusivos. Tavares (1985) fala da existência da Comunidade Nossa Chácara, em São Paulo, que foi formada por militantes anarquistas que praticavam o naturismo e eram vegetarianos. Para ele esta seria a primeira iniciativa brasileira, porém, o autor não informa a data de criação da comunidade. Já o sociólogo Aico Sipriano Nogueira, que realizou uma pesquisa em meados da década de 1990 sobre comunidades alternativas no Planalto Central e viveu por um tempo nas comunidades pirenopolinas, acredita que a primeira comunidade alternativa brasileira foi a Comunicampo, fundada em 1975, em Nobres (MT). Ela foi o embrião do que veio a ser a FraterUnidade, alguns anos depois, em Pirenópolis (NOGUEIRA, 1996).

A aldeia hippie de Arembepe (BA)²⁰ também reivindica o título de primeiro refúgio alternativo do Brasil. O lugar ficou conhecido na década de 1970 após receber visitas ilustres, como da cantora Janis Joplin e do cantor Mick Jagger. Ainda na segunda década do século XXI a comunidade mantém sua rusticidade e não possui energia elétrica (GUIA DO LITORAL, ©2018). Outra iniciativa baiana que atrai pessoas que buscam um modo de vida alternativo é a comunidade Inkiri, em Piracanga (BA). Ali moram adultos e crianças que estão ligados por motivações espirituais (INKIRI PIRACANGA, ©2017).

Em 1983 ocorreu a fundação da Associação Brasileira das Comunidades Alternativas (Abrasca), com o objetivo de representar o movimento no País. Contavam com meios de comunicação, como jornal e revista, fundo de auxílio para emergência, banco de sementes e outros. Os encontros anuais – Enca – começaram a ser realizados em 1978, antes mesmo de a associação ser fundada. Cada edição era realizada em localidades diferentes (NOGUEIRA, 1996).

²⁰ As informações do site Guia do Litoral não especificam a data do surgimento da aldeia. No artigo Liberdade cabeluda: o inusitado caráter político da contracultura brasileira (2009), Gonçalo Júnior faz referência ao verão de 1970, quando muito *hippies* tentavam chegar em Arembepe (BA). No livro Contracultura: alternative arts and social transformation in authoritarian Brazil (sem título em português), Dunn (2016) fala sobre o surgimento de Arembepe logo após o verão de 1970.

Não foram encontradas representações *online* da Associação, como site ou perfil em redes sociais, tampouco alguma forma de contato telefônico ou virtual. Porém, pessoas ligadas ao movimento alternativo dizem informalmente que ela ainda existe. De acordo com o cientista social e pesquisador do movimento alternativo brasileiro, Rodrigo Iamarino Caravita, em 2008 ocorreu uma edição do Enca que foi divulgada na internet. Na ocasião apareceram muitas pessoas que não tinham relação com o movimento e com atitudes que não se afinam com os ideais de quem organiza o encontro, como levar bebida alcóolica para o evento. Deste então, as informações sobre o Enca ficaram restritas a cada regional da Abrasca, que comunica seus membros através de cartas (CARAVITA, 2012, p. 59).

No final da década de 1970 e início da década de 1980 os principais polos comunitários ligados ao movimento alternativo estavam no Sul de Minas Gerais (próximos à Caxambu, São Lourenço, Aiuruoca e São Tomé das Letras; na Chapada dos Guimarães e na Serra do Roncador (MT); na Chapada dos Veadeiros (GO); na Chapada Diamantina (BA); na região de Casemiro de Abreu (RJ); e na região de Brasília (DF) e arredores (ABREU, 1989 apud NOGUEIRA, 1996).

Atualmente é possível observar, em todo o mundo, o ressurgimento de movimentos que buscam uma vida colaborativa aliada a preocupações ecológicas com a nomenclatura de ‘ecovilas’. Para a instituição internacional Global Ecovillage Network²¹, a ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que integra ações ecológicas, econômicas e sociais partindo de uma atuação participativa (GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK, ©2017). Para a jornalista e pesquisadora da área ambiental, Giuliana Capello, o termo ecovila é relativamente recente, tem cerca de 30 anos, porém, suas origens são mais antigas. “Como seres fadados aos vínculos sociais e afetivos, atravessamos os séculos experimentando formas distintas de vida em assentamentos, desde as mais ancestrais aldeias humanas até as novíssimas megalópoles.” (CAPELLO, 2013, p. 37).

Segundo dados divulgados pela entidade, existem, no Brasil, 37 ecovilas cadastradas na regional da América Latina da rede, a Consejo de Asentamientos Sustentables de América Latina (CASA). Entre as iniciativas listadas, encontra-se, em Goiás, o Instituto de Permacultura e Ecovila (IPEC) (Pirenópolis), a Santa Branca

²¹ Trata-se de uma rede de comunidades entre diferentes culturas e países que tem o objetivo de estabelecer ligações entre líderes governamentais, ONGs, pesquisadores, empresários e ativistas para desenvolver estratégias para uma transição global para comunidades e culturas resilientes. Disponível em: <<https://ecovillage.org/about/gen/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

Ecovillage (Terezópolis), o Instituto Biorregional do Cerrado (Alto Paraíso), o Tribal Simplicity (Abadiânia), a Ecovila da Montanha (São João da Aliança) e a Ecovila Arco-Íris (Cavalcante). Porém, acredita-se que este número seja bem maior, se for considerado que nem todas as iniciativas desse tipo estejam cadastradas na rede.

Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 as primeiras pessoas ligadas ao movimento alternativo começaram a chegar a Pirenópolis em busca de um refúgio para ter mais contato com a natureza e com práticas espiritualistas. Nos anos de 1980 esses viajantes, muitos deles *hippies*, ficavam entusiasmados com a cidade devido ao seu patrimônio natural e histórico (BATISTA, 2003 apud GODINHO, 2012, p. 22).

Nas últimas décadas do século XX várias pessoas procuraram lugares na natureza para habitar devido à transição da Era astrológica de Peixes para a Era de Aquário. Elas acreditavam que esta seria uma fase de mudança energética do Planeta e que o Planalto Central brasileiro estava entre os locais com vibração positiva favorável para o momento (TAVARES, 1985, p. 85). Após a construção de Brasília, os acessos a Pirenópolis melhoraram, o que possibilitou que aumentasse o fluxo de turistas e pessoas interessadas em habitar a região. Foi neste contexto que surgiram as comunidades alternativas nos arredores da antiga Meia Ponte.

Pouco tempo antes da chegada dos alternativos, um jovem que pertencia a uma tradicional família de Pirenópolis destacou-se por suas ideias pautadas pela contracultura. Em meados da década de 1970, Irnaldo Jayme fundou um jornal chamado O Combate e fazia duras críticas à sociedade conservadora e tradicional da cidade, apesar de também defender a proteção do patrimônio histórico e das manifestações culturais locais. Suas atitudes trouxeram um desconforto muito grande a várias pessoas (NOGUEIRA, 1996).

Irnaldo passou a fazer peregrinações à Serra dos Pireneus, deixou cabelo e barba crescerem, falava na chegada de jovens cabeludos que mudariam os costumes de Pirenópolis e que esta cidade seria o berço da Nova Era. A reportagem intitulada Os fugitivos do fim do mundo, publicada no jornal Diário da Manhã, em 18 de julho de 1988, trata a história de Irnaldo como uma lenda pirenopolina (BARROSO, 1988).

Em 1976 Irnaldo foi assassinado na porta do Teatro Municipal. Dois anos depois a possível profecia parece que se cumpriu e surgiu em Pirenópolis a primeira comunidade alternativa, a Vagafogo, fundada em 1978 por Evandro Ayer.

Localizava-se a noroeste da cidade, a cerca de seis quilômetros do centro. A comunidade não durou muito tempo e posteriormente tornou-se um santuário ecológico de vida silvestre (FIGURAS 9 e 10) (NOGUEIRA, 1996).

Figura 9 – Santuário Ecológico Vagafogo – local onde foi a primeira comunidade alternativa de Pirenópolis (GO)

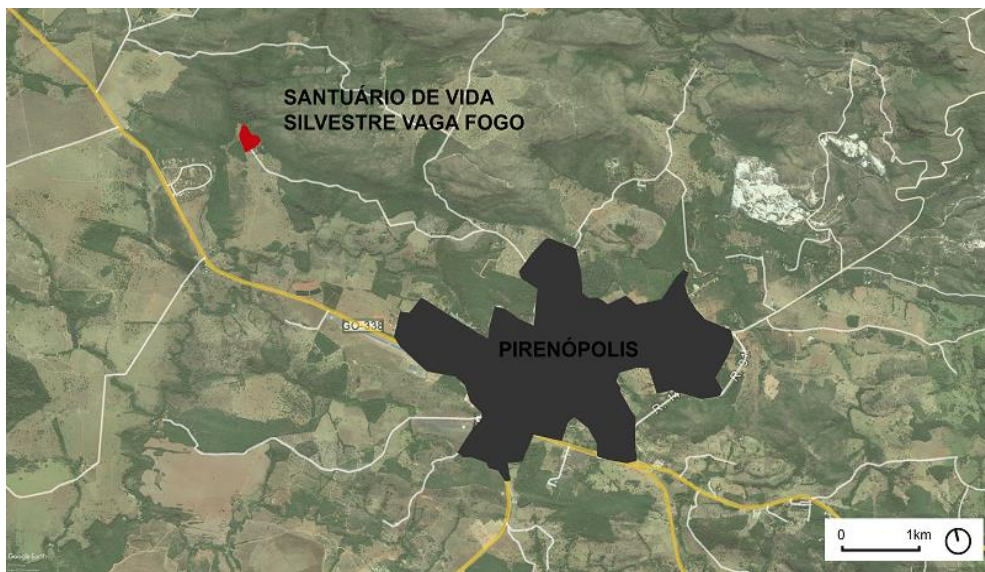


Fonte: Site da Reserva Ecológica Vagafogo. Disponível em: <<https://www.vagafogo.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Em junho de 1990 a Vagafogo recebeu o título de Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), a primeira propriedade particular de Goiás a ser reconhecida como reserva ambiental. Em 1992 foi aberta à visitação pública pelo príncipe Phillip, da Inglaterra (GONÇALVES, 1997; NOGUEIRA, 1996).

De acordo com a pesquisa realizada pelo sociólogo Aico Sipriano Nogueira, o primeiro alternativo a chegar em Pirenópolis com o intuito de morar na cidade chamava-se Marcelo. Em 1978 ele teria adquirido terras na Serra dos Pireneus e logo foi seguido por outras pessoas, que vieram de grandes cidades em busca de um local de refúgio, mas sem o intuito de constituir uma comunidade.

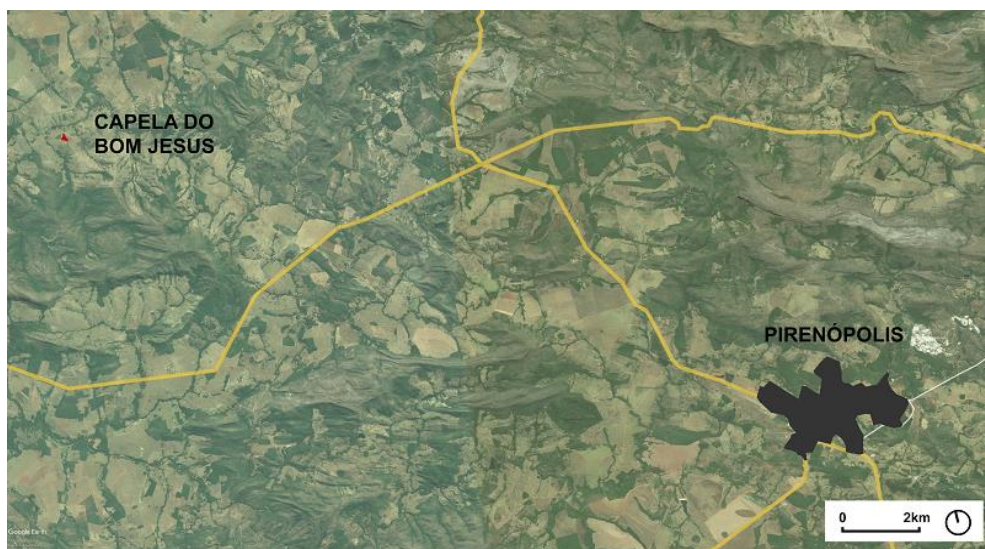
Figura 10 – Localização do Santuário Ecológico Vagafogo em relação à cidade de Pirenópolis (GO). Redesenho a partir de imagem de satélite



Fonte: GoogleMaps. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-15.8241611,48.997709,17z>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Em Pirenópolis são quatro as comunidades alternativas que se destacaram: a Vagafogo, a Terra Nostra, a FraterUnidade e a Omni. A segunda comunidade que surgiu na região foi a Terra Nostra, em 1983, localizada a cerca de 35 quilômetros de Pirenópolis, no povoado de Bom Jesus (FIGURA 11).

Figura 11 – Localização de Bom Jesus em relação à cidade de Pirenópolis (GO). A comunidade Terra Nostra fica a oeste do povoado. Redesenho a partir de imagem de satélite



Fonte: GoogleMaps. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Capela+do+Bom+Jesus/@-15.8266245,-49.036029,24608m/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

A motivação para a sua criação era de cunho espiritualista e seus membros buscavam uma autossuficiência econômica. Foram os alternativos ligados a esta comunidade que fortaleceram a produção de artesanato em prata na cidade, que se estabeleceu como uma importante atividade econômica. Ao levar as joias para vender em suas viagens, eles divulgavam a cidade de Pirenópolis, ajudando a fortalecer também a atividade turística. No ano seguinte à sua fundação a Terra Nostra dividiu suas terras coletivas em cotas, mantendo apenas a escola como patrimônio comum, e a comunidade tornou-se um condomínio, por não professarem mais as mesmas ideias (GODINHO, 2012; NOGUEIRA, 1996).

As outras duas experiências alternativas – Omni e FraterUnidade – são vizinhas e estão localizadas a cerca de sete quilômetros da cidade, na região conhecida como Vale Dourado, aos pés da Serra dos Pireneus. Foram criadas em meados da década de 1980, em uma região de área de pastagem conhecida como Mata do Buraco. Quem transita pelos bosques e árvores do local não imagina esse passado recente.

A comunidade Omni fica na margem direita do Rio das Almas e foi dividida em cotas (FIGURA 12). Cada família tinha suas atividades econômicas próprias, mas elas mantinham uma comunhão de ideias voltadas para o desenvolvimento espiritual e a preservação da natureza. Nela está localizada uma cachoeira que é considerada pelos alternativos como um local sagrado (FIGURA 13). Seu acesso é extremamente restrito.

Figura 12 – Localização da Comunidade Omni em relação a Pirenópolis (GO).
Redesenho a partir de imagem de satélite



Fonte: Googlemaps. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/place/Comunidade+Omni/@-15.850753,-48.8906997,17z/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Figura 13 – Cachoeira da Comunidade Omni, em Pirenópolis (GO), 2016



Fonte: Elaboração própria.

Do outro lado do Rio das Almas está a Comunidade FraterUnidade, onde estão situados alguns dos espaços de refúgio que foram analisados neste trabalho. Por isso foi dedicado um subcapítulo ao assunto.

3.2.1 FraterUnidade: passado e presente no refúgio do Vale Dourado

O acesso à Comunidade FraterUnidade é através de uma estrada vicinal ladeada ora por fazendas, ora por mata. Atravessa-se o Rio das Almas em uma pequena ponte antes da porteira, que fica trancada por corrente e cadeado. A atmosfera do local tem forte influência da natureza e do passado recente da antiga comunidade. De um lado, a antiga escola, que hoje serve de moradia. Logo mais à frente, a cozinha coletiva, agora com pouco uso. Seguindo o caminho, logo surgem as casas em pequenas clareiras entre as árvores.

A FraterUnidade surgiu de um sonho de Edgar Ivo Müller Filho, já falecido, que comprou cerca de 15 alqueires de terras na região do Vale Dourado no intuito de transferir para lá a comunidade em que vivia, a Comunicampo, em Nobres (MT). Os alternativos desistiram de permanecer em terras mato-grossenses após uma Fábrica de Cimento se instalar na vizinhança. Ede (ou Eknath), como era chamado Edgar, trouxe o seu sonho de uma vida alternativa para a região da antiga Meia Ponte (FIGURA 14). Em abril de 1984 ele registrou a comunidade como entidade civil e ela passou a contar com um estatuto (NOGUEIRA, 1996).

Figura 14 – Localização da Comunidade Frater em relação a Pirenópolis.
Redesenho a partir de imagem de satélite



Fonte: Googlemaps. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/place/Comunidade+Frater/@-15.852434,-48.8941997,17z/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

As pessoas que idealizaram a comunidade traziam influência das experiências comunitárias realizadas em outros países, algumas ligadas ao movimento *hippie*. A cultura e as religiões orientais faziam parte desse projeto de vida, que buscava o autoconhecimento e as práticas espiritualistas. Na Frater não era permitido o consumo de bebidas alcóolicas, drogas e produtos animais. A preferência era por vegetais produzidos no próprio local. A rotina incluía diversas atividades coletivas, como o plantio, o preparo dos alimentos, a escola das crianças e também práticas de meditação e yoga. O período vespertino era livre para atividades individuais (BARROSO, 1988; NOGUEIRA, 1996).

Em julho de 1988 uma equipe do jornal Diário da Manhã esteve na FraterUnidade para fazer uma reportagem sobre a comunidade. O repórter Marconi Barroso relata que ficou impressionado com o clima de serenidade entre os integrantes. Ele participou de um momento de meditação realizado no templo Tilak (FIGURA 15) e descreveu como era o interior do espaço sagrado.

Na sala, vários símbolos e pôsteres de mestres indianos enchem profusamente a parede de cores múltiplas. [...] Na parede, a imagem do Shiva dançando, com seus inúmeros braços, todo em bronze e o pôster do mestre Suami Tilak. [...] Eknhath começa a tocar o órgão indiano e a sonoridade profunda e mística deixa a todos em estado de êxtase. Incenso perfuma a sala e o pessoal acompanha o instrumento com notas graves em uníssono. (BARROSO, 1988, p. 13).

Para fazer parte da FraterUnidade o interessado precisava fazer estágio durante um ano, vivendo em moradia coletiva. Após ser aceito, o novo membro poderia começar a construção de uma casa, caso tivesse condições e interesse. Segundo Nogueira (1996), a primeira a ser erguida foi uma casa alta em formato octogonal com quatro colunas e muitas janelas. Várias famílias habitaram esta edificação (FIGURA 16), que por um tempo abrigou atividades coletivas da Frater. Hoje vivem nela a antropóloga Selene Villafane de Almeida e seu esposo, o indigenista Otacílio Almeida Júnior. Ambos foram membros da comunidade.

Figura 15 – Templo Tilak na antiga Comunidade FraterUnidade, nos anos de 1990



Fonte: Adaptado de Nogueira (1996, p. 95).

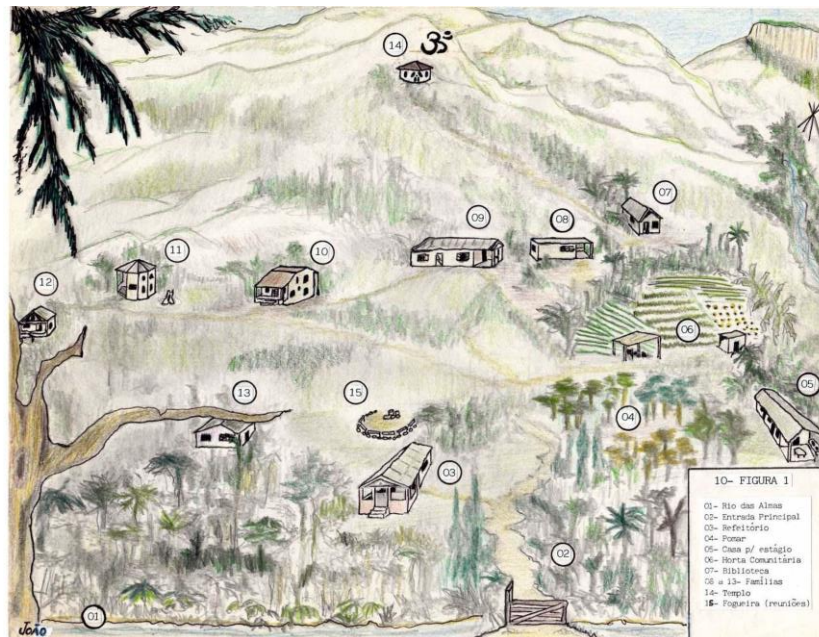
Figura 16 – Casa octogonal na Frater, fotografada em 2016



Foto: Elaboração própria.

Em meados dos anos 1990 a Frater contava com o templo Tilak no alto do morro, uma escola, uma casa para estagiários, uma casa para visitantes, uma cozinha comunitária, uma biblioteca e seis casas para famílias (FIGURA 17). Muitas das edificações possuem um padrão estético exótico com a inserção de vidros reaproveitados de carro e de garrafas, que formam desenhos nas paredes. Tanto os relatos de Barroso (1988) quanto de Nogueira (1996) apontam que não havia luz elétrica, televisão, rádio e telefone nessa época.

Figura 17 – Desenho da espacialidade da FraterUnidade nos anos de 1990



Fonte: Adaptado de Nogueira (1996, p. 54).

Em 2016 o templo Tilak estava sem uso e com a estrutura comprometida, como se pode ver na FIGURA 18. No prédio da antiga escola hoje vive o uruguaio Rodolfo Aldrovandi, que também viveu a época da comunidade. A maioria das casas está habitada e por isso estão conservadas. A luz elétrica chegou à Frater, acompanhada da televisão, do computador e da geladeira. Mas o sinal de telefone é bem precário e não há conexão via internet.

Figura 18 – Templo Tilak, em 2016, com a estrutura bastante danificada



Fonte: Elaboração própria.

O número de pessoas que vivia na FraterUnidade, quando ainda era uma comunidade alternativa, variava muito. Havia época em que cerca de 30 pessoas moravam ali. Em outras, apenas o líder e sua família. A maioria das pessoas não era de Pirenópolis. Nogueira (1996) destaca, em sua pesquisa, que esta dinâmica social na comunidade estava relacionada às variações climáticas durante o ano.

Espera-se pela chuva e espera-se pela seca [...] enquanto a estiagem permite relações sociais mais voltadas para a exterioridade da vida dos pequenos grupos e uma atividade econômica com um contato mais direto com a natureza, as águas, ao contrário, impelem as pessoas a uma sociabilidade mais voltada à esfera da intimidade e limita o trabalho às atividades de manutenção do que havia sido feito na estação passada. (NOGUEIRA, 1996, p. 82-83).

Eram dois ciclos diferentes que influenciavam diretamente na vida da comunidade. Quando chegavam as chuvas as pessoas partiam da Frater para a vida de antes ou para outros lugares alternativos. Na seca o espaço tinha vida, muitas pessoas envolvidas em suas buscas espirituais e nas atividades coletivas.

Dentre as principais atividades coletivas estava o cultivo de horta e outros vegetais. Nogueira (1996) ressalta que os atos de escolher e colher o vegetal eram uma experiência emblemática, as quais ele gostava de observar e faziam parte de uma reconexão humana com a natureza.

[...] o gesto de colher, inalar o cheiro do vegetal e, invariavelmente, após um comentário acerca da 'maravilha' que ora se apresentava. [...] As observações que se seguiam sempre reforçavam o 'clima' de sublimação diante da natureza ali presente e do grande significado que o ato de poder plantar e consumir os próprios alimentos adquiria para aquelas pessoas. (NOGUEIRA, 1996, p. 86)

Essa sensação do contato com a natureza é algo anacrônico a esses espaços de refúgio. Na época da comunidade os alternativos falavam no *reiligare*, que seria a re-união com a natureza, em um discurso bastante conectado com ideias místicas e de autoconhecimento (NOGUEIRA, 1996). E o trabalho com a terra era uma forma de despertar o sentimento de pertencimento ao ambiente natural. Apesar de atualmente a comunidade não existir enquanto coletividade, a conexão com o natural permanece na atmosfera da FraterUnidade.

Em 1996 o sociólogo e pesquisador Aico Nogueira já relatava que havia uma rotatividade entre os membros da comunidade, que era formada basicamente por

peças vindas de centros urbanos e de classe média. Muitos retornavam à sua sociedade de origem, que antes havia sido negada. Para Selene Villafane de Almeida, que morou na época da comunidade e ainda mora na Frater, as raízes falam mais alto e as pessoas acabam voltando para suas antigas vidas.

As figuras 19 e 20 mostram imagens do grupo que vivia na FraterUnidade na década de 1990.

Figura 19 – Alternativos da Frater em momento de folga na beira do rio



Fonte: Adaptado de Nogueira (1996, p. 120).

Figura 20 – Cozinha da Frater. Ao centro, sem camisa, o líder da comunidade, Edgar Ivo Müller Filho – o Ede ou Eknhath



Fonte: Acervo pessoal de Selene Villafane de Almeida.

3.3 ESPAÇOS DE REFÚGIO EM PIRENÓPOLIS

Nos arredores de Pirenópolis existem muitos espaços que servem como refúgio para pessoas que vêm de grandes cidades com o desejo de ter mais contato com a natureza. Em todas as direções do entorno da cidade é possível encontrar restaurantes, pousadas, casas, chácaras, condomínios, ecovilas e centros de desenvolvimento humano que permitem, ao indivíduo, ter contato com a fauna e a flora do Cerrado.

Para localizar esses espaços foram realizados levantamentos e a pesquisa de campo em três momentos: junho de 2016, dezembro de 2016 e abril de 2017. É importante ressaltar que os espaços relacionados representam apenas uma parcela dos lugares de refúgio existentes em Pirenópolis. A pesquisa não teve como meta apresentar todos os espaços, mas sim ilustrar parte de uma realidade. Durante o processo de levantamento foram visitados locais que não estão relacionados no trabalho e os mesmos não foram incluídos devido à falta de acesso ou por não terem sido considerados como locais de refúgio, apesar de estarem em contato com a natureza.

A classificação de espaços de refúgio nas 'imagens da função de habitar' é baseada no livro *A poética do espaço* (2008), de Gaston Bachelard, conforme mencionado no capítulo 2, p. 26, 27, 28 e 29. São elas a cabana, o ninho, o canto e a concha. A intenção é analisar através dessas imagens o conjunto de espaços de refúgio levantados pela pesquisa. Ressalta-se que há a possibilidade de os espaços serem classificados com mais de uma imagem. Nestes casos, a primeira imagem da função do habitar mencionada é a relacionada à relação entre o morador e o espaço mais evidente.

Dentre os diversos lugares visitados foram relacionados um total de 15, localizados na Serra dos Pireneus e na região do Vale Dourado, no município de Pirenópolis. A nomenclatura adotada para as casas foi definida apenas para esta pesquisa, como uma forma de identificar o espaço estudado. As denominações foram escolhidas com base em características que criaram identificação ao longo da pesquisa e podem estar ligadas a algum aspecto físico, ao contexto ou ao morador do lugar no momento em que foi visitada. É importante ressaltar que há casos em que o refúgio leva o nome do seu habitante, mesmo que ele não seja o proprietário oficial do imóvel. Os nomes dos espaços comerciais são os originais, pois entendeu-

se que há uma conexão estabelecida entre a nomenclatura e a identificação de seus usuários.

Quadro 3 - Refúgios em Pirenópolis

	Lugar	Região	Imagem da Função do Habitar
Refúgio 1	Casa do Rodolfo	FraterUnidade - Vale Dourado	Cabana/Canto
Refúgio 2	Casa Ede Müller	FraterUnidade - Vale Dourado	Ninho
Refúgio 3	Casa Circular	FraterUnidade - Vale Dourado	Concha
Refúgio 4	Casa do Adobe	FraterUnidade - Vale Dourado	Canto
Refúgio 5	Casa Octogonal	FraterUnidade - Vale Dourado	Ninho
Refúgio 6	Casa Patrícia	FraterUnidade - Vale Dourado	Ninho
Refúgio 7	Casa Chalé	Terra Nova - Vale Dourado	Concha/Cabana
Refúgio 8	Casa do Lula	Omni - Vale Dourado	Ninho
Refúgio 9	Casa do Thomas	Omni - Vale Dourado	Ninho
Refúgio 10	Casa dos Morcegos	Omni - Vale Dourado	Canto
Refúgio 11	Espaço Azul	Serra dos Pireneus	Canto
Refúgio 12	Refúgio da Serra	Serra dos Pireneus	Canto
Refúgio 13	Centro Caraívas	Serra dos Pireneus	Canto
Refúgio 14	Casa Madueño - Serra	Serra dos Pireneus	Canto/Ninho
Refúgio 15	Casa do Sávio	Serra dos Pireneus	Cabana

Fonte: Elaboração própria.

Ressalta-se que a classificação dos espaços de refúgio feita a partir das ‘imagens da função de habitar’ de Bachelard (2008) é uma possibilidade de interpretação realizada para esta pesquisa e não uma classificação rígida. Ao passo em que essas imagens não são categorias estanques, os habitares, por sua vez, são objetos de estudo complexos, portanto, de difícil classificação. Em alguns casos o refúgio possui características de mais de uma imagem da função do habitar simultaneamente, como no Refúgio 1 – Casa do Rodolfo e no Refúgio 7 – Casa Chalé. No primeiro caso os elementos da cabana e do canto aparecem tanto na forma quanto no uso dado pelo seu habitante, sendo esse habitar uma mescla das duas imagens. Já no outro refúgio as características da concha se dão pelo uso de

seu morador, porém, a sua forma é a de uma cabana. O Refúgio 14 – Casa Madueño - Serra, que também foi classificado com duas imagens, passou de uma categoria para outra devido a uma mudança na relação com o habitante, que ainda é o mesmo.

Essa ambiguidade na classificação demonstra as várias nuances que existem no estudo da arquitetura e da cultura do habitar e sua riqueza semântica. Trata-se, portanto, de uma primeira aproximação ao objeto de estudo, que ajuda a entendê-lo, mas não esgota suas possibilidades de análise, que foram exploradas no estudo de caso.

3.3.1 Ninhos

Em relação à classificação baseada nas ‘imagens da função de habitar’, de Bachelard (2008), entre os espaços de refúgio levantados, seis são do tipo ninho. São eles: a Casa Ede Müller (Refúgio 2), a Casa Octogonal (Refúgio 5), a Casa do Lula (Refúgio 8), a Casa do Thomas (Refúgio 9) e a Casa Patrícia (Refúgio 6).

A principal característica do ninho que está presente nos espaços relacionados é que eles servem (ou serviram) de refúgio familiar para a criação dos filhos em locais onde a natureza se faz presente. Imbuídos de uma aura de proteção, essas espacialidades são lugares de bem-estar e repouso de seus habitantes. A presença de crianças nesses espaços corrobora a ideia do ninho como espaço vivo e movimentado. Todos eles são espaços domésticos e se enquadram no ‘modo de habitar privado’²².

O Refúgio 2 - Casa Ede Müller, relacionado como ninho, pertenceu ao líder e fundador da comunidade FraterUnidade, que faleceu há cerca de dez anos (FIGURA 21). Esta casa foi o refúgio de quem sonhou com um modo de vida alternativo para a criação dos filhos e era habitada permanentemente. Hoje o local fica a maior do tempo fechado. A irmã de Ede, que mora em Goiânia, a terapeuta holística Karunah Guima, e os filhos do antigo líder, habitam o local esporadicamente²³.

²² A nomenclatura se refere à teoria de Christian Norberg-Schulz, conforme exposto no capítulo 2, páginas 25 e 26.

²³ As informações foram dadas pelo seu filho, Jiothy Muller, no momento da visita (vide APÊNDICE A - Diário de Bordo).

Figura 21 – Refúgio 2 - Casa Ede Müller – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

A casa é feita de tijolos aparentes na cor natural. A madeira se faz presente em parte da estrutura e as telhas são de barro. As janelas são do tipo venezianas em alumínio. Na varanda da entrada da casa há pôsteres e quadros com imagens da cultura indiana e mensagens de paz. A porta é de vidro com esquadrias de metal. Pelo lado de dentro foi colocada uma cortina que resguarda o interior dos olhares externos. A maior parte das plantas ao redor são nativas do Cerrado. Porém, bem próximo ao calçamento da casa há um jardim com ‘espadas de São Jorge’, uma planta que simboliza proteção.

Não foi possível entrar na casa, que está sendo pouco usada. A sensação é que a mesma se tornou um ninho vazio, sem o barulho das crianças que ecoava no passado. No entanto, trata-se do habitar real da infância dos filhos de Ede. Mesmo pelo lado de fora há uma aura nostálgica e um pouco melancólica ligada à casa, pelo fato de ela ter sido a casa do líder da comunidade e estar fechada nos momentos das visitas.

Um caminho estreito ladeado por árvores (FIGURA 22) liga o Refúgio 2 – Casa Ede Muller ao Refúgio 5 – Casa Octogonal, que é uma das primeiras construções da Frater e hoje está habitada cotidianamente pela antropóloga Selene Villafane Almeida e pelo indigenista Otacílio Almeida Júnior. Até 2016 os netos, que

ainda são crianças, habitavam a casa. Agora eles moram na cidade de Pirenópolis e frequentam o local apenas aos finais de semana.

Figura 22 – Caminho entre as casas na Comunidade Frater – junho 2016



Fonte: Elaboração própria.

A edificação foi construída pelo artista plástico Manoel Castelin e por sua esposa Olga Correa, entre 1988 e 1989. Depois moraram o casal Moreno e Erica. Em seguida a casa foi vendida para um estrangeiro, que nunca morou no local. Nesta época ela serviu de espaço para atividades coletivas dos integrantes da Frater. Otacílio e Selene moram na antiga comunidade desde a década de 1980 e já habitaram outras casas do lugar, inclusive uma coletiva. Eles estão na Casa Octogonal desde o final dos anos 1990.

Apesar de não ter apenas oito lados, a edificação ficou conhecida como a Casa Octogonal (FIGURA 23), uma referência já apontada no estudo do sociólogo Aico Sipriano Nogueira. Na verdade, a casa tem 12 lados e em algumas partes a junção quase forma curvas. Os materiais em destaque são os tijolos aparentes, que estão pintados de branco, além de pedras e madeiras. O primeiro pavimento da casa foi feito com o aproveitamento de tábuas de andaime.

Figura 23 – Refúgio 5 - Casa Octogonal – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

No entorno da casa há um jardim com plantas ornamentais e frutíferas, fazendo a transição entre a construção e a mata nativa. Há também uma horta suspensa no quintal, que tem o objetivo de dificultar o acesso de alguns insetos às hortaliças. Nos fundos da casa o morador estava construindo uma sauna artesanal (FIGURA 24).

Figura 24 – Otacílio ao lado da obra da sauna artesanal (esq.). À direita a horta suspensa – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que a Casa Octogonal é o ponto de encontro entre os vizinhos da antiga Frater. Ali habita-se em conjunto. O lugar é vivo. Esses fatores são característicos dos ninhos. A ideia é reforçada pela presença dos netos, pela infância vivida pelos filhos no passado e pela arquitetura ter um formato poligonal que quase configura um círculo.

Há alguns metros da Casa Octogonal, ainda na comunidade, há outro ninho, o Refúgio 6 – Casa Patrícia (FIGURA 25). Diversas famílias já habitaram o local, que hoje está cedido à terapeuta holística e professora de yoga, Patrícia Oliveira de Moraes, e ao seu filho Gabriel.

A moradora conheceu a FraterUnidade através de vivências que participou quando o lugar ainda funcionava como comunidade. Recentemente ela teve a possibilidade de habitar no local. Patrícia vivia em Goiânia e há 10 anos se mudou para Pirenópolis com a intenção de cuidar de sua saúde. A mudança para a Frater tem o objetivo de dar, ao filho, uma criação mais saudável, com mais contato com a natureza e integração com o mundo. O cuidado da moradora pelo seu espaço de refúgio pode ser percebido pelos elementos decorativos, que são muito presentes e buscam harmonizar o lugar a partir do emprego de elementos simbólicos e de caráter holístico, trazendo identificação entre a moradora e a casa (OLIVEIRA, 2017).

Figura 25 – Detalhes dos objetos de decoração na Casa Patrícia – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A casa é de tijolos aparentes, que estão mantidos na cor natural pelo lado de fora e pintados de branco no interior, além de telhas de barro. As janelas e portas

externas são de madeira e estão pintadas na cor verde (FIGURA 26). Quando abertas, a casa fica bem iluminada e circula ar. Isso passa uma sensação agradável de frescor. O acesso à casa é feito pela porta da frente e por outra na lateral direita, mais ao fundo.

Logo na entrada principal há um grande cômodo, que inclui a cozinha e a sala de jantar e se comunica com um ambiente à direita onde a moradora usa para meditar, estudar e descansar. Do outro lado da casa estão dois quartos e um pequeno banheiro.

Figura 26 – Refúgio 6 - Casa Patrícia – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

No entorno, há várias árvores, sendo algumas frutíferas, como a bananeira, e canteiros com plantas ornamentais e também com hortaliças. A casa está bem próxima ao bosque e, ao fundo, está o Rio das Almas. Patrícia e Gabriel possuem um galo de estimação, que alegra o lugar com o seu canto matinal e constitui-se em seu terceiro elemento (FIGURA 27).

Figura 27 – Jardim (esq.) e a moradora Patrícia – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A atmosfera do lugar é de simplicidade e de zelo. A decoração feita com peças de artesanato embeleza os ambientes e orna com a rusticidade da casa. Nela há espaço para o barulho e o colorido, com a presença da criança, e também pequenos refúgios para o silêncio e a contemplação do mundo adulto (FIGURA 28). Não é um lugar intocado, pois já tem histórias anteriores. É um lugar vivo e deixa espaço para os sonhos, principalmente os infantis, caracterizando o ninho.

Figura 28 – Espaço para o artesanato do adulto e para a expressão artística da criança que denotam religiosidade e evocam tradições locais. Porta do quarto do Gabriel – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Próximo à Frater está localizada a Comunidade Omni, onde estão outros refúgios classificados como ninho. O Refúgio 8 – Casa do Lula foi construído na época em que as comunidades do Vale Dourado existiam enquanto coletividade (FIGURA 29). O proprietário, Lula, foi um dos primeiros habitantes da Omni. A casa foi construída em um terreno com desnível à beira de um barranco. Parte da varanda é um *deck*, onde se tem uma vista do vale.

Figura 29 – Refúgio 8 - Casa do Lula – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Os materiais que estão em destaque nesta edificação são os tijolos aparentes em marrom claro, a madeira e o barro das telhas. O chão da varanda está revestido de pedras. As esquadrias são de madeira e vidro, com destaque para uma janela em formato triangular.

A casa tem uma piscina artesanal e, por isso, era o lugar preferido das crianças das comunidades. Há também uma sauna em formato arredondado com vários pratos e garrafas coloridos encrustados ao longo das paredes e do teto (FIGURA 30). A luz que passa por esses vidros pode estimular a imaginação, com a sauna remetendo a uma nave espacial de obras de ficção científica ou a uma casa de gnomos. Ou seja, um lugar habitado por seres fantásticos, denotando uma atmosfera de alegria e descontração.

As formas orgânicas da piscina e da sauna se contrapõem ao formato quadrangular da casa, destacando-se como elementos especiais atribuídos de valores simbólicos dentro do conjunto. Percebe-se ainda que, ao construir uma 'área de lazer' em um lugar onde a vida era comunitária, o morador estava disposto a receber os vizinhos, abrindo a casa para acolher e agregar. Essas características remetem ao ninho.

Figura 30 – Piscina e sauna na Casa do Lula – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O entorno da casa tem bastante árvores nativas e outras frutíferas, estas plantadas pelos moradores. Parte deste quintal é revestido com pedras. Na ocasião da visita o lugar parecia ter pouco uso. Como não foi possível acessar o interior da casa e nem ter contato com o morador, as informações sobre o lugar são de Jiothy Müller, que morou na Frater e acompanhou a visita, e estão disponíveis no APÊNDICE A.

Ainda na Comunidade Omni, próximo à Casa do Lula, encontra-se outra espacialidade classificada como ninho, o Refúgio 9 – Casa do Thomas (FIGURA 32). Ela também foi construída na época em que as comunidades tinham vida compartilhada e recebeu essa classificação porque na época os filhos do morador

eram crianças. Pelo lado de fora se observam três pavimentos de diferentes tamanhos, além do térreo. Esse empilhamento dos andares de volumetria reduzida, com vários telhados e diferentes materiais e texturas, lembra ninhos dispostos ao longo de uma árvore. Essa característica despertava uma curiosidade lúdica nas crianças que viviam ali na época²⁴.

Observa-se que diversos materiais fazem o fechamento da casa. São paredes de tijolinhos aparentes – alguns pintados de branco e outros marrons, outras são de adobe e figura também o bambu. Há pequenas aberturas triangulares nas paredes que permitem entrada de luz e de ar. Em uma das paredes garrafas de vidro estão dispostas lembrando pétalas e, ao circundarem uma janela redonda, que seria o ‘miolo’, formam uma flor. Esses desenhos podem simbolizar crenças esotéricas dos moradores da casa, além de funcionarem como um mecanismo de troca entre o meio interno e o externo (FIGURA 31).

As FIGURAS 31 e 32 mostram que várias aberturas estão presentes na edificação. São diversas portas e janelas em madeiras e em vidro em diversos formatos e tipos. Essa variedade denota movimento e a vivacidade do ninho. Da varanda surgem colunas de pedras empilhadas que circundam a sustentação de madeira até o primeiro pavimento.

Figura 31 – Paredes com aberturas em desenhos geométricos – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

²⁴ As informações foram dadas por Jiothy Muller no momento da visita (vide APÊNDICE A - Diário de Bordo).

Figura 32 – Refúgio 9 - Casa do Thomas – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que essa casa é como uma bricolagem²⁵, em que as peças vão sendo colocadas sem um projeto prévio, e seus volumes se constituem quase como elementos autônomos. Isso remete à forma como a maioria dos pássaros constrói um ninho. Eles empilham os materiais que encontram disponíveis em vários lugares próximos, constituindo diferentes texturas, o que dá aconchego e vida ao lugar. Tanto a característica das aberturas (janelas e portas) quanto das colunas assumem, neste refúgio, funções que vão além do utilitário, perpassando pelo simbólico e pelo lúdico. Esse improvisado traz a organicidade que se assemelha aos elementos naturais, demonstrando vivacidade, que é característica de um ninho.

²⁵ Expressão francesa que significa um trabalho feito por pessoa não especializada, sem um profissional da área.

Figura 33 – Colunas de ‘pedras’ na Casa do Thomas – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Nos arredores da casa há uma parte calçada com pedras. Há muitas árvores nativas e pequenos jardins de ‘espada de São Jorge’. A casa aparenta pouco uso e tem sido habitada como local de veraneio. Também não foi possível ter acesso ao interior do Refúgio 9 – Casa do Thomas e nem conversar com os moradores.

No momento da realização da pesquisa os espaços relacionados como ninho que estavam habitados por crianças são o Refúgio 6 - Casa Patrícia e o Refúgio 5 - Casa Octogonal, ambos na Frater. As demais casas abrigaram a criação dos filhos que, agora adultos, muitas vezes retornam a estes locais como visitantes. Para eles estes espaços ainda podem significar repouso e proteção.

3.3.2 Cantos

Os locais classificados como cantos, de acordo com as ‘imagens da função de habitar’, de Bachelard (2008), totalizaram seis refúgios. Entre os ‘habitares públicos’²⁶ estão o Refúgio 11 - Espaço Azul, o Refúgio 12 - Refúgio da Serra e o Refúgio 13 - Centro Caraívas. Já os ‘habitares privados’ são a Refúgio 4 - Casa do Adobe, Refúgio 10 - Casa dos Morcegos e o Refúgio 14 - Casa Madueño – Serra.

Os cantos, segundo Bachelard (2008), são lugares que sugerem um recolhimento em si mesmo e, de tão silenciosos, nem parecem estar habitados. Imersos apenas nos sons da natureza, os refúgios 11, 12 e 13 estão localizados no

²⁶ A nomenclatura se refere à teoria de Christian Norberg-Schulz, conforme exposto no capítulo 2, páginas 25 e 26.

alto da Serra dos Pireneus. Todos eles são lugares voltados para o desenvolvimento humano e recebem pessoas que estão interessadas em se recolher junto à natureza e em atividades que levam à introspecção, como, por exemplo, a meditação e a yoga. São práticas que sugerem um contato do indivíduo com a essência, onde as máscaras sociais que o indivíduo necessita no cotidiano da sociedade podem ser deixadas de lado. Fisicamente, são lugares com várias pequenas construções individuais, como suítes ou até mesmo mais de um ambiente, e com construções coletivas, como cozinhas e salões para as atividades em grupo.

Os ‘habitares privados’ classificados como “canto” remetem com ainda mais intensidade o caráter introspectivo que se estabelece entre o morador e o lugar, ao resguardar suas lembranças e devaneios. Cumprem a promessa de serem o ‘canto no mundo’ de pessoas que buscaram, nesses lugares, ausentar-se da intensa vida urbana. Assim como os cantos públicos, eles têm o silêncio como característica muito presente. Diferente dos ninhos e, até mesmo das cabanas, os cantos são refúgios para adultos, pois sugerem reflexões ligadas à maturidade, muito diferente da leveza típica da infância.

O Refúgio 4 – Casa do Adobe está localizado na Comunidade FraterUnidade e foi construída em 1989 pelo casal Mira e Cordeiro (ALMEIDA, 2017). Diversas famílias já habitaram o local, que hoje abriga o ex-bancário Gilson e sua esposa, que vieram de Brasília. Eles não fizeram parte da comunidade e estão na casa há poucos anos. Após a aposentadoria de Gilson no banco, o casal passou a procurar um lugar para viver com tranquilidade, longe da agitação dos centros urbanos²⁷.

A casa está bem conservada e os moradores fizeram jardins e horta nos arredores (FIGURA 34). A edificação é de adobe e coberta com telhas de barro. As janelas e portas são de madeira e vidro. Há algumas aberturas nas paredes, onde foram colocados tijolos de vidro, e outra que chama a atenção pelo formato de triângulo. Pelo lado de dentro se percebe que a figura foi disposta com intencionalidade no final do corredor (FIGURA 35).

²⁷ As informações estão disponíveis no APÊNDICE A - Diário de Bordo e foram coletadas na primeira visita realizada na Frater. Há informações sobre a casa também na entrevista de Selene Villafani de Almeida. Não foi possível gravar entrevista com o morador.

Figura 34 – Refúgio 4 - Casa do Adobe – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 35 – Corredor da casa com a abertura de triângulo – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

A maioria dos espaços de refúgio relacionados tem estrutura de madeira e vedação de tijolos. Esta casa é de adobe, um outro tipo de técnica construtiva, onde as paredes são autoportantes. Porém, há reboco que foi feito por antigos moradores.

Em uma parte da sala, a parede foi descascada e expôs o interior da parede. Uma moldura de madeira rústica transformou esse elemento em um quadro (FIGURA 36).

Figura 36 – Exposição da parede transformado em elemento decorativo – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Parte da área externa é calçada com pedras de Pirenópolis, formando caminhos pelo jardim, forrado de grama. Esse revestimento também está presente no banheiro, tanto no chão quanto nas paredes (FIGURA 37). Nas demais áreas da casa o piso é de um tipo de cerâmica de barro.

Figura 37 – Banheiro (esq.) e jardim (dir.) – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

A Casa do Adobe foi classificada como canto por ser um espaço adulto e que foi idealizado pelo seu morador como um retiro para a alma, próximo à natureza, após a sua aposentadoria. É um espaço para ele apenas 'ser', longe dos números e da correria do cotidiano das instituições financeiras nas quais Gilson trabalhou.

Na Comunidade Omni se encontra outro lugar classificado como canto. O Refúgio 10 – Casa dos Morcegos (FIGURA 38) recebeu esse nome devido à grande quantidade desses animais presentes na varanda da casa. A visita foi realizada com o morador do Refúgio 7 – Casa Chalé, Otávio Maciel, vizinho da edificação, que estava responsável pela chave da mesma. O seu morador se chama Marco Tadeucci e atua na área de gastronomia em São Paulo. Por estar morando em outro Estado, o espaço tem sido pouco usado e também não foi possível ter acesso à história da construção e observar a relação do morador com a casa.

Figura 38 – Refúgio 10 – Casa dos Morcegos – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A edificação é feita com muitos tipos de materiais (FIGURA 39). Nas paredes são encontrados tijolos aparentes, adobe com tinta cal, cerâmicas em cacos, vidros de garrafas, madeira e vidros em diversos formatos. A casa traz uma aparência de colcha de retalhos devido à junção entre todos esses elementos, o que remete à tectônica, devido aos diversos materiais que abrangem a extensão da casa. Ela também apresenta características de bricolagem, onde as peças foram acrescentadas sem a elaboração de um projeto.

Figura 39 – Junção de vários materiais na Casa dos Morcegos – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

As janelas não possuem formatos e nem disposição padronizados (FIGURA 40). Existe uma grande variedade de aberturas, que estabelecem diferentes maneiras de contato com o espaço externo da casa e a natureza.

Figura 40 – Algumas das janelas da casa – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

O pavimento superior é um cômodo único, feito em madeira. O seu acesso se dá pelo interior da casa, por meio de uma escada feita de garrafas de vidro, pedra e barro (FIGURA 41). Na parte interna, devido à não linearidade da construção, há pequenos recuos formados cantos (FIGURA 42).

Figura 41 – Escada – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 42 – Recuo forma um canto na casa – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

No interior, há muitos móveis, sendo alguns antigos, como, por exemplo, a cadeira de balanço modelo Thonet (FIGURA 43). Porém, o mobiliário não possui

tanta expressão diante da riqueza de detalhes presente nas paredes, esquadrias e teto, em madeira e telhas aparentes, além de outros elementos construtivos, como é o caso da escada, que assume caráter plástico, destacando a estereotômica da massa comprimida, levantada por Frampton (2008) e apresentada no referencial teórico.

Figura 43 – Mobiliário – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria

A ambiência geral da casa é de abandono. Como está fechada, há muita poeira, o interior está escuro e os arredores estão tomados por mato. Percebe-se que o lugar propõe um isolamento social e um contato do morador consigo mesmo. Dessa forma, classificou-se a Casa dos Morcegos como canto, denotando a expressiva falta de contato com as pessoas.

O Refúgio 11 – Espaço Azul é um espaço na Serra dos Pireneus que recebe grupos para práticas de desenvolvimento humano e retiros espirituais (FIGURA 44). São várias edificações, entre elas chalés e salão de convivência. Os chalés são feitos de tijolos aparentes em cor natural com telhado em parte de madeira e barro, visto que a varanda está coberta com telha de fibrocimento. As portas são de esquadrias de metal quadriculadas com vidros e os pisos externos são de pedra. Na varanda dos chalés se encontram redes, balanços e cadeiras de fio, convidando o habitante à contemplação e ao relaxamento (FIGURA 45). O aspecto é bastante rústico.

As laterais do salão de convivência são fechadas com vidro, estabelecendo uma intensa relação entre o ambiente interno e o externo, que é repleto de plantas.

Figuram ainda a parte estrutural em tijolos aparentes e madeira e pedras de Pirenópolis no piso externo (FIGURA 46).

Figura 44 – Recepção (esq.) e jardim do Espaço Azul – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 45 – Chalé do Espaço Azul – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O habitar no Espaço Azul é esporádico aos indivíduos que participam dos retiros. Porém, há uma permanência diária da proprietária Elza, que construiu a sua casa ali. Ela já trabalhou na Unesco e, por isso, morou em diversos lugares do mundo, como Paris, Nova York e Índia. Trocou a vida agitada das grandes cidades por um lugar de paz na Serra dos Pireneus.

Figura 46 – Salão de convivência do Espaço Azul – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

No amplo jardim que permeia os espaços construídos, encontra-se um riacho e em sua margem foi erguida uma sauna artesanal feita de barro, com porta em madeira e com alguns pratos de vidro encrustados na edificação. De acordo com a proprietária, serve para terapias de desintoxicação (FIGURA 47).

Figura 47 – Sauna artesanal próxima ao riacho – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O Refúgio 11 - Espaço Azul tem uma atmosfera silenciosa e tranquila, o que remete à imagem do canto. A visita foi realizada em dia de semana e haviam alguns

funcionários trabalhando na manutenção do espaço. Mesmo assim, os sons da natureza se sobressaíam e compunham uma aura de paz. É um refúgio para a alma.

Seguindo a estrada que corta a Serra dos Pirineus, porém relativamente próximo ao Espaço Azul, encontra-se o Refúgio 12 – Refúgio da Serra. O lugar possui vários chalés que são locados para pessoas que desejam passar alguns dias em meio à natureza (FIGURA 48). Há também a casa dos proprietários Célia e Roberto, que moram e trabalham no local.

Figura 48 – Refúgio 12 - Refúgio da Serra – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Um jardim com plantas mais baixas liga a casa dos proprietários aos chalés (FIGURA 49). Vê-se que as árvores ainda estão crescendo e, por isso, há pouca sombra no local, o que acentua a sensação de calor latente. Como o Refúgio 12 está localizado no alto da Serra, há uma vista ampla para o Cerrado. Bandeirolas budistas enfeitam a área externa e compõem a atmosfera de paz proposta pelo ambiente. As construções são simples, feitas de alvenaria e telhas de barro. Na varanda da casa dos proprietários há telhas de fibrocimento. As portas e janelas são industrializadas, de modelos e tamanhos variados. Há exemplares em madeira, metal com vidro e somente metal. As pedras naturais figuram nos calçamentos externos tanto dos chalés quanto da casa.

Figura 49 – Jardim entre as edificações no Refúgio da Serra – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

A classificação como canto se deve ao fato de a proposta principal do espaço para os visitantes ser a de isolamento. Esse recolhimento também permeia o cotidiano do casal, que costuma receber os hóspedes nos chalés aos finais de semana e feriados. O silêncio se faz presente no lugar, reportando a um acolhimento e à introspecção.

Outro espaço relacionado como canto é o Refúgio 13 - Centro Caraívas, também localizado na Serra dos Pireneus. Ele foi construído como um lugar para receber grupos de pessoas que praticam atividades ligadas à espiritualidade. Há uma construção principal, onde ficam o refeitório, a recepção e uma varanda (FIGURA 50). E também edificações divididas em dois pavimentos, que abrigam quartos. A permanência no espaço é esporádica e a finalidade é comercial (FIGURA 51).

Figura 50 – Receptivo do Centro Caraívas – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 51 – Edificação que abriga os quartos no Centro Caraívas – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Todas as construções têm aparência rústica e foram construídas em alvenaria e madeira. As cores das paredes, pintadas, variam entre tons terrosos. A maioria

dos telhados é feita com telhas de barro. Na edificação principal, uma parte da varanda é coberta com bambu e conta com colunas de tijolos aparentes. O aspecto natural dos materiais harmoniza com o exterior. O Centro está em meio ao Cerrado e o visitante pode fazer trilhas em meio à natureza e tem acesso a uma cachoeira (FIGURA 52). Há muitas árvores nativas ao redor das construções e pequenos canteiros onde foram feitos jardins de plantas ornamentais.

Figura 52 – Bambu cobrindo a varanda do receptivo (esq.) e trilha na natureza (dir.)
– registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Nas edificações privadas as portas e janelas são de madeira. Os pisos externos são revestidos com pedras e, no interior, são de cimento queimado e de cerâmicas de barro. Tanto nos quartos quanto no receptivo o mobiliário é bem rústico, sendo a maioria de madeira (FIGURA 53).

Não foi possível o contato com a proprietária do local no momento da visita, pois ela estava viajando. O Refúgio 13 – Centro Caraívas foi classificado como canto porque tem uma atmosfera de introspecção e proporciona o contato do habitante com a natureza. O silêncio é um elemento muito presente no local. O barulho vem apenas dos sons emitidos pelos animais e pelas folhas das plantas ao vento.

Figura 53 – Interior de um dos quartos no Centro Caraívas – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Ainda na Serra dos Pireneus está localizado o Refúgio 14 – Casa Madueño – Serra, no sítio Vereda de Cristal (FIGURA 54 e FIGURA 55). O proprietário é o engenheiro Fernando Madueño e a funcionária pública Rossana da Cunha Gehlen, que começaram a morar com a família no local em 1993. Porém, com a idade escolar, a família construiu uma casa na cidade de Pirenópolis, no bairro do Carmo, onde eles ainda têm residência fixa. Desde jovem Fernando sempre gostou de esportes em meio à natureza, como a canoagem e o *mountain bike*, e essa prática o motivou a construir a casa.

Figura 54 – Refúgio 14 - Casa Madueño Serra – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 55 – Outra fachada da Casa Madueño Serra (esq.) e a imagem externa da lareira (dir.) – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Apesar de hoje o refúgio ser classificado como canto, ele foi erguido para ser um ninho. Durante alguns anos o lugar foi habitado também pelas filhas do casal, Mel e Iasmim. No quintal ainda tem uma casa de bonecas que não é mais usada

pelas meninas, que já são adultas, o que expressa a dubiedade na classificação desta espacialidade (FIGURA 56).

Figura 56 – Imagens que remetem ao ninho que a Casa Madueño Serra foi no passado – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

A ideia de Fernando é morar permanentemente na casa após a aposentadoria da esposa. Ele se emociona ao falar desse espaço idealizado para servir de refúgio às atividades cotidianas. Os revestimentos em pedra, os móveis, as plantas, todas as coisas possuem uma história e têm uma relação profunda com ele. É possível sentir a diferença do estado de espírito do morador, que fica bem mais leve e descontraído em seu canto na Serra do que na casa da cidade.

Os principais materiais que se destacam na casa são a madeira e as pedras, que fazem parte da estrutura e do revestimento. Ela está situada em meio ao Cerrado e ao redor foi feito um jardim com plantas ornamentais, frutíferas e pequenos lagos. As janelas e portas compostas por madeira e vidros deixam o espaço aberto para o contato com o externo. O vidro também reveste o fundo da lareira, o que é algo inusitado.

Os móveis da casa são simples e rústicos. A casa na serra tem um terço do tamanho da residência da cidade. É onde Fernando se retira do mundo para apenas 'ser' e sonha com o dia que esse refúgio se tornará seu endereço fixo. O silêncio hoje está muito presente, apesar de no passado o movimento e o barulho das filhas trazerem à casa a atmosfera do ninho.

3.3.3 Cabanas

A cabana enquanto ‘imagem da função do habitar’ em Bachelard (2008) tem uma conotação simbólica muito ligada à primitividade humana. São lugares simples e despojados de adorno, que estão intrincados na natureza traçando um limite sutil entre o que é externo e o que é interno. A cabana representa a “[...] raiz axial da função de habitar” (BACHELARD, 2008). No passado resguardava os indivíduos dos perigos da natureza. Agora não é mais a natureza que representa esse perigo e é a simplicidade da cabana que passa a protegê-lo dos ‘perigos’ da vida moderna.

O Refúgio 1 – Casa do Rodolfo encontra-se em uma linha tênue entre a imagem da função do habitar cabana e canto. A edificação foi construída inicialmente para abrigar a escola da Comunidade Frater e não para ser uma casa, tendo ficado abandonada por muitos anos (FIGURA 57).

Figura 57 – Refúgio 1 - Casa do Rodolfo – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O morador deste refúgio, Rodolfo Aldrovandi, é músico e terapeuta reichiano e veio do Uruguai para o Brasil ainda jovem. Mudou-se para a Frater em 1985 e viveu nas casas coletivas que havia na época. Esteve afastado da comunidade por alguns anos, desempenhando atividades laborais no meio urbano. Há 16 anos passou a habitar a antiga escola.

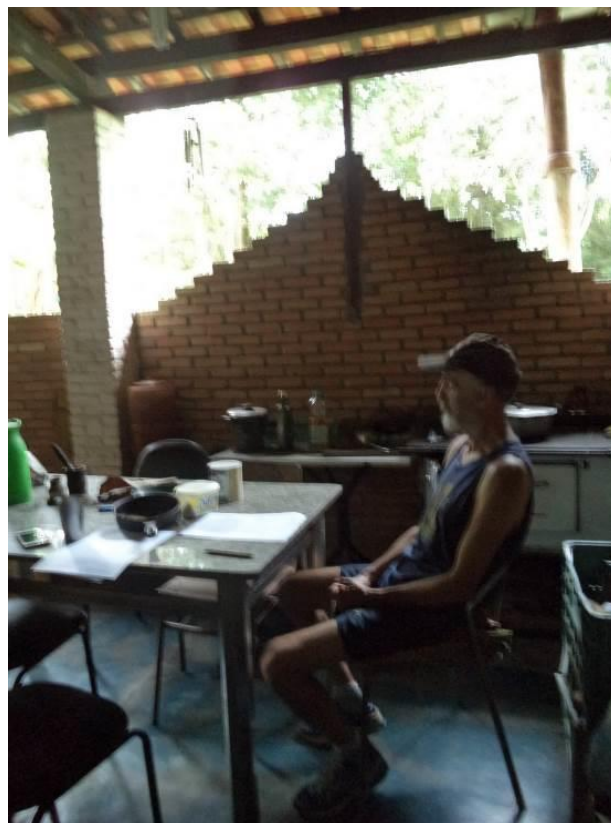
Quando Rodolfo resolveu morar permanentemente na comunidade pediu autorização para os demais moradores para reformar a edificação, que estava em

ruínas e praticamente sem o telhado. A estrutura precisou ser reforçada com metalon, que são tubos de aço. A casa é feita de tijolos de barro maciços e aparentes e a maioria está pintada de branco. Extremamente simples, a casa onde vive Rodolfo é despojada de luxo e adorno e, neste ponto, aproxima-se da cabana.

Por outro lado, há cerca de cinco anos o contato físico com a cidade está cada vez mais raro. Em vários momentos o uruguaio fala, em tom de brincadeira, que ele é o 'homem das cavernas', por ficar quase de maneira intermitente na casa, de forma solitária. Esta vivência relatada por ele aproxima o seu refúgio das características do canto.

O lugar conta com cozinha, dois banheiros e outros três cômodos, sendo uma sala, um quarto e um depósito (FIGURAS 58 e 59). As paredes em toda a casa não tocam o teto. Na cozinha elas ultrapassam pouco mais da metade da altura do pé direito. Um portão de tábuas ripadas e pintadas de vermelho faz a separação entre o ambiente interno do externo. Essas aberturas na edificação são um convite para que a natureza entre sem pedir licença, o que também caracteriza a cabana.

Figura 58 – Rodolfo em sua cozinha – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 59 - Quarto e sala – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 60 - Aberturas da casa vistas pelo interior – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

É comum a presença de vários animais do mato, como os gambás, os pássaros – que às vezes fazem ninhos em objetos da casa, e os morcegos, que se penduram no teto porque precisam de um ambiente agradável para regular o calor e a umidade do corpo. E até mesmo as cobras se aventuram por ali, mas Rodolfo as leva de volta para o mato (ALDROVANDI, 2017). Para o morador essa convivência precisa ser natural, pois é ele quem está no habitat do bicho. Essa característica da

Casa Rodolfo remete a uma memória infantil que a cabana carrega, que é o signo da aventura.

Apesar do isolamento físico, ele acompanha os acontecimentos mundiais através do rádio e da televisão com antena parabólica. O acesso de Rodolfo a alguns tipos de tecnologia se contrapõe com objetos da casa não tão modernos, como o fogão à lenha.

Com essa intensa convivência com a natureza, o habitante do Refúgio 1 – Casa do Rodolfo conta que a introspecção típica dos cantos é inevitável. “Hoje estou tentando achar um equilíbrio de continuar na natureza, inevitavelmente, em um vínculo íntimo, um caso amoroso. Mas ao mesmo tempo, não ficar dissociado da realidade que está aí.” (ALDROVANDI, 2017).

O Refúgio 15 – Casa do Sávio tem aura mágica e de aventura, que é uma característica da cabana em Bachelard (2008), e está situado na Serra dos Pirineus (FIGURA 61). Ele foi construído por uma mulher chamada Evelin, que buscou o lugar por acreditar que ali ela poderia ter contato com fadas e outras representações esotéricas da natureza. A antiga moradora não gostava nem que os visitantes chegassem lá de carro para que não poluíssem o local. Após alguns anos Evelin se mudou para uma comunidade alternativa no interior de São Paulo, vendendo o lugar para o empresário Paulo Amorim, em 1987.

Figura 61 – Refúgio 15 - Casa do Sávio



Fonte: Arquivo pessoal de José Arthur D'Aló Frota.

Há cerca de sete anos Paulo vendeu a casa para o seu amigo Sávio Cruvinel Câmara, que hoje habita o lugar a cada 15 dias. A edificação foi reformada pelo engenheiro Fernando Madueño, que na ocasião realizou uma manutenção dos materiais, a integração da cozinha com a sala e a ampliação de seu pé direito, mantendo, no espaço, elementos tal qual como existiam na casa original, como as janelas e o piso²⁸.

A casa está situada em meio ao Cerrado e não tem sinal de celular e internet. Há muitas árvores no entorno e outra pequena cabana no quintal (FIGURA 62). Eventualmente os moradores recebem visitas, que ficam hospedadas nesta edificação. Para o que contato com a natureza seja harmônico, Sávio e a sua família precisam conviver, por exemplo, com a curiosidade dos animais, como os macacos, que habitam o entorno e, muitas vezes, destelham a casa para ver o que tem dentro.

Figura 62 – A varanda e a cabana para hóspedes - Casa do Sávio



Fonte: Arquivo pessoal de José Arthur D'Aló Frola

Entre os materiais de destaque estão madeira e pedras de Pirenópolis. As telhas são de barro e no piso interno figuram o cimento queimado e um revestimento cerâmico rústico, originais da casa. As janelas são de madeira. Há aberturas nas paredes com vidros de para-brisas de carros.

²⁸ Fontes: Câmara (2017); Amorim (2017) e Silva (2017).

O Refúgio 15 – Casa do Sávio é uma edificação muito simples e de espaços pequenos e aconchegantes, típicos da cabana. No térreo estão a sala e a cozinha, que são integradas (FIGURA 63), e um banheiro. No mezanino estão um quarto e um banheiro.

Figura 63 – Térreo da Casa do Sávio – cozinha e sala integradas



Fonte: Arquivo pessoal de José Arthur D'Aló Frota

Portanto, é a casa sem luxo, com poucos móveis e não é atravancada como as casas citadinas. Traz a memória da moradia do tempo em que o acesso era ainda mais difícil e por isso se tornou um refúgio dos perigos da 'floresta', mas, principalmente, da fuga às preocupações do mundo. É o lugar da aventura, onde o morador precisa aprender a conviver com os 'perigos' externos, que hoje são os macacos e quatis.

3.3.4 Conchas

As conchas possuem características ligadas à beleza e, também, aos signos de violência e de medo pelos seres que a veem de fora. “Nesse refúgio a vida

concentra-se, prepara-se e transforma-se.” (BACHELARD, 2008, p. 130). Através dessas características é possível fazer uma analogia com o processo criativo artístico.

Esse tipo de ‘imagem da função do habitar’ sugere um profundo recolhimento, que é diferente da introspecção sugerida pelo canto. Na concha o seu habitante se retrai para depois mostrar o belo fruto de sua produção para o mundo. Outra diferença é a questão do silêncio, que não se faz tão presente na concha quanto no canto. O processo artístico muitas vezes tem música ou sons pesados, como o do martelo e do formão.

No Refúgio 3 – Casa Circular habita o artista plástico Rudemar Vilson Schmicht, o Rude, que faz esculturas em madeira. Ele mora na casa desde a época da Comunidade FraterUnidade, vindo do interior do Paraná para Pirenópolis há mais de 20 anos com o objetivo de criar os filhos longe dos agrotóxicos. Rude ajudou a construir a casa e fez adaptações ao longo dos anos. Hoje ele mora sozinho no local.

A casa tem dois pavimentos. O térreo se configura como um único espaço, em forma de um grande círculo, com anexos onde estão a cozinha, um ateliê, uma área de serviço e um banheiro. No mezanino fica o quarto. O telhado é em duas águas e não segue a forma circular. Os principais materiais da Casa Circular são os tijolos aparentes em tom natural, a madeira e os vidros reaproveitados de garrafas e para-brisas (FIGURAS 64 e 65).

O seu interior não se mostra muito para quem está do lado de fora. O lugar é permeado por ferramentas rudes utilizadas na confecção das suas obras (FIGURA 66). É um lugar de transformação de algo sutil e belo que surge de um processo brutal. Assim como os animais que habitam as conchas e produzem pérolas, nesta casa o habitante se recolhe para depois mostrar a beleza que pode sair desse lugar. Além disso, a beleza da exterioridade da casa e o seu formato circular, que coloca o usuário no centro, são características da concha.

Figura 64 – Refúgio 3 - Casa Circular – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 65 – Casa Circular, o telhado em duas águas e o anexo – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 66 – Interior da Casa Circular – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Outro elemento que configura essa ‘imagem da função do habitar’ é que ela cresce conforme a necessidade de seu morador que, neste caso, foi ampliada através de apêndices (FIGURA 67). Traz o signo do recolhimento e também da constante transformação através da expressão artística.

Figura 67 – Casa Circular e o anexo construído posteriormente



Fonte: Elaboração própria.

O Refúgio 7 – Casa Chalé (FIGURAS 68 e 69) é outra espacialidade que traz, em sua essência, a ambiguidade e por isso foi classificada como concha e também

como cabana. A sua primeira classificação se deve ao relacionamento estabelecido pelo morador, o músico e gastrônomo Otávio Damasceno Maciel Filho, que no momento da pesquisa habitava o local diariamente. Já pelos aspectos construtivos, forma, tamanho e pela simplicidade, a espacialidade se aproxima das características da cabana.

Figura 68 – Refúgio 7 - Casa Chalé – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 69 – Casa Chalé vista de lado – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A edificação foi construída por Otacílio Almeida Júnior, morador do Refúgio 5 - Casa Octogonal, na década de 1990. O lugar é chamado pelo seu idealizador de chalé e, por isso, o nome foi adotado nesta pesquisa. Ele está localizado no Vale Dourado, em um loteamento conhecido como Terra Nova, vizinho das comunidades FraterUnidade e Omni. Apesar de morar há pouco tempo no chalé, Otávio Maciel vê o espaço como um refúgio aos problemas de ordem profissional, que são questões ligadas à cidade. A pequena casa está ajudando-o no desapego material e tem servido de retiro para um processo de autoconhecimento. Assim, o morador tem criado laços com esse espaço (MACIEL FILHO, 2017).

A casa possui dois pavimentos. No térreo há uma sala, uma cozinha e um banheiro, todos bem pequenos, além da varanda (FIGURA 70). Um mezanino abriga um cômodo único, organizado pelo morador como quarto e espaço para abrigar seus objetos de trabalho e suas coleções de discos e livros (FIGURA 71). Os principais materiais que compõem a construção da casa são a madeira e o tijolo aparente em tonalidade natural. Os vidros aparecem coloridos como vitrais.

A casa fica muito próxima ao bosque e a poucos metros do Córrego Mapuã, afluente do Rio das Almas. A presença de animais silvestres é frequente no entorno, como os quatis, as cobras e os macacos bugios. Porém, eles não acessam facilmente o interior da casa. Essa segurança dos 'perigos' da floresta remete à cabana.

Figura 70 – Sala (esq.) e cozinha (dir.) da Casa Chalé – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 71 – Mezanino abriga a cama e os objetos de criação de Otávio Maciel – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Os discos e as roupas de apresentação artística figuram no interior do refúgio e se apresentam de uma forma mais delicada que as ferramentas de esculpir do artista plástico, por exemplo. Otávio está recolhido no chalé como o caramujo em sua concha nos períodos de inverno. Essa analogia com o momento de vida do morador faz justificá-la como concha. Outro quesito é a criação artística, que também está relacionada com o conceito. A casa é fechada para quem está do lado de fora. Observa-se que a beleza da edificação ainda não emergiu para o exterior.

Entre as principais características dos espaços de refúgio levantados está a relação que eles têm com a natureza. Outra característica é o fato de que a maioria de seus habitantes busca se refugiar das grandes cidades e não são nativos daquele espaço. Em relação aos aspectos físicos, a maioria dos espaços utiliza materiais construtivos simples, como madeira, telhados de barro, tijolo aparente e vidros reaproveitados, como de garrafas e de carros. Isso se deve tanto à preocupação ambiental quanto ao acesso a recursos construtivos, que muitas vezes são caros.

Outra constatação é que a classificação criada a partir das 'imagens da função de habitar', de Bachelard (2008), pautam-se, na maior parte das vezes, por elementos sensoriais e simbólicos, observados a partir da relação entre seus habitantes e o espaço. As características físicas são também aspectos bastante relevantes, mesmo não havendo um modelo único de casas tipo cabana, ninho, canto e concha.

A socióloga francesa Marion Segaud, que estuda a Antropologia e a Arquitetura, considera que vários fatores podem influenciar a relação entre o indivíduo e o espaço que habita. A forma como usam e criam vínculos com os seus lugares de refúgio mostram a essência da identidade que se estabelece entre eles.

Habitar não se declina da mesma maneira conforme as épocas, as culturas, os gêneros, as idades da vida; a habitação é profundamente marcada por essas diferentes dimensões e apresenta uma diversidade que apenas uma história poderia relatar. (SEGAUD, 2016, p. 97).

A arquitetura das edificações pode ser contemporânea, moderna ou ter uma estética que não se enquadra em um determinado estilo arquitetônico ou que marca uma atemporalidade. Isso demonstra que esses refúgios vão ao encontro do que propõe a discussão sobre a tectônica, que defende uma arquitetura autônoma e que não segue um determinado estilo. Por isso, dependendo do uso e dos vínculos com o espaço, o mesmo lugar pode ser classificado de maneiras diferentes, aludindo à complexidade dos objetos de estudo e das ciências que envolvem a cultura do habitar.

Mais uma vez, ressalta-se que a classificação realizada a partir das informações coletadas nos levantamentos e do referencial teórico é apenas uma possibilidade em meio a diversas outras que podem ser feitas.

Lá o tempo espera
 Lá é primavera
 Portas e janelas ficam sempre abertas
 Pra sorte entrar
 Em todas as mesas, pão
 Flores enfeitando
 Os caminhos, os vestidos, os destinos
 E essa canção
 Tem um verdadeiro amor
 Para quando você for

(Marisa Monte/ Pedro Baby/Carlinhos Brown/Arnaldo Antunes)

4 A CULTURA DO HABITAR E OS REFÚGIOS EM PIRENÓPOLIS

No presente capítulo se propôs a analisar os refúgios e os elementos presentes neles a fim de compreender como esses lugares podem conferir uma atmosfera de aconchego e criar vínculos com seus moradores. A intenção é entender como esses espaços transmitem sensações ligadas à paz e à segurança, por meio da sua materialidade e das relações estabelecidas com seus habitantes.

A partir base teórica já apresentada se buscou compreender como os aspectos materiais e imateriais presentes nesses lugares estão ligados à ideia do refúgio. Para isso o principal norteador foram as teorias e os estudos relacionados à fenomenologia, onde foi possível identificar elementos importantes dessas discussões e que são a base da metodologia de análise.

De acordo com Segaud (2016, p. 98), a fenomenologia propõe uma interpretação profunda da casa, buscando, assim, compreender seu “[...] caráter essencial, que faz com que cada um de nós entre em relação consigo mesmo e com o mundo. Isso é compreender como habitamos nosso espaço vital, como nos enraizamos num ‘canto do mundo’”.

Pallasmaa (2008) acredita que a fenomenologia da arquitetura propõe um olhar de contemplação a partir da relação do indivíduo com aquele espaço. Esse olhar precisa estar despido de fatores como proporções físicas ou referências estilísticas. “A fenomenologia da arquitetura busca a linguagem interna da construção” (PALLASMAA, 2008, p. 485). Portanto, para a compreensão da análise proposta, o olhar de pesquisadora precisou desapegar de algumas normas e padrões arquitetônicos.

Uma casa pode parecer construída para ter uma finalidade prática, mas, na realidade, é um instrumento metafísico, uma ferramenta mítica com a qual

tentamos dar à nossa existência passageira um reflexo da eternidade. (PALLASMAA, 2008, p. 488).

Para que haja um aprofundamento na compreensão entre os espaços de refúgio e seus habitantes, fez-se necessário estabelecer um recorte. Assim, na primeira parte deste capítulo está apresentada a análise de três espaços de refúgio dentre os 15 previamente apresentados no capítulo 3. São eles: o Refúgio 3 – Casa Circular, o Refúgio 5 – Casa Octogonal e o Refúgio 14 – Casa Madueño – Serra. As duas primeiras casas selecionadas estão localizadas na Comunidade FraterUnidade e pertencem a um contexto ligado ao movimento alternativo em Pirenópolis. A terceira casa representa o cenário de espaços de refúgio de indivíduos que optaram por estar próximo à natureza, mas que não se insere no contexto de comunidades alternativas.

Para a elaboração deste recorte levou-se em consideração o acesso ao interior dos refúgios e o contato com seus moradores. Foram adotados ainda critérios relacionados aos aspectos formais e simbólicos da arquitetura de maior relevância nessas edificações e que refletem as diferenças desses espaços com as casas urbanas.

Nas entrevistas feitas com os habitantes dos refúgios utilizou-se um roteiro prévio, porém pautado em estabelecer um diálogo com o morador para que houvesse um ambiente de ‘troca’ de informações e de sensações. As entrevistas foram gravadas com o consentimento do entrevistado e, posteriormente, transcritas. Os objetos e o mobiliário dispostos nos ambientes foram mantidos como estavam, não havendo nenhum tipo de intervenção ou produção de ambiente.

Na segunda parte deste capítulo a análise baseia-se em tópicos elaborados a partir de elementos destacados da base teórica para a análise das informações colhidas na pesquisa de campo. Apesar do grande universo de possibilidades existentes no referencial teórico, considerou-se que os mais relevantes são aqueles presentes na maioria dos espaços analisados ou que ressaltam diferenças expressivas entre o refúgio e os espaços domésticos citadinos. Os tópicos são: o refúgio e a natureza; conexão interno e externo; objetos; raízes (‘casa natal’); o refúgio e o círculo; e sentido material. Outras temáticas pertinentes ao referencial teórico aparecem de forma transversal dentro das discussões destacadas.

Para este segundo momento da análise neste capítulo considerou-se importante incluir aspectos materiais e simbólicos dos espaços de refúgio

domésticos que não foram analisados na primeira parte. Julgou-se que há, também nesses lugares, elementos pertinentes à pesquisa.

4.1 REFÚGIOS

4.1.1 Casa Circular

Para chegar ao Refúgio 3 - Casa Circular (FraterUnidade), habitado pelo artista plástico Rude, o visitante passa por uma pequena trilha entre as árvores (FIGURA 72). A edificação surge em meio às plantas e se mostra exuberante. Ele buscou a comunidade para morar porque o meio ambiente próximo onde ele vivia e trabalhava como apicultor estava cada vez mais contaminado por agrotóxicos aplicados nas lavouras. “Nossa, vamos sair fora daqui, porque a gente vai morrer com câncer muito cedo desse jeito.” (SCHIMICHT, 2017).

Figura 72 - Casa Circular – abril de 2017



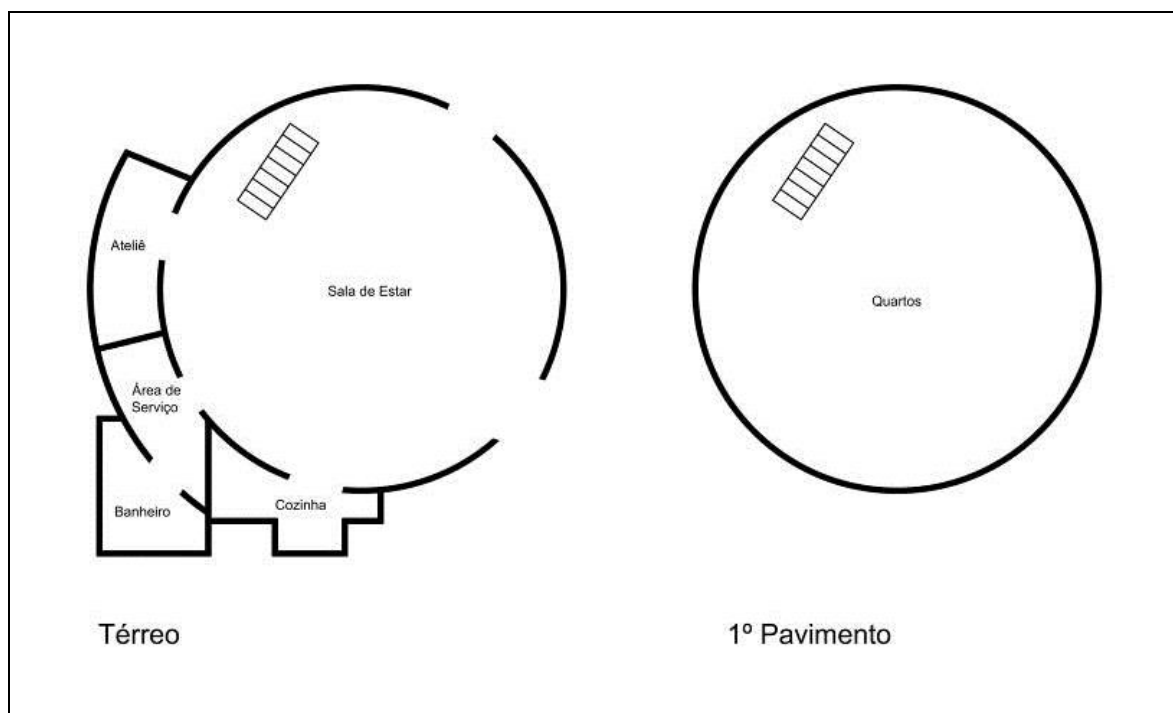
Fonte: Elaboração própria.

O projeto inicial deste refúgio previa uma casa circular pequena para receber também a esposa e o filho de Rude, que hoje não moram mais com ele. As madeiras que formam parte da estrutura foram colhidas de árvores caídas na mata. Apenas a que compõe a estrutura central foi comprada na cidade. O telhado é em duas águas e não segue a forma circular da casa. Inicialmente as paredes eram fechadas com bambu, mas com o intenso fluxo de insetos dentro da casa, o morador decidiu fechá-

la com tijolos de barro. As mudanças que a casa sofreu ao longo dos anos, tanto da parte física quanto dos moradores – que passou a ser apenas o Rude – expõem as características de mutação e flexibilidade típicas das conchas.

A FIGURA 73 apresenta o desenho de uma planta esquemática de distribuição dos ambientes da Casa Circular (sem escala) para melhor visualização dos espaços.

Figura 73 – Planta esquemática de distribuição dos ambientes da Casa Circular (sem escala)



Fonte: Elaboração própria com redesenho de Mariana Oliveira.

Rude explica que, pelo fato de a Casa Circular estar localizada ao lado de um barranco, ela foi feita rebaixada para ficar protegida do vento. A sua construção não conta com alicerce. “A gente decidiu fazer a casa meio que aterrada no chão e o declive aqui, acho que uns 30 graus, e escavou e não fez alicerce. Ao invés de alicerce, assentou a casa no chão.” (SCHIMICHT, 2017). Uma estrutura de vigas de madeira que cortam o interior da casa garante a sustentação do primeiro pavimento que, juntamente com o telhado, parecem pousar sobre o círculo da base (FIGURA 74).

Figura 74 – Imagem do ‘pouso’ do pavimento superior e do telhado sobre o círculo – registrado em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

No caso deste refúgio, a cobertura da base circular engloba uma madeira comum, que é um material leve, e as telhas de barro. Essa junção não se dá através de um encaixe perfeito, como nas casas da cidade, mas através de uma sobreposição de elementos que não têm a mesma forma e proporção. Essa junção entre as partes não acontece de forma muito delicada, transparecendo certa brutalidade, que é uma característica dicotômica das conchas.

Além disso, a passagem de uma base pesada, ligada ao solo, para uma estrutura mais leve, de madeira, remete à expressão tectônica. A pesquisadora Kate Nesbitt explica que esta é a forma como o teórico Gottfried Semper defende que uma arquitetura seja implantada. “Em vez de construir uma estrutura feita de um só tipo de material, Semper propõe uma fundação pesada, fincada no solo, com uma estrutura leve e tapumes por cima, e as conexões exigidas entre as duas partes.” (NESBITT, 2008, p. 557). Para o teórico, é nesta junção que se encontra o significado da arquitetura.

Quando a casa ainda era aberta e não tinha energia elétrica, Rude utilizava o barranco como geladeira improvisada. Porém, o barranco cedeu algumas vezes devido aos ninhos feitos nesta encosta por uma espécie de pássaro. Apesar do inconveniente, ele conta que gostava de admirar a reprodução dessas aves e a proximidade que estabelecia com elas. Em seu quintal o artista plástico plantou

diversas árvores frutíferas, como bananeiras e açaizeiro, e também pés de milho e de mandioca, produzindo boa parte de seu alimento (FIGURA 75). Devido a essas frutas em seu quintal, ele recebe visitas frequentes de tucanos e beija-flores. “A coisa mais linda” (SCHIMICHT, 2017).

Figura 75 - Área externa da Casa Circular – junho de 2016 e abril de 2017



Fonte: Elaboração própria

Vários vidros reaproveitados de para-brisas de carro e de garrafas compõem as paredes formando desenhos. Apesar do aspecto funcional, que é melhorar a claridade no interior, essas figuras formadas pelos vidros embelezam a casa. O belo é uma característica fundamental das conchas que, apesar de ser um lugar fechado e voltando para o seu centro, exibe-se para o exterior. Diferente, por exemplo, do Refúgio 14 – Casa Madueño Serra, que além da beleza externa conta com o acesso ao interior sempre aberto.

Mesmo a Casa Circular sendo mais fechada, seu interior é fresco e a luz natural consegue entrar apenas nos pontos onde há os vidros. As paredes estão pintadas de branco. No início a casa tinha apenas um cômodo no térreo, com o fogão no centro, e um pequeno mezanino, que abrigava a cama. Havia um banheiro seco fora da casa. Com o passar dos anos, o ‘círculo’ foi ganhando alguns anexos, como a cozinha, a área de serviço, o ateliê e um banheiro convencional. Hoje a televisão divide espaço com a lareira de barro na sala, criando uma ambiguidade entre a tecnologia e um elemento arquitetônico primitivo.

As esculturas em madeira feitas por Rude são vistas por toda a casa, trazendo novamente a relação da concha com a beleza. Mas também estão

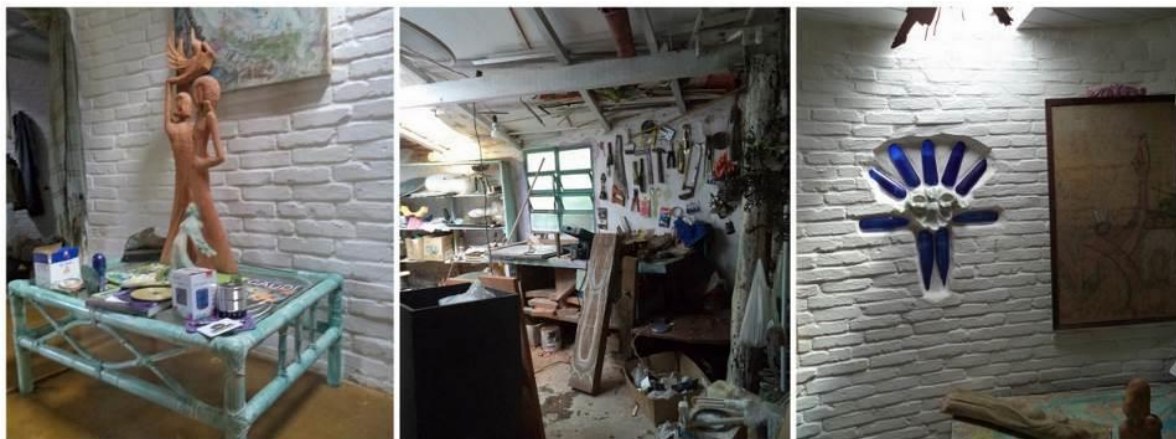
espalhadas pelos ambientes as ferramentas para produzi-las. Esse arsenal, composto por formões e martelos, traz um signo da violência, que também é típico das conchas (FIGURAS 76 e 77).

Figura 76 - Visão panorâmica do interior. Na imagem de baixo Rude aparece próximo à porta da casa – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 77 - A arte – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

No momento da visita o artista plástico havia espalhado papéis com o esboço das suas próximas criações. Ele ressalta que morar sozinho é um facilitador desse processo. “E também esse negócio da arte ter um pouquinho da solidão, ajuda você a produzir às vezes, te inspira mais, quando você fica mais sozinho, mais com você.” (SCHIMICHT, 2017). As conchas são os ambientes que proporcionam essa situação

ao colocar o seu usuário como o centro. Ao contrário do Refúgio 5 – Casa Octogonal, que é um ponto de encontro de vizinhos, neste refúgio o silêncio das vozes se faz presente, dando vez ao barulho dos instrumentos artísticos.

Rude explica que a sua motivação para vir morar na Frater era ter uma melhor qualidade de vida e que não se identificava muito com o movimento hippie. “Eu tinha vindo conhecer aqui, mas eu não gostei quando era muita moçada, comunidade, meio hippie [...]”. Alguns anos depois, ele voltou ao local com a intenção de morar e foi então que construiu a casa, já pensando em produzir alimentos no quintal. “A gente tinha uma ideia mais da sustentabilidade, abelhas, horta, pomar, produzir, trazer a luz elétrica, que já tinha uma casa com energia solar. A gente tentou fazer uma cooperativa. Mas aí depois virou.” (SCHIMICHT, 2017). A constante produção de Rude, seja na parte artística, seja nos alimentos ao redor da casa, certifica que o morador da concha está ali concentrado e sempre buscando a transformação.

4.1.2 Casa Octogonal

O Refúgio 5 – Casa Octogonal (FIGURA 78) está habitado pela antropóloga e ambientalista Selene Villafane de Almeida e pelo indigenista e professor Otacílio Almeida Júnior. Eles não são naturais de Pirenópolis. Selene é carioca e viveu parte da sua vida em Brasília. Já Otacílio é natural de Pires do Rio e morou em Goiânia e em Brasília. Ambos tiveram, na infância, uma relação próxima com a natureza e hoje estabelecem uma relação de troca com o ambiente de refúgio em que vivem. Sentem segurança e tranquilidade e retribuem com cuidados constantes.

Figura 78 - Casa Octogonal – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Como já mencionado, a edificação possui 12 lados. Três deles eram abertos, tanto no térreo quanto no primeiro pavimento, formando varandas. Há alguns anos um dos lados no térreo foi fechado com vidros temperados fumês que foram descartados de outra construção. Para o fechamento deste espaço foram inseridos, acima da porta, tijolos de vidro reaproveitados. Apenas a porta de acesso foi adquirida pelos moradores. A obra foi realizada pelo próprio morador (FIGURA 79).

Figura 79 – Ambiente que sofreu alteração – junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O térreo da Casa Octogonal abriga a área social e conta com uma varanda, sala e cozinha conectados, um quarto e um banheiro dividido em dois ambientes, um para banho e para o vaso sanitário e a pia. A casa é um ponto de encontro de outros moradores da Frater. Os visitantes costumam se acomodar nas cadeiras da varanda ou na mesa de jantar da cozinha. Os sofás dispostos na sala são pouco usados por quem vem de fora. Todos os ambientes deste pavimento são arejados devido à entrada de luz e de ar nas diversas janelas.

Quando Otacílio e Selene receberam a casa havia um mezanino sobre a cozinha. Eles, então, ampliaram-no por toda a extensão do térreo, criando o primeiro pavimento. Utilizaram tábua de andaime tratada com uma tinta asfáltica de grande aderência e que forma uma película impermeável (FIGURA 80). Otacílio afirma que a intenção, ao construir esse outro pavimento, era aumentar o espaço da casa com um baixo custo. Na ocasião, além do casal, cinco crianças dividiam o espaço.

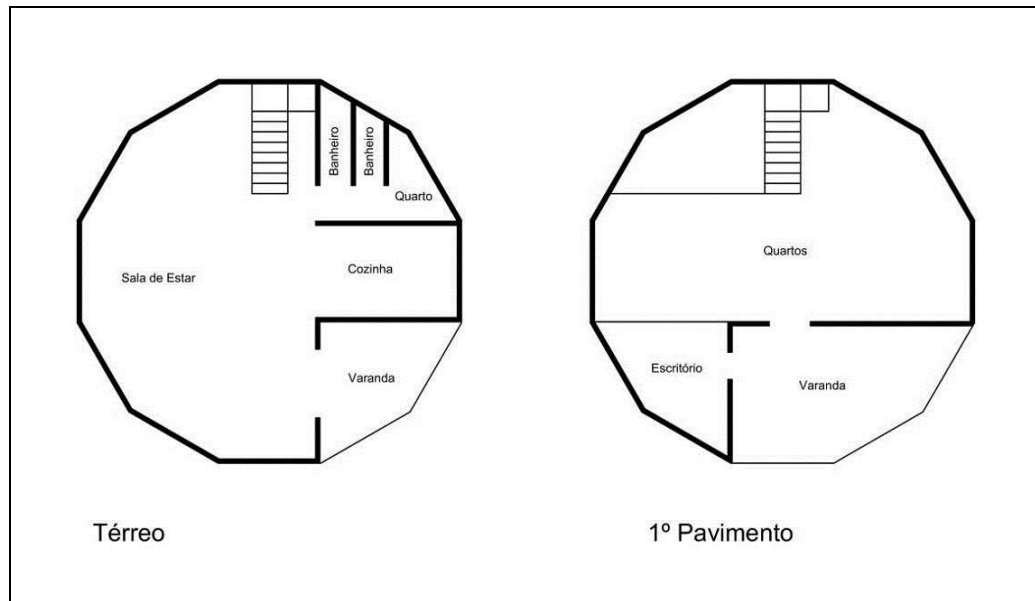
Figura 80 – As tábuas que formam o primeiro pavimento vistas do térreo – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A FIGURA 81 apresenta o desenho de uma planta esquemática de distribuição dos ambientes da Casa Octogonal (sem escala) para melhor visualização dos espaços.

Figura 81 – Planta esquemática de distribuição de ambiente da Casa Octogonal (sem escala)



Fonte: Elaboração própria com redesenho de Mariana Oliveira.

Uma escada interna (FIGURA 82) dá acesso ao primeiro pavimento, que tem uma varanda e, ao lado, um pequeno cômodo que os moradores chamam de escritório, porém, o mobiliário – sofás e televisão, denotam outro uso. A parte mais ampla (FIGURA 83) é um grande quarto.

Figura 82 - Escada da Casa Octogonal – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 83 - Andar superior e suas várias camas – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

O espaço onde fica a cama do casal é dividido com uma cortina. Em 2016 dois netos viviam cotidianamente com Otacílio e Selene. Eles também dormiam nesse grande quarto, que lembra um ninho e de fato era ‘o habitar real da infância’ – o lugar que acolhe e está ocupado pelas crianças. Uma situação bem diferente da encontrada no Refúgio 14 – Casa Madueño – Serra, em que o andar superior é totalmente devotado ao casal. “Tem esse quartinho (térreo) que é mais privativo, mas em cima é um coletivo. Tem camas de casal, tem mais três ou quatro camas de solteiro. [...] Não são todas as pessoas que gostam desse tipo de coisa.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017). Partindo desse conceito aberto, Otacílio define a casa que habita como sendo integrativa e menos individualista (FIGURA 84).

Figura 84 - Cama do Otacílio e da Selene – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A intenção dos moradores é reduzir a quantidade de móveis e objetos na casa. Otacílio acredita que não é preciso ter muita coisa para viver com conforto. Percebe-se que, de 2016 para 2017, há menos móveis na sala, demonstrando um desejo de desatramancar os espaços (FIGURAS 85 e 86).

Figura 85 - Sala da Casa Octogonal – em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 86 - Sala da Casa Octogonal com menos sofás e cadeiras – em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Na Casa Octogonal existem muitas aberturas nas paredes para o exterior (FIGURA 87). Entre janelas e panos de vidro figuram cerca de 20. Percebe-se que não há padrões de tamanho, forma, tipo ou altura. No segundo andar, por exemplo, há aberturas com o vidro fixo próximo do rodapé – a cerca de 30 centímetros de altura do chão (FIGURA 88).

Figura 87 – Casa Selene e as diversas aberturas – em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 88 - Segundo andar com aberturas mais baixas que o convencional – em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A intenção de Otacílio é abrir mais janelas no primeiro pavimento. Mesmo o principal ambiente sendo amplo, a sensação no andar superior não é a do arejamento sentido no térreo da casa. A atmosfera muda ao subir as escadas, sugerindo recolhimento e certa melancolia, em contraste com a área social, mais aberta para receber. “Em cima eu tenho que fazer algumas adaptações com vidro, abrir alguma coisa para ela ficar mais clara.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Nas partes de ‘fachada nobre’ da casa, as paredes externas estão revestidas na base com pedras Pirenópolis (FIGURA 89) que sobraram da obra de uma amiga dos moradores. Otacílio, que faz a maioria dos serviços de manutenção da casa, explica como foi o processo de colocação das pedras e qual a função delas. “Não sigo um padrão linear. Eu não me importo com a forma. Uma para frente, outra para trás, do jeito que a pedra vai, ela encaixa. [...] A função é evitar exatamente a umidade lá dentro da casa e funciona muito bem.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Figura 89 - Otacílio mostrando como revestiu a casa com pedras – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A pedra natural sobreposta aos tijolos aparentes pintados de branco na base da parede externa da casa cria uma textura que se justapõe à primeira. Como elas também revestem o calçamento ao redor da casa, a união das pedras cria um desenho, parecendo que elas se abriram após uma escavação para que a casa emergisse. Essa leitura remete ao conceito de arquitetura estereotômica presente no referencial teórico, de que aquela espacialidade surgiu do interior da terra.

Otacílio dedica parte do seu tempo livre para realizar melhorias no sobrado. Para ele, sentir-se em casa é estar harmonizado com o lugar em que vive. “O conforto está mais dentro de você, na harmonização do seu ser.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017). Já Selene busca cuidar dos detalhes. “A minha parte é a decoração e imaginar como as coisas [vão ficar].” (ALMEIDA, 2017). As declarações dos moradores demonstram uma profunda conexão com os espaços em que vivem. Em vários ambientes da casa há objetos afetivos, como fotos de filhos e netos, livros e imagens religiosas.

Talvez por não ser um cômodo grande, a cozinha é o ambiente mais agregador da Casa Octogonal (FIGURA 90). Até mesmo os visitantes se envolvem no processo de preparação das refeições. “A minha casa e da minha esposa é uma casa aberta. A pessoa que vem para cá, se vê alguma coisa na geladeira, ela pode pegar. Eu não tenho frescura.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Figura 90 - Selene e a cozinha da Casa Octogonal – em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Para Otacílio essas atividades ajudam a criar uma harmonia entre as pessoas e reforça a ideia de integração proposta por este refúgio. Diferente, por exemplo, do Refúgio 3 – Casa Circular, onde o aspecto fechado da edificação sugere que o hóspede, para não se tornar um intruso, aguarde o convite para entrar.

4.1.3 Casa Madueño - Serra

A construção do Refúgio 14 - Casa Madueño – Serra foi conduzida pelo seu morador, Fernando Madueño, que é engenheiro (FIGURA 91). O desenho preliminar do projeto foi feito por um amigo dele, o arquiteto Chico Castrillon, e teve como inspiração uma casa que já existia no sítio. “Ele me deu o rabisco e com a minha experiência de engenheiro fiz o resto, os detalhes, os jogos de nível. Defini o acabamento, o material e como que seria a estrutura.” (SILVA, 2017).

Devido aos recursos financeiros, a obra demorou cerca de dois anos para terminar. Na época Fernando, a esposa Rossana e as filhas Jasmim e Mel moravam em Goiânia. Quando a casa ficou pronta, tornou-se a moradia oficial da família (MANFREDINI, 1998). Não havia energia elétrica no local e eles contavam com fogão, geladeira e chuveiro a gás. Uma pequena placa de energia solar fazia uma televisão funcionar.

Figura 91 - Casa Madueño - Serra – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Quando as filhas de Fernando chegaram à idade escolar foi preciso que eles fixassem residência na cidade de Pirenópolis. A casa na Serra passou a ser o endereço do engenheiro aos finais de semana (FIGURA 92). Como ele gosta de praticar esportes ligados à natureza, os planos são de morar definitivamente no refúgio. “Nós estamos planejando. Ela (Rossana) se aposenta daqui há um ano e o nosso projeto de vida é voltar a morar aqui quando ela se aposentar.” (SILVA, 2017).

Figura 92 - Mapa – Casa Madueño – Serra em relação à cidade



Fonte: Elaboração própria.

A casa foi construída em um terreno que não é plano, proporcionando diferentes níveis e o uso de *decks*. O interior tem conceito aberto. O térreo possui 78 m² e conta com um banheiro, sala e cozinha integrados, o quarto usado pelas filhas (que hoje são adultas e apenas visitam os pais), varanda e garagem. Esse pavimento é bastante arejado e conectado com o externo. É possível entrar na casa por três dos quatro lados. Isso também favorece a circulação de ar, deixando os ambientes frescos mesmo no verão. A iluminação natural é moderada, o que causa a sensação de conforto, sem estar escuro demais. O mezanino (FIGURA 93) é dedicado ao casal, com um quarto e um banheiro, e tem 29 m². O local não é tão iluminado, o que sugere ao morador atividades mais introspectivas.

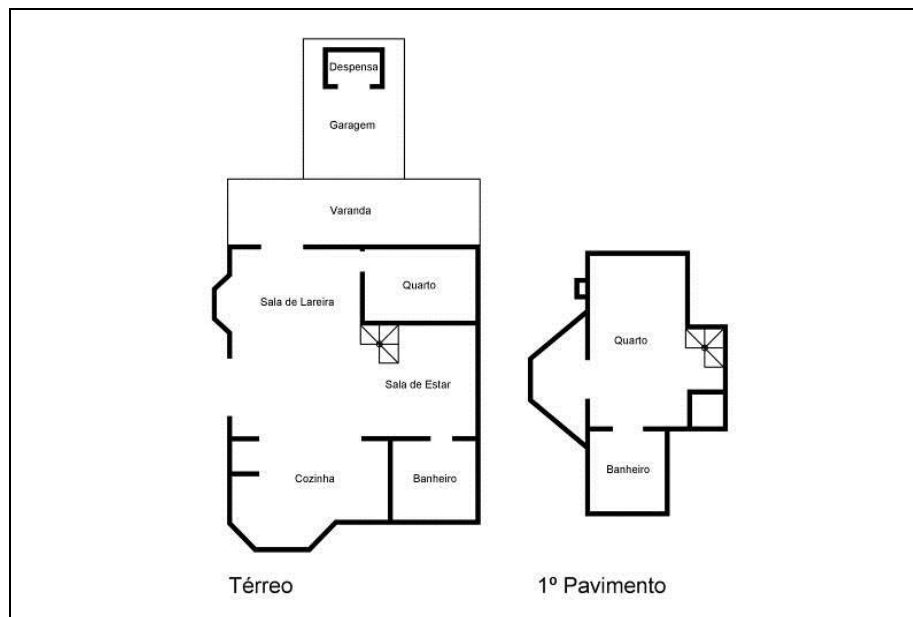
Figura 93 - Mezanino – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

A FIGURA 94 apresenta o desenho de uma planta esquemática de distribuição dos ambientes da Casa Madueño - Serra (sem escala) para melhor visualização dos espaços.

Figura 94 – Planta esquemática de distribuição de ambientes da Casa Madueño - Serra (sem escala)



Fonte: Adaptado de Manfredini (1998) com redesenho de Mariana Oliveira.

O espaço na serra é consideravelmente menor que a casa da família na cidade de Pirenópolis, que soma 360 m². Essa diferença de tamanho entre as duas casas reforça a ideia de que o refúgio tem o espaço apenas para o essencial. Essas dimensões reduzidas estão presentes, principalmente, nos ambientes sociais. Não há espaço para essas convenções para o indivíduo quando ele está recolhido no seu canto. Mesmo que a casa urbana de Fernando esteja situada num bairro tranquilo, ele não tem dúvidas sobre seu projeto de morar permanentemente próximo à natureza. Em vários trechos da entrevista, o morador demonstra esse desejo.

Eu vou alugar tudo aquilo que a gente tem lá embaixo (casa da cidade) e morar aqui. Eu não faria o contrário, alugar aqui e morar lá.
Eu torço, conto os dias, pela possibilidade de voltar a morar nessa casa.
É o meu porto, o meu refúgio. (SILVA, 2017).

É notória a diferença de comportamento do morador na ocasião da pesquisa em sua casa na cidade e na casa da serra. Para ele o ambiente da cidade possui uma energia desconfortável ligada a conflitos políticos. Fernando é militante de causas ambientais e participa de conselhos da área. Inclusive, já foi secretário de Meio Ambiente de Pirenópolis. Na casa da serra se percebe uma despreocupação com o ambiente estar impecavelmente organizado, demonstrando uso e

despojamento de seus habitantes no local (FIGURA 95). Esses fatores inspiram uma atmosfera de tranquilidade e liberdade.

Figura 95 - Rossana e Fernando na sala da casa na serra – dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Durante a construção da casa, e em todo processo de manutenção da mesma, Fernando esteve atendo às questões ambientais. A maior parte do material utilizado é de demolição de edificações antigas de Pirenópolis ou reaproveitamento de material que seria descartado. No piso da sala o revestimento é de pedra Pirenópolis em formato de filete, que na época da construção era descartado pelas pedreiras. Também foi usado, em parte do piso, um material feito em olarias da região chamado mezanela, que são ladrilhos de barro (FIGURA 96). Na cozinha e nos banheiros o cimento queimado se faz presente no chão. A madeira é outro material que se destaca nos ambientes, tanto nas esquadrias quanto nas partes estruturais, que estão aparentes.

Figura 96 - Piso de mezaneta (dir.) e pedras Pirenópolis (esq.) – dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O vidro aparece de forma inusitada. Ele reveste o fundo da lareira, permitindo que o fogo que está interno na casa estabeleça uma relação visual (e mediada) com o lado externo (FIGURA 97). “A gente liga essa lareira à noite e, se você sair lá fora, a casa pulsa como se fosse uma chama, por causa da transparência do vidro.” (SILVA, 2017).

Figura 97 - Lareira com fundo em vidro – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

O sítio abriga parte da nascente do Córrego da Barriguda, que abastece a cidade de Pirenópolis, e, por isso, a casa convive com muita vegetação nativa do Cerrado que está preservada. Ao redor da construção árvores e plantas ornamentais ajudam a compor o paisagismo, cuidado por Rossana, e, há alguns anos, também cuidado pelo amigo da família Nelson Garcia, que viveu um tempo na serra. Algumas pequenas barragens e laguinhas fazem parte do jardim (FIGURA 98). Fernando explica que essas estruturas auxiliam na proteção da casa contra incêndios, comum na Serra nos períodos de estiagem. Além disso, criam microclimas, com plantas e animais, gerando uma ambiência agradável.

Figura 98 - Jardim – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Apesar de muitas vezes compartilhar o espaço com a esposa, a Casa Madueño – Serra é o canto no mundo de Fernando. Ele troca qualquer programação para estar neste espaço. Para o engenheiro, é o momento em que se conecta com ele mesmo e com as coisas em que acredita. “E vejo na natureza uma maneira de falar diretamente com o chefe. [...] estou eu comigo mesmo, eu com os meus botões, oro do meu jeito, oro, eu rezo, eu medito.” (SILVA, 2017).

Mesmo a casa tendo sido um ninho no passado, hoje, a ideia do canto se faz muito presente. É essa ‘imagem da função do habitar’ que carrega a aura dos devaneios do indivíduo e também das lembranças, como as do amigo que cuidou do espaço por um tempo. É o espaço do ser, onde Fernando se recolhe e contempla em silêncio a natureza em seu refúgio.

4.2 ELEMENTOS FENOMENOLÓGICOS

4.2.1 O refúgio e a natureza

A imersão na natureza é um dos elementos mais importantes para os ambientes de refúgio que foram estudados neste trabalho. Esta pesquisa mostra que há pessoas que buscaram viver com mais contato com um meio ambiente natural, algo que não encontravam com facilidade no cotidiano urbano. A ideia de viver em um refúgio significa, para esses moradores, ter uma vida mais integrada com o mundo e uma rotina mais tranquila.

Compreende-se que a agitação proporcionada pelo cotidiano nas grandes cidades muitas vezes altera o foco perceptivo do indivíduo e ele passa a captar com menos naturalidade alguns estímulos simples, como o cheiro de um aroma natural ou o barulho do vento. O arquiteto e pesquisador da área de comportamento e ambiente, Jun Okamoto, explica que a percepção humana está relacionada com a consciência que se tem em relação ao estímulo recebido.

Pela mente seletiva, diante do bombardeio de estímulos, são selecionados os aspectos de interesse ou que tenham chamado a atenção, e só aí é que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento), resultando em uma resposta que conduz a um comportamento. (OKAMOTO, 1999, p. 21).

Em meio à natureza há menos estímulos externos e, com isso, a percepção está mais aguçada, favorecendo, ao indivíduo, ter uma maior integração com o meio em que vive. É possível detectar essa relação pela declaração de Otacílio Almeida Júnior, morador da Casa Octogonal, sobre a sua experiência em viver mais afastado da urbe.

Porque aqui eu procuro sentir o aroma da floresta, coisa que hoje na cidade você não sente. A pessoa vem aqui e nem observa isso. Você vai perdendo a capacidade de cheirar as coisas, de ver, vai perdendo toda a capacidade de audição. Aqui, você sente um cheiro diferente. De repente, você está aqui e ouve um passarinho cantar lá não sei onde. Vem um barulho ali, um balançar do galho de uma árvore. Você vai interagindo com isso. (...) Te harmoniza muito, eu pelo menos, né?! Não sei se acontece com todo mundo. Mas eu observo isso. Eu acho interessante pessoas que vêm da cidade falar: 'olha, você vem aqui, desliga de tudo'. Dá um tempo 'pra' você ouvir o barulho da floresta, o aroma da floresta, as coisas que têm aqui nesse ambiente. (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Dessa forma, percebe-se que a vivência do morador do refúgio corrobora com a ideia de Okamoto (1999), de que a mente é que seleciona os estímulos que favorecem a percepção. Em meio urbano um estímulo pode se sobrepôr a outro e por isso os sentidos acabam não captando, por exemplo, os sons da natureza.

Ainda sobre o depoimento de Otacílio, quando ele diz que se sente em harmonia no mato (FIGURA 99), percebe-se uma relação com o que o filósofo Gaston Bachelard chamou de 'paz da floresta', que, na verdade, é uma paz que tem ruídos e movimentos. "Pois a floresta faz barulho, pois a tranquilidade 'coagulada' freme, estremece, anima-se com mil vidas. Mas esses ruídos e esses movimentos não perturbam o silêncio e a tranquilidade da floresta." (BACHELARD, 2008, p. 192).

Figura 99 - Otacílio caminhando em meio à mata – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Esses estímulos sensoriais colaboram para que os habitantes dos espaços de refúgio junto à natureza se tornem hábeis e sensíveis observadores. Diferente do imediatismo das informações citadinas, atentar-se ao comportamento de um animal ou ao desenvolvimento de uma planta requer paciência e dedicação. Rude, habitante do Refúgio 3 - Casa Circular, por exemplo, gosta de ficar observando os pássaros. "De manhã cedo o beija-flor ficava passando aqui... Nossa... Você estava sentado aqui e ele vinha... Depois, no barranco, aquele pássaro começou a fazer o ninho." (SCHIMICHT, 2017). Otacílio também tem prazer em observar a natureza.

“Você vai e fica olhando as coisas, como é que desenvolve as plantas. É interessante você levar uma vida observando a natureza e o ser.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

No Refúgio 6 – Casa Patrícia (FraterUnidade) a terapeuta e o filho Gabriel, de 8 anos, chamam os animais silvestres de ‘amigos’. Várias espécies de pássaros, quatis e cotias frequentam o quintal e já estavam tão íntimos que começaram a entrar na casa (FIGURA 100). Patrícia lembra que o ‘homem’ não está separado da natureza. Para ela essa separação, criada pelos próprios humanos, gera um grande desequilíbrio, e, por isso, optou por viver em um meio mais natural. “Esse para mim é um dos grandes valores dessa vida alternativa. E essa busca, que é uma reconexão com a própria origem do ser humano, com a própria essência do homem.” (OLIVEIRA, 2017).

Figura 100 – Janela do Refúgio Casa Patrícia aberta para os animais – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

A busca por sentimentos simples proporcionados pela vivência fora da urbe também motiva o empresário Sávio Cruvinel Câmara a passar os finais de semana na Serra dos Pireneus. Para ele esses momentos o revigoram física e espiritualmente. “É respirar o ar puro. É tomar banho na água viva das cachoeiras, água maravilhosa, estar em contato com um lugar, com animais, com insetos, com

coisas incríveis. Nós temos aqui uma borboleta azul que é maravilhosa!” (CÂMARA 2017).

Percebe-se, com os depoimentos dos moradores, um encantamento com os lugares que habitam motivados pelo contato com animais, plantas e com o rio. Ao estar harmonizados com esses atributos típicos da natureza, o morador do refúgio cria uma conexão com o espaço. Para o morador Refúgio 1 - Casa do Rodolfo (FraterUnidade), viver dessa forma o fez se sentir mais conectado consigo mesmo, trazendo uma nova visão dele em relação com o mundo. “Muda totalmente o foco, o vínculo com as coisas, se torna muito mais orgânico. Você começa a descobrir um universo que você nem imaginava que existia. Principalmente, você começa a se relacionar com a natureza.” (ALDROVANDI, 2017).

Selene Villafane de Almeida, que habita a Casa Octogonal, também fala sobre a conexão com seu lugar de refúgio. “O carinho que a gente tem pelo lugar, por cada árvore dessa que a gente viu crescer, que a gente viu nascer, que a gente plantou!” (ALMEIDA, 2017). Assim, pode-se dizer que os moradores dos refúgios desenvolveram em comum um sentido de pertencimento aos lugares que habitam, devido a este convívio com a natureza.

Essa vivência traz também, ao indivíduo, um nível maior de consciência da necessidade de preservação, principalmente quando se vê envolvido no cuidado com o meio ao redor ou mesmo empenhado em plantar. Essa ideia é reforçada por Otacílio.

Mudar o tipo de consumo, o comportamento, da relação sua com o meio que você vive. Então, você tem que repensar a maneira de viver. Porque uma hora vai esgotar. Você ‘tira tira tira’ e como é que você vai repor um sistema que levou milhões e milhões de anos para chegar onde está? (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

O questionamento do morador do Refúgio 5 – Casa Octogonal sobre a forma que a sociedade lida com o consumo é também levantado pela pesquisadora Giuliana Capello. Ela explica que muitas vezes se associa o termo ‘qualidade de vida’ ao consumo e que assim o indivíduo não consegue refletir sobre como a cadeia produtiva de um ‘bem’ pode gerar consequências nocivas para o meio ambiente. E como essa cadeia pode afastar o indivíduo de seu contexto, enfraquecendo os laços de pertencimento ao território que habita.

O resumo dessa trajetória diz respeito a esse desenrolar de acontecimentos que possibilitou o esgarçamento dos vínculos reais, concretos, para esferas parcial ou totalmente virtualizadas e, por consequência, desatadas das noções de pertença em comum ou de enraizamento local. (CAPELLO, 2013, p. 43).

Esse senso de pertencimento ao lugar que habita estimula o engenheiro Fernando Madueño Silva a se empenhar em projetos preservacionistas de áreas próximas ao rio que passa ao fundo do sítio onde fica a sua casa. “A gente tem um projeto aqui que é resgatar o corredor ecológico do Córrego da Barriguda através da instalação de um mosaico de RPPN – Reserva Particular de Proteção Natural.” (SILVA, 2017) (FIGURA 101).

Esta sensação de estar conectado com o meio ambiente em que vive, associado ao seu habitar, reflete o verdadeiro reconhecimento do indivíduo com a sua espacialidade, conforme indica Norberg-Schulz (2008) sobre a fenomenologia. Afinal, o morador compreende que o rio pertence a uma coletividade maior e que esse ecossistema, que também é o de diversas outras pessoas, depende de ações de preservação como a empenhada por ele.

Figura 101 - Córrego da Barriguda – dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Outro aspecto percebido em alguns espaços de refúgio é a condição libertária que a natureza adota em relação a esses lugares. Como não há fronteiras impostas, plantas e animais não consideram parede, porta, janela ou soleira como um limite. É como se a casa estivesse sempre aberta (FIGURA 102).

O Refúgio 1 – Casa do Rodolfo (Frater) explicita essa característica pelo fato de suas paredes não tocarem o teto. O pequeno portão que divide o interior e o meio externo tem uma tranca que pode ser facilmente aberta, não impedindo a entrada de outra pessoa ou de um animal. O morador não parece se incomodar com isso, pois tem a consciência de que ele habita o lugar do selvagem. Apesar da presença de animais que entram sem serem convidados, ele se sente confortável vivendo no edifício que abrigou a antiga escola da Comunidade Frater. “[...] apesar de ser precário, não foi pensado para ser uma casa, mas eu me sinto muito melhor aqui que em outras casas que eu já tive [...] eu vejo um vínculo íntimo, quase que sexual com a casa e falo sério, é de uma intimidade.” (ALDROVANDI, 2017). Este reconhecimento do caráter do lugar pelo morador, conforme expressa Rodolfo, é um exemplo real do que conceitua Norberg-Schulz (2008) sobre o *genius loci* ou o espírito do lugar.

Figura 102 - Casa sempre aberta – abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Esta vivência tão íntima da natureza com a Casa do Rodolfo, que também aparece no Refúgio 6 - da Casa Patrícia (Frater), remete ao modo de habitar da cabana de Henry Thoreau em Walden. Assim como os moradores da Frater descrevem a sua convivência com os bichos em seu espaço doméstico, o autor de Walden também o faz. “[...] apenas esquilos por cima do telhado e por baixo do

assoalho, um noitibó²⁹ no alto do espigão, um gaio-azul gritando sob a janela, uma lebre ou marmota debaixo da casa [...]” (THOREAU, 2016, p. 128). Em nenhum dos casos há relatos de temor por parte dos moradores quanto aos possíveis perigos que podem vir da mata.

Percebe-se, então, que o distanciamento da rotina urbana proporcionada pelo refúgio traz um novo olhar do habitante para a natureza e como isso traz a ele uma comunhão com o mundo. Também passa a ser diferente a noção de perigo. Se na cidade é preciso se preocupar com uma boa fechadura para não ser roubado, na vida próxima à natureza o maior risco é algum animal do mato levar um alimento que esteja em cima da mesa. Se este mesmo contexto fosse transportado para a cidade, não há dúvidas de que o morador teria a sensação de vulnerabilidade. A vida no refúgio alcança outro patamar de sentidos e até mesmo da noção de perigo.

4.2.2 Conexão interno e externo

Por essência, o refúgio é o lugar da proteção e da tranquilidade. Nele o habitante se sente seguro e resguardado das intempéries externas. Porém, de quais perigos os refúgios em meio à natureza guardam seus moradores? Quando o mundo ainda era pouco urbanizado, o grande temor dos homens era dos ferozes animais da floresta. Agora, civilizados, o medo do que vem dos bosques é cada vez menor. Portanto, há, aqui, duas analogias na relação interno e externo. A primeira refere-se à dicotomia ‘vida no refúgio’ e ‘vida urbana’. E, posteriormente, a relação ‘casa refúgio’ e ‘natureza’.

Para alguns indivíduos que buscaram se afastar do meio urbano e habitar essas casas, a preocupação no espaço de refúgio não é com os animais selvagens, mas com as obrigações sociais que teriam que cumprir em um cotidiano cada vez mais agitado. Além do mais, como o homem dominou o meio natural, os perigos da cidade hoje são os próprios homens, em uma sociedade cada vez mais violenta. Portanto, ‘temer’ a natureza passa a ser um dos prazeres de se habitar o refúgio. No romance de Henri Bachelin, citado por Gaston Bachelard no livro *A poética do espaço*, o autor se refere à sua cabana como um lugar onde se sente completamente em segurança.

²⁹ Espécie de pássaro.

Eu sentia prazer – e guardava para mim as minhas sensações – em imaginar-nos vivendo no meio dos bosques, numa bem aquecida cabana de carvoeiros: gostaria de ouvir os lobos aguçarem as garras no granito indestrutível da soleira de nossa porta. Nossa casa servia-me de cabana. (BACHELARD, 2008, p. 48).

O refúgio é suficiente para sentir-se seguro dos lobos, chegando a dar uma sensação de prazer ao imaginá-los do lado de fora, enquanto que a casa urbana hoje, com todos os artifícios de segurança, não é capaz de passar essa sensação de tranquilidade e prazer em estar seguro. Na casa urbana, além de o indivíduo não estar seguro dos perigos da cidade, também não está livre das máscaras sociais.

Assim, o desejo passa a ser o de se refugiar dessas máscaras presentes no mundo externo (vida urbana) e buscar por uma reconexão com sentimentos e sensações mais verdadeiras por meio da integração com a natureza. De fora do refúgio ficariam as máscaras e as pressões sociais que, segundo Rodolfo, que habita o Refúgio 1 – Casa Rodolfo (Frater), estão associadas à vida na cidade.

Lá fora o imediatismo é tanto... Você tem que acordar de manhã, botar uma máscara que não é sua, para vencer na vida. Como diz a música de Belchior, que é 'caminhando para a morte, pensando em vencer na vida'. Cuidado com isso. (ALDROVANDI, 2017).

Essa reflexão indica que hoje a vida é acelerada por um estímulo de competitividade, na medida em que o indivíduo precisa 'ter' diversas coisas para ser bem-sucedido na sociedade. E, assim, os sentimentos primordiais acabam sendo esquecidos em meio à frenética correria cotidiana. Na contramão disso, procura-se por espacialidades que propiciam um contato íntimo do indivíduo consigo mesmo. E habitar próximo à natureza pode ser uma possibilidade, conforme indica ainda Bachelard (2008, p. 104): "Como o ninho, principalmente com a concha, encontraremos toda uma série de imagens que tentaremos caracterizar como imagens primordiais, como imagens que despertam em nós uma primitividade". Ou seja, a atmosfera de lugar pode propiciar essa (re)ligação do indivíduo com a sua interioridade.

Conforme exposto, a conexão interno e externo tem dois sentidos. O primeiro, já citado, relaciona a casa na natureza com o meio urbano. A outra abordagem trata a edificação e os seus arredores. O arquiteto Peter Zumthor aponta que a relação do homem com o interno e o externo surge com a arquitetura.

E isto implica outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre interior e exterior, uma sensibilidade incrível para o lugar; uma sensibilidade incrível para a concentração repentina, quando este invólucro está de repente à nossa volta e nos reúne e segura, quer sejamos muitos ou apenas uma pessoa. (ZUMTHOR, 2006, p. 47).

Entre os elementos que surgem através dessa relação, o autor fala sobre a soleira. Ela é um aspecto discutido também pela fenomenologia do lugar. Para Norberg-Schulz (2008), a ação do indivíduo de adentrar o seu habitar estabelece a sua conexão com o primeiro espaço e depois com os outros ambientes que o sucede, sendo a soleira um importante fator no reconhecimento do *genius loci*.

No contexto dos espaços de refúgio a soleira é uma passagem mais sutil que as soleiras citadinas, que normalmente estão sob uma porta cheia de trancas (FIGURA 103). Na maioria das vezes o convite para adentrar o interior do refúgio é dispensado, pois em grande parte do tempo as portas estão abertas. “Ramón Gómez de La Serna escreveu: ‘As portas que se abrem para o campo parecem proporcionar uma liberdade à revelia do mundo’.” (BACHELARD, 2008, p. 227). Dessa forma, o limite entre o exterior e o interior em meio à natureza se torna mais alargado. Pallasmaa (2013, p. 131) complementa: “Abrir uma porta é um encontro físico íntimo entre a casa e nosso corpo”.

Figura 103 – Da esq. para dir. - Soleiras da Casa Madueño Serra, da Casa Circular e da Casa Octogonal



Fonte: Elaboração própria.

Como os refúgios estão em meio à natureza, a maioria possui calçamento ao redor da edificação. Dentre as três soleiras mostradas na FIGURA 103, o Refúgio 3 -

Casa Circular apresenta a passagem mais sutil entre o interno e o externo, mesmo sendo uma casa mais fechada. O seu desnível é amenizado com um leve declive. Já nos outros dois refúgios o desnível forma um pequeno degrau. Diferente do Refúgio 2 – Casa Ede Müller (Frater) (FIGURA 104), onde a passagem para o interior requer o esforço de vencer um ou dois degraus.

Figura 104 – Soleira da Casa Ede Müller



Fonte: Elaboração própria.

Outro elemento destacado por Zumthor (2006) no trecho citado são os pequenos refúgios. Em muitas casas estudadas neste trabalho os banheiros são um exemplo de espaços que assumem essa função. Nesses casos eles estabelecem uma relativa privacidade e intimidade em relação ao espaço doméstico e seus habitantes, ao passo em que abrem francamente ao espaço natural, localizado nos arredores da casa.

No Refúgio 1 - Casa Rodolfo não há portas nas duas espacialidades que formam os banheiros e que estão bem próximas da porta de entrada – que também é aberta para o exterior. O banheiro do Refúgio 5 - Casa Octogonal possui uma janela baixa e de uma dimensão maior que o padrão utilizado nesses ambientes (FIGURA 105). No Refúgio 14 - Casa Madueño – Serra a mesma situação é encontrada. Há uma grande janela neste ambiente que se abre para um jardim (FIGURA 105). Seu morador, Fernando Madueño Silva, explica a razão de sua escolha.

Eu acho inadmissível quando um banheiro tem uma janelinha porque é mais importante para quem projetou, ou para o dono que encomendou, a privacidade de estar no banheiro, sem ser observado, quando um ambiente desse que precisa ter assepsia, precisa ter insolação. (SILVA, 2017).

Figura 105 - Na Casa Octogonal (à dir.) uma janela alta onde fica o chuveiro e à direita a janela com cortina do espaço que abriga o vaso sanitário; Janela do banheiro Casa Madueño – Serra (centro) na altura do rodapé; e banheiros sem porta (à esq.) Casa Rodolfo



Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, então, que os moradores dos refúgios não colocam a privacidade como uma questão primordial, o que reforça a ideia do limite alargado entre o social e o íntimo no refúgio. Porém, as janelas também fazem outro tipo de mediação entre o ambiente interno e o externo (FIGURAS 106 e 107). Pallasmaa (2013) explica que, muitas vezes, essas aberturas servem de moldura para a paisagem e, no caso do refúgio, na maioria dos casos pesquisados, traz a natureza para dentro de casa.

A qualidade de uma janela está na maneira pela qual ela elabora e expressa suas características típicas de janela, como ela faz a mediação entre exterior e interior, emoldura a vista e lhe confere escala, articula luz e privacidade, anima o cômodo e lhe dá escala, ritmo e ambiência especiais. (PALLASMAA, 2013, p. 124).

Figura 106 - Rossana mostrando a paisagem da janela do quarto da Casa Madueño – Serra (à dir.); Na Casa Octogonal (à esq.) os vidros fixos que reaproveitaram de um descarte serviram para fechar parte da varanda e aumentar a sala



Fonte: Elaboração própria.

Figura 107 – Molduras na paisagem vistas de dentro do Refúgio 16 – Casa do Sávio (Serra dos Pireneus)



Fonte: Arquivo pessoal de José Arthur D'Aló Frota

Conforme já exposto, no Refúgio 5 - Casa Octogonal são mais de 20 aberturas entre janelas e vidros fixos para o lado externo da casa, sem contar a inserção de alguns tijolos de vidro (FIGURA 108). Ao amanhecer as janelas são abertas e Otacílio reconhece essa propriedade da casa, que é uma das mais claras da comunidade. “Agora o que eu achei interessante nessa casa aqui, ela é uma casa muito clara, ela tem muitas janelas. [...] Aqui ela é bem clara.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Figura 108 – Algumas das janelas e aberturas do Refúgio 5 – Casa Octogonal



Fonte: Elaboração própria.

A luminosidade é um fator que Peter Zumthor considera relevante para que ambiências sejam criadas em uma arquitetura. O autor ressalta que a luz que refletida pelos materiais exaltam ou não uma superfície. E, dessa forma, um ambiente pode transmitir sensações diferentes.

[...] a quantidade de casas que já não têm luz nesta paisagem, onde a natureza e a luz do sol são de uma beleza deslumbrante. Estas casas sem brilho – não sei o que são, não sei como as pintam. Vê-se que estão todas mortas. Uma casa em dez tem ainda um canto antigo que de repente volta a reluzir e onde, ainda assim, algo aparece. (ZUMTHOR, 2006, p. 61).

Deixar a luz entrar é um dos principais objetivos dos vidros inseridos nas paredes das casas na Frater e na Omni. É comum ver garrafas coloridas e parabrisas de carro distribuídos de maneira aleatória por todas as fachadas, também presente no Refúgio 16 - Casa do Sávio (Serra dos Pireneus) (FIGURA 110).

Figura 109 – Garrafas e para-brisas. Da esq. para dir. – Refúgio 10 - Casa dos Morcegos (Omni); Refúgio 3 – Casa Circular (Frater); e Refúgio 9 – Casa do Thomas (Omni)



Fonte: Elaboração própria.

Rude explica como o Refúgio 3 - Casa Circular (Frater) incorporou esse elemento. “O que apareceu de reaproveitamento na cidade uns anos atrás, não tinha muita, era oficina mecânica, onde se tinha que ir para conseguir uns vidros. É mais assim um material bem em conta e reutilizado e entra uma claridade.” (SCHMICHT, 2017). Mesmo sem muita referência aos padrões arquitetônicos e erguidas conforme as contingências à época da construção, esses espaços de refúgios citados estabeleceram conexão entre os seus interiores e a natureza. São ambiências informais e que não têm os ‘olhos’ cegados para a vida ao redor.

4.2.3 Objetos

Para que haja sentido em um espaço é preciso que pessoas o habitem e levem os seus objetos. Os refúgios são o lugar do essencial e, por isso, os aspectos simbólicos atribuídos pelos moradores a estes utensílios têm ainda mais relevância. “Seres e objetos estão aliás ligados, extraindo os objetos de tal conluio uma densidade, um valor afetivo que se convencionou chamar sua ‘presença’.” (BAUDRILLARD, 2009, p. 22).

Nos ambientes interiores esta ‘presença’ dos móveis é ainda mais notória, devido ao seu tamanho e também porque são eles que dão significado ao lugar. A cama indica o quarto, o sofá indica a sala e assim por diante (MOREIRA, 2017). O mobiliário presente na maior parte das casas visitadas é bastante simples e

basicamente cumpre uma função. São cadeiras, mesas, sofás, camas ou colchões, armários, além dos utilitários de cozinha (fogão e geladeira). Não foram vistos móveis planejados ou requintados nos espaços de refúgio destacados neste trabalho, que são encontrados com mais facilidade em casas das cidades.

A forma como os móveis são dispostos em um ambiente mostram como este espaço é utilizado. No Refúgio 5 – Casa Octogonal (Frater), na sala que fica no térreo, um dos sofás está encostado na parede e o outro está de frente para o primeiro. A televisão está na lateral deles (FIGURA 110), de modo que assisti-la sentado no sofá seria desconfortável. Como os visitantes costumam ocupar a mesa da cozinha ou a varanda, que estão a poucos metros da sala, percebe-se que os sofás podem ser utilizados somente pelos moradores para assistir à televisão deitados. Mesmo na área social da casa desenvolvem atividades privadas, demonstrando o quanto é tênue essa divisão de atividades nos refúgios.

Figura 110 – Os dois sofás de lado em relação à televisão no Refúgio 5 – Casa Octogonal (Frater) – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

No Refúgio 3 – Casa Circular (Frater) um sofá está próximo do ponto central do círculo, que forma o grande ambiente no térreo, em frente a uma televisão e à lareira. Percebe-se que o móvel delimita o espaço da sala. Ao seu lado figura uma rede. A peculiaridade neste ambiente é o paradoxo estabelecido entre a televisão, um objeto moderno, estar ao lado de uma estrutura primitiva e de origem ligada ao

altar (sagrado) como a lareira (FRAMPTON, 2008). Antigamente o fogo reunia os homens ao seu redor. Hoje divide a função de agregar com a tecnologia, mesmo em um ambiente de refúgio e imerso na natureza.

Figura 111 – Paradoxo entre a televisão e a lareira no Refúgio 3 – Casa Circular (Frater) – registro em junho de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Os armários e as prateleiras são encontrados em praticamente todas as casas visitadas, tanto nos ambientes sociais quanto nos íntimos. A maioria está abarrotada de objetos funcionais e/ou afetivos. Para Bachelard (2008), o armário é um espaço de intimidade e que não é acessado por qualquer pessoa.

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses 'objetos' e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade. (BACHELARD, 2008, p. 91).

Compreende-se, então, que os objetos que preenchem uma casa são escolhidos por seus moradores devido ao aspecto simbólico atribuído a eles, e adquiridos por meio da memória das histórias que contam. Dessa forma, os objetos expõem parte da identidade do seu dono.

Na maioria dos refúgios estudados há objetos dispostos em armários, normalmente de madeira. A fim de ilustrar esta realidade, no Refúgio 14 – Casa Madueño Serra há dois armários que alternam prateleiras abertas e espaços

fechados. No ambiente de entrada da casa um armário abriga objetos funcionais (canetas e papel para anotações), afetivos (bibelôs, álbuns de fotografias) e religiosos (imagens cristãs e vela) (FIGURA 112). Dessa forma, esses objetos representam a memória, os desejos e os valores dos habitantes.

Figura 112 – Imagens religiosas: Casa Madueño Serra (esq.) e Casa Octogonal (dir.)



Fonte: Elaboração própria.

Na sala, outro armário guarda livros e revistas (FIGURA 113). Uma das portas revela que há uma televisão escondida e, assim como no Refúgio 3 - Casa Circular (Frater), fica ao lado da lareira. Percebe-se, novamente, esse paradoxo sobre a integração do homem em volta do fogo ou em volta da tecnologia (FIGURA 114).

Quando os moradores expõem as suas crenças nos ambientes sociais, eles reforçam a ideia de que não há uma divisão muito clara entre o que é social e o que íntimo nessas casas. Observa-se que a expressão da fé também é uma forma de introspecção, que é um estado de espírito desejado por quem busca habitar o refúgio.

Figura 113 – Armário com cantoneira (esq.) na Casa Madueño Serra – em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Figura 114 – Armário com a televisão escondida na Casa Madueño - Serra – registro em dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria.

Nas prateleiras do Refúgio 7 – Casa Chalé estão o tesouro do seu morador: uma coleção de discos e livros (FIGURA 115). Na espacialidade diminuta da edificação, a grande quantidade de objetos reunidos chama a atenção. Para o filósofo Jean Baudrillard, esse acúmulo de objetos semelhantes é o ápice do

sentimento de posse, pois retira dele a sua função para que se torne um troféu do habitante.

Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar 'objeto'. [...] Quando o objeto não é mais especificado por sua função, é qualificado pelo indivíduo: mas nesse caso todos os objetos equivalem-se na posse, esta abstração apaixonada. (BAUDRILLARD, 2009, p. 94).

Figura 115 – Estante com os discos e livros do habitante do Refúgio 7 – Casa Chalé (Terra Nova) – registro em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

Adicionar um objeto à sua coleção traz uma sensação de prazer ao seu dono. Isso demonstra que, na medida em que o indivíduo exerce sua influência sobre as suas coisas e, conseqüentemente, sobre o seu habitar, ele estreita ainda mais os laços que o ligam à identificação com o espaço. E isso pode ser percebido nos objetos mais afetivos, como as coleções e os artesanatos.

O artesanato é um tipo de objeto que está muito presente em vários ambientes dos refúgios na natureza. De acordo com um termo de referência elaborado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) sobre a temática, o artesanato tradicional é o “[...] conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana.” (SERVIÇO BRASILEIRO..., 2010, p. 14).

Esse tipo de objeto já está incorporado ao Refúgio 6 – Casa Patrícia (Frater). Segundo a moradora, vários dos artefatos que utiliza na decoração foram

produzidos por ela ou são presentes de seus amigos artesãos (FIGURA 116). “[...] coisas que eu faço, e eu vou colocando na parede, amigos artistas que me presenteiam também, como sabem que eu gosto. E eu vou colocando.” (OLIVEIRA, 2017). O artesanato se alinha aos contextos de refúgio porque em muitos casos são utilizados materiais reaproveitados e, principalmente, por ser uma expressão do ser humano.

A fascinação pelo objeto artesanal vem do fato deste ter passado pela mão de alguém cujo trabalho ainda se acha nele inscrito: é a fascinação por aquilo que foi *criado* (e que por isto é único, já que o *momento* da criação é irreversível). (BAUDRILLARD, 2009, p. 85).

Com o tempo alguns objetos passam a não ter mais sentido funcional. Há alguns anos muitos dos espaços de refúgio relacionados não tinham energia elétrica. Fernando Madueño diz que quando se mudou para a sua casa na Serra, nos anos de 1990, a família contava com uma geladeira, um fogão e um chuveiro a gás e uma televisão à bateria. Ele relembra que aos domingos na década de 1990 a diversão era assistir as corridas de Fórmula 1 que o atleta Ayrton Senna participava através de imagens bem precárias. “Branco e preto, você não distinguia a cara”. O relato do morador demonstra como essa antiga televisão transmite uma sensação de nostalgia.

Figura 116 – Pinturas, mandala feita com fios e tapete em crochê – o artesanato na Casa Patrícia – em abril 2017



Fonte: Elaboração própria.

A Comunidade Frater, no Vale Dourado, foi uma das últimas áreas rurais habitadas em Pirenópolis a contar com eletricidade, que chegou nos anos 2000 (ALMEIDA, 2017). Portanto, a luminosidade dos ambientes das casas à noite era bastante comprometida. “A lâmpada, no reino da imaginação, jamais se acende do lado de fora.” (BACHELARD, 2008, p. 51). Mas um objeto muito comum aos habitantes da Frater contraria a ideia imaginada pelo filósofo. Trata-se da ‘latovela’. É uma espécie de lanterna primitiva, onde uma lata de metal abriga uma vela, facilitando o deslocamento dos moradores pela comunidade sem que o vento apagasse a chama.

Hoje as casas da Frater já contam com a energia elétrica e o único exemplar da ‘latovela’ remanescente está pendurado na parede do Refúgio 1 – Casa do Rodolfo, totalmente abstraído da sua função (FIGURA 117). Agora ela serve como enfeite e está impregnada pelas lembranças das histórias de quem viveu na comunidade na época em que era necessária.

Antropomórficos, estes deuses domésticos, que são os objetos, se fazem, encarnando no espaço os laços afetivos da permanência do grupo, docemente imortais até que uma geração moderna os afaste ou os disperse ou às vezes os reinstaure em uma atualidade nostálgica de velhos objetos. (BAUDRILLARD, 2009, p. 22).

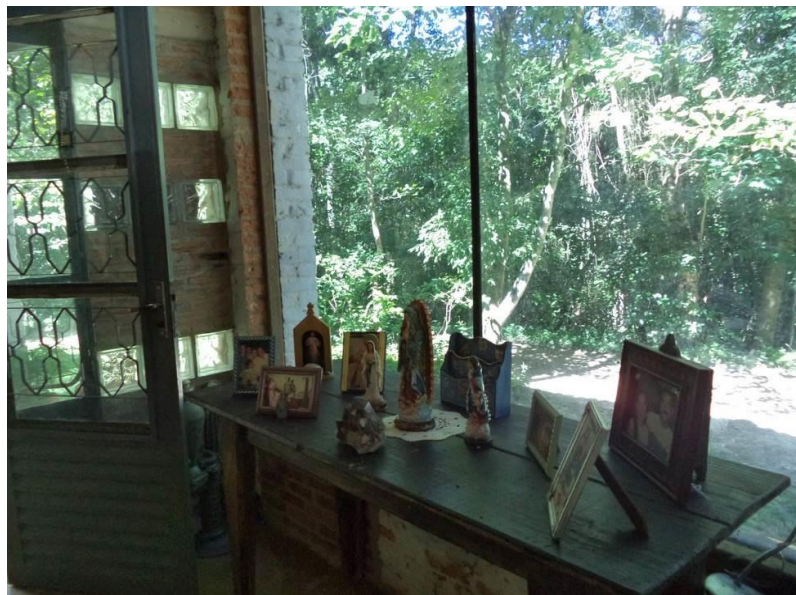
Figura 117 – Latovela no alto da porta da Casa do Rodolfo – em abril 2017



Fonte: Elaboração própria.

Outro objeto que remete às lembranças são as fotografias. No Refúgio 5 – Casa Octogonal (Frater) a moradora Selene gosta muito de fotografias e faz questão de expor porta-retratos e quadros com imagens dos filhos e dos netos (FIGURA 118). “Minha ideia é fazer uma colagem de fotos nela”, conta, apontando para uma parede da sala (ALMEIDA, 2017).

Figura 118 – Fotografias na entrada da casa em que habita Selene – em abril 2017



Fonte: Elaboração própria.

Assim, compreende-se que os objetos de uma casa podem revelar muito sobre o seu modo de habitar. Revela os desejos, os valores, as emoções e o cotidiano dos seus moradores. Também contam as suas histórias, de uso ou de lugares percorridos. Mas a impressão passada por eles é também mediada pelo habitante. Há aqueles objetos que, conscientemente, são expostos e outros que estão guardados. É por meio desta simbologia que é traçado o caráter dessas espacialidades.

4.2.4 Raízes (casa natal)

As raízes afetivas com os espaços habitados muitas vezes são criadas na infância e tornam-se a base para os referenciais de conforto, aconchego e identificação de um indivíduo com o lugar que habita. O filósofo Gaston Bachelard

utiliza a expressão 'casa natal' para referenciar este lugar da infância, que é o primeiro vínculo de uma pessoa com uma espacialidade. É um lugar que está relacionado às lembranças e aos sonhos e, por isso, o tamanho do espaço pode ser superdimensionado. "A infância é certamente maior que a realidade. [...] Se não tivesse existido um centro compacto de devaneios de repouso na casa natal, as circunstâncias tão diferentes que envolvem a vida verdadeira teriam confundido as lembranças." (BACHELARD, 2008, p. 35).

A teoria bachelariana influenciou o autor Iñaki Ábalos ao escrever sobre a casa fenomenológica, a qual ele atribui a Pablo Picasso. Ele explica que este tipo de casa tem essa relação com a casa natal e os devaneios da criança.

É a visão do menino, sua rememoração. [...] Assim, o sujeito que constitui e polariza a casa fenomenológica é um indivíduo cuja experiência do espaço provém tanto das lembranças e rememorações do passado, quanto das experiências sensoriais do presente: o seu passado não é um passado transcendente, relacionado à linhagem, mas um passado imanente e individual, relacionado à infância e à dupla ação do segredo e da descoberta. (ÁBALOS, 2003, p. 95).

No caso dos espaços de refúgio vários de seus habitantes têm relação com ambiências próximas à natureza desde a infância, o que pode ter influenciado as decisões do habitar do sujeito na fase adulta.

A exemplo de Otacílio Almeida Júnior, morador do Refúgio 5 - Casa Octogonal (Frater), que passou a infância na fazenda em Pires do Rio, interior de Goiás. Quando adulto, morou em grandes cidades, como Goiânia e Brasília. Porém, trabalhava como indigenista, passando bastante parte do tempo próximo à natureza. "Quando era criança, eu morava no campo. [...] Eu morei lá até um certo tempo, depois veio o problema de escola. Nós íamos de carroça para a escola. Ficou um negócio muito difícil." (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Sua esposa, Selene Villafane de Almeida, nasceu no Rio de Janeiro e passou boa parte da infância na casa da avó, que morava em um sítio na região serrana. Mudou-se com a família para Brasília ainda bem jovem, mas continuou tendo contato com a natureza em um sítio que tinha próximo ao Distrito Federal. "Nós subíamos a serra todo final de semana. Já tinha esse contato com a natureza. [...] Eu sempre tive esse contato, essa paixão pela natureza. Eu me sentia bem, era o meu lugar." (ALMEIDA, 2017).

O morador do Refúgio 14 - Casa Madueño – Serra, Fernando Madueño Silva (Serra dos Pireneus), nasceu em São Paulo, e quando era criança frequentava o litoral nos momentos de folga. Desde cedo aprendeu a praticar esportes de aventura, o que reforçou o contato com a natureza. “Jovem, adolescente, eu sempre pratiquei esportes aquáticos. Esqui aquático, em Ilha Bela, lá é um centro internacional de esporte de natureza. Vela, principalmente, caça submarina. Eu praticava muito esses esportes.” (SILVA, 2017). Logo após se formar em Engenharia, mudou-se para o Estado de Goiás e continuou praticando esportes de aventura. Conheceu Pirenópolis quando buscava um lugar para fazer canoagem.

O uruguaio Rodolfo Aldrovandi, que habita o Refúgio 1 - Casa Rodolfo (Frater), nasceu em uma fazenda de fruticultura e viticultura, um ambiente bem diferente dos tradicionais locais de criação de gado daquele país. “Nasci com outro foco de ambiente rural, longe do gado. No meu entender, isso dá uma visão mais orgânica. Hoje, acho que está comprovando que é melhor por todos os motivos uma árvore em pé, do que derrubar ela.” (ALDROVANDI, 2017). Rodolfo também morou em grandes cidades até se estabelecer em definitivo na Frater.

O habitante do Refúgio 3 - Casa Circular (Frater), o artista plástico Rudemar Vilson Schmicht, nasceu no Rio Grande do Sul e depois foi morar no Paraná, em uma região bastante agrícola, onde atuava como ecologista e ativista em ONG de preservação ambiental. Trabalhava com a criação de abelhas para a extração do mel. Também viveu um tempo em uma aldeia indígena no Mato Grosso do Sul. Na Frater sempre buscou utilizar a terra para produzir. “O alimento está aí, é só plantar e deixar crescer, dá muita fruta, dá tudo, em abundância.” (SCHMICHT, 2017).

Observa-se que todos os moradores dos espaços de refúgio destacados anteriormente tiveram ligação com o mato quando ainda crianças. Percebe-se que o meio urbano também fez (ou ainda faz) parte da vida deles. A partir desse caminho ‘rural-urbano-rural’ é possível delinear uma compreensão sobre o desejo de habitar um refúgio. Gostar do cheiro do mato, de observar os animais e as plantas, sentir prazer em um banho de água gelada do rio. Plantar e esperar pacientemente a colheita ou a florescência. Ao que tudo indica, as raízes criadas na infância desses moradores se fortaleceram e traçaram o caminho para a natureza.

A FIGURA 119 mostra um balanço que foi construído na Casa Madueño – Serra e simboliza a relação da infância com a natureza.

Figura 119 - A infância e a natureza. Casa Madueño – Serra



Fonte: Elaboração própria.

O que Pallasmaa (2008) explica sobre a ideia da ‘casa natal’ faz sentido com a compreensão exposta sobre as raízes dos moradores do refúgio. Para este autor, a experiência com o lugar na infância é algo que fica na memória corporal do indivíduo e este fator é fundamental para o entendimento fenomenológico do lugar habitado.

Eu mesmo, por exemplo, não consigo encontrar na memória da minha infância uma única janela ou porta como tal, mas posso sentar-me à janela de minhas inúmeras lembranças e observar um jardim há muito desaparecido ou uma clareira agora coberta de árvores. Posso ainda atravessar as inúmeras portas de minha memória e reconhecer a escuridão cálida e o cheiro peculiar das salas que estão do outro lado. (PALLASMAA, 2008, p. 486).

Esta memória pessoal compartilhada pelo teórico exemplifica como na prática o adulto ainda consegue se referenciar às lembranças das sensações causadas pela percepção dos objetos nos ambientes durante a infância. Baudrillard (2009) explica como se efetiva a sensação exposta por Pallasmaa (2008).

Aquilo que faz a profundidade das casas de infância, sua pregnância na lembrança, é evidentemente esta estrutura complexa de interioridade onde os objetos despenteiam diante de nossos olhos o limite de uma configuração simbólica chamada residência. (BAUDRILLARD, 2009, p. 22).

Entre as histórias da relação dos moradores dos refúgios com ambientes naturais expostos nesse tópico, uma figura de forma mais latente, que é essa atribuição de significado simbólico criado na infância. Trata-se do habitante do Refúgio 14 – Casa Madueño Serra, que nasceu na cidade e passava as férias e finais de semana em contato com a natureza. Como esse contato acontecia durante os dias dedicados ao lazer, a memória formada a partir dessa percepção pode ter sido intensificada, como indica Iñaki Ábalos: “O sujeito fenomenológico será o menino escondido em cada um de nós, desfrutando do prazer proporcionado por férias prolongadas nessa imaginária casa natal [...]” (ÁBALOS, 2003, p. 95).

Essa relação feita pelo autor com as férias também pode explicar a sensação de prazer que sentem os moradores dos refúgios quando estão habitando esses lugares. As férias, principalmente para as crianças, têm uma relação intrínseca com o lazer e o gozo. Baudrillard (2009) acredita que o meio ambiente natural das férias está relacionado com o contato com a natureza e que é o modelo ideal de campo de liberdade.

Percebe-se que a subjetividade na relação com os espaços tem suas raízes plantadas na infância e este fato pode indicar a preferência pelo modo como o morador do refúgio busca habitar hoje, pois existe um reconhecimento com o lugar. Sente-se como se estivesse retornado ao lar de quando era criança, sem os compromissos e preocupações do adulto. É no refúgio que encontra o prazer e a sensação de estar de férias. A lembrança da casa que o marcou quando criança é que se constitui como o lugar longe das obrigações sociais. As sensações que vêm da memória delineiam o que o adulto hoje considera ser importante para o seu conforto e bem-estar.

4.2.5 O refúgio e o círculo

As casas nas cidades brasileiras são majoritariamente quadradas ou retangulares. Entre os espaços de refúgio estudados nesta pesquisa, dois fogem a essa convenção. São eles o Refúgio 3 – Casa Circular e o Refúgio 5 – Casa

Octogonal, ambos localizados na FraterUnidade (FIGURA 120). Na Arquitetura há um arquétipo construtivo pré-histórico que traz o signo do círculo: são os dólmens (MONTANER, 2012). Ou seja, entende-se que as construções associadas a este arquétipo traduzem em suas formas um caráter essencial e primigênio.

Figura 120 - Interior da Casa Circular (esq.) e interior da Casa Octogonal (dir.)



Fonte: Elaboração própria.

Outra referência construtiva primitiva é a oca circular indígena. De acordo com Rude, morador da Casa Circular, o formato da edificação que ele ajudou a construir teve inspiração nas culturas autóctones.

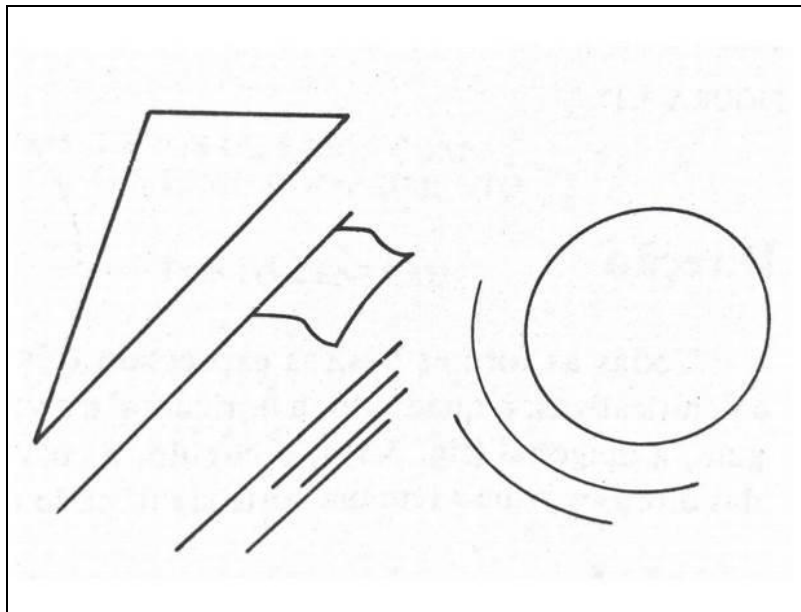
Eu morei um pouco com os índios e tive contato lá no Mato Grosso com os Boró. Eu achei muito interessante a forma de vida deles, a forma de construção e de não ter nada dentro da casa. [...] E essa 'coisa' do redondo também, eu acho que é bem mais agilizado, você bota qualquer coisa aqui, tira, deixa um espaço. (SCHMICHT, 2017).

Já a Casa Octogonal tem um formato que foge da convencional linearidade do quadrado e do retângulo. Seu morador, Otacílio Almeida Júnior, não sabe exatamente o que inspirou o idealizador da casa, o artista plástico Manoel Castelin, mas acredita que a influência possa vir das artes e da vontade de projetar algo diferente. Ele fala que na cidade as pessoas são mais conservadoras quando o assunto é a forma da construção. “Hoje você faz uma casa na cidade você pensa o quê? [...] se eu for vender, o povo é muito tradicional para comprar uma casa mais alternativa, diferente.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Para a pesquisadora em comunicação visual Donis A. Dondis, o círculo, juntamente com o quadrado e o triângulo equilátero, é uma forma básica da

geometria, sendo que cada uma delas tem características específicas. “A partir de combinações e variações infinitas dessas três formas básicas, derivamos todas as formas físicas da natureza e da imaginação humana.” (DONDIS, 2007, p. 58) Para a autora, o círculo se associa à ‘infinidade’, à ‘calidez’ e à ‘proteção’ devido às forças direcionais curvas emitidas a partir dessa forma. O círculo também é a forma geométrica mais equilibrada, pois todos os seus pontos possuem a mesma distância do centro. Diferente de uma força na diagonal, por exemplo, que passa um tom ameaçador (FIGURA 121).

Figura 121 - Comparação das forças emitidas - diagonais e circulares



Fonte: Adaptado de Dondis (2007, p. 60).

Portanto, um refúgio em formato circular pode estar relacionado a significados que colaboram para que o seu habitante se sinta seguro e aconchegado em seu interior. Um ninho de passarinho, por exemplo, que simboliza a proteção, possui essa forma. Essa ideia é complementada com a fala do artista plástico Van Gogh, citada por Bachelard (2008), ao discorrer sobre a dialética do redondo, de que provavelmente, a vida é redonda. Para o filósofo essa simbologia tem relação com o fato de o indivíduo buscar se interiorizar, voltar-se para o seu íntimo.

[...] as imagens da *redondeza plena* ajudam a nos congregarmos em nós mesmos, a darmos a nós mesmos uma primeira constituição, a afirmar o nosso ser intimamente, pelo interior. Pois, vivido do interior, sem exterioridade, o ser não poderia deixar de ser redondo. (BACHELARD, 2008, p. 237, grifos do autor).

Conforme exposto, o círculo faz referência à proteção e à introspecção e, assim, dialoga com a atmosfera dos refúgios. O elemento circular relacionado à forma dos ambientes pode influenciar na expressão de sensações. Assim como Dondis (2007), Pallasmaa (2013) também acredita que há um fator divergente entre o círculo e outras formas.

O círculo, por exemplo, concentra a percepção e a energia de maneira centrípeta, mas também se expande e emana energia centrifugamente. Ao mesmo tempo, o círculo é um símbolo da identidade pessoal, expressando todas as dimensões da psique, incluindo a relação entre o homem e a natureza. [...] O quadrado, por sua vez, é uma expressão do materialismo estático pragmático, do corpo e da realidade. A tentativa alquimista de fundir as imagens do quadrado e do círculo era, simbolicamente, um desejo de unir a identidade pessoal e o mundo, a esfera do homem e o universo. (PALLASMAA, 2013, p. 59 e 60).

Pautado pelas sensações, a avaliação de Otacílio (Casa Octogonal) sobre a forma circular de seu refúgio vai ao encontro da explicação de Pallasmaa (2013). Ele acredita em que tudo que tem quina a energia para de circular e, por isso, acha interessante a forma da sua casa.

Ela não tem cantos. E eu acho que a sustentabilidade dela por ela não ter cantos, eu acho que ela é mais resistente. [...] Desculpe a minha ignorância, mas eu pelo menos sinto assim. Se você ver, o que tem quadrado no ser humano? Eu não sei qual o osso, qual a parte do corpo. Pode até ser que 'aqui' (na casa) seja plano, mas chega 'aqui' e ela é arredondada. Você tem a forma bem arredondada. Não tem quina. (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Apesar de achar positiva a forma circular da casa, Otacílio lembra que é difícil adaptá-la aos móveis convencionais. “Porque a casa redonda, parece que o espaço dela é mais difícil de você trabalhar. [...] você tem uma cama que é um retângulo.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017), explica o indigenista. Para isso, seria preciso pensar todo o interior da casa e os seus componentes de forma não convencional.

Verificou-se, através das reflexões teóricas e empíricas, que há elementos relacionados ao formato circular que se conectam simbolicamente ao refúgio, trazendo, aos espaços redondos, estabilidade e aconchego. Essas espacialidades circulares instigam a curiosidade do homem cidadão. Mas, para os seus habitantes, elas refletem bem-estar.

4.2.6 Sentido material

Nos espaços de refúgio que estão na natureza em Pirenópolis se percebe a presença contundente de materiais naturais, em uma tentativa de demonstrar a harmonia com o meio ambiente onde estão localizados. Em quase todas as casas relacionadas é possível encontrar tijolos de barro aparentes, madeira, telhas de barro e pedras rústicas. O vidro também aparece com frequência, porém é um material fabricado pelo homem. Em relação ao sentido dos materiais, em especial os naturais, Pallasmaa (2013) traz uma análise do que podem significar o tijolo, a madeira e também a pedra.

Os materiais e as superfícies certamente têm uma linguagem própria. A pedra fala de suas distantes origens geológicas, sua durabilidade e permanência inerente. O tijolo nos faz pensar em terra e fogo, na gravidade e nas tradições atemporais da construção. [...] A madeira fala de suas duas existências e escalas temporais: sua primeira vida, como uma árvore em crescimento, e a segunda, como um artefato humano feito pela mão cuidadosa de um carpinteiro ou marceneiro. Todos esses materiais e superfícies falam, de maneira agradável, sobre a metamorfose material e o tempo em camadas. (PALLASMAA, 2013, p. 48).

Ou seja, os materiais naturais carregam em si um aspecto relacionado à vida e à sua história, quando ainda não tinham se tornado parte de ambientes. A aura que carregam esses materiais, quando passam a estar presentes nos ambientes de refúgio, remete à formação de uma ambiência que pode remeter o seu morador aos sentimentos mais primitivos.

Materiais feitos de barro estão presentes em paredes de quase todas as casas estudadas em forma de tijolos aparentes – com ou sem pintura por cima – ou de cerâmicas para pisos. São materiais que transmitem uma sensação de rusticidade. Portanto, avalia-se que esses espaços de refúgio estão dissociados do tempo e de estilo. Foram construídos há duas ou três décadas, mas pela maneira como foram erguidos poderiam estar em qualquer época. Essa ideia de arquitetura estilística é expressa pela tectônica como um importante elemento para a criação do vínculo do indivíduo com o lugar.

Outro material natural que figura em grande parte dos refúgios é a madeira que, como diz Baudrillard (2009), carrega uma nostalgia afetiva. A referência que Pallasmaa (2013) faz sobre a madeira mostra que ela tem um significado que

remete à vida, ao contato humano e à ‘metamorfose’. Figura de diferentes formas às casas relacionadas: nos móveis, nas estruturas, no piso, nas esquadrias, nas portas e nas janelas. Na maioria dos casos o tratamento dela foi feito pelos próprios habitantes.

Apesar de ser o material que mais se harmoniza visualmente junto à natureza, a extração da madeira é uma atividade nociva ao meio ambiente. No caso da Casa Circular (Frater), Rude explica como conseguiu os componentes estruturais de seu refúgio. “A gente tirou umas madeiras caídas, eram madeiras boas, caídas no mato.” (SCHMICHT, 2017). Já na Casa Octogonal (Frater), Otacílio buscou o reaproveitamento. “Olha, tem uma madeira ali que o ‘cara’ vai jogar fora, não quer mais, não vai utilizar. Eu quero. Reutilizava, trazia para cá e via como eu poderia adaptar essas madeiras às condições da casa.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Já no Refúgio 14 - Casa Madueño Serra, Fernando reaproveitou madeiras de obras de demolição da cidade de Pirenópolis e também utilizou outra técnica. “Para diminuir a quantidade de madeira cerrada nas minhas obras, eu faço o corpo da casa em estrutura de concreto armado e faço um revestimento.” (SILVA, 2017).

Na maioria dos casos (FIGURA 122) a cor da madeira foi mantida natural – tonalidades do marrom – ou, no caso da Casa Circular, parte da madeira das vigas e do teto está pintada de branco. A socióloga e psicóloga alemã Eva Heller empenhou uma pesquisa sobre como as cores afetam as emoções humanas. Para ela o significado das cores parte do valor simbólico e da relação cultural de uma sociedade, podendo ter vários significados no mesmo grupo, a depender do objeto ou espaço em que é usada.

Figura 122 - Forte presença da madeira nos interiores dos refúgios. Da esq. para dir. Casa Circular, Casa Madueño – Serra e Casa Octogonal



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a pesquisa de Heller (2013), a cor marrom foi a mais rejeitada de modo geral pelos entrevistados. Mas quando a referência era a sua utilização em ambientes, ela assumiu o posto de favorita. Isso acontece porque o marrom é conhecido como a cor do aconchego na decoração doméstica. Ela está presente nos materiais rústicos, como a madeira, que está em todos os refúgios. “A sua naturalidade, a sua falta de artificialidade faz do marrom a cor do aconchegante. Semelhante a ele é também o acorde do sentimento de estar em segurança.” (HELLER, 2013, p. 257).

Ao associar o marrom à cor verde, a pesquisa de Heller aponta que a maioria das pessoas entrevistadas atribuiu este acorde cromático ao aspecto natural, já que ele predomina na vegetação que, por sua vez, integra o contexto dos ambientes de refúgio. “O efeito naturalista do verde não depende de nenhum tom especial de verde, e sim das cores que a ele são combinadas: com azul e branco – as cores do céu – e o marrom – cor da terra – o verde se mostra absolutamente natural.” (HELLER, 2013, p. 107).

A explicação da estudiosa corrobora com a sensação sentida pelos habitantes desses lugares. A forte presença da madeira e do tijolo de barro em tom natural, como se vê na FIGURA 123, está integrada ao acorde cromático da natureza, uma combinação das cores que forma uma atmosfera de tranquilidade e bem-estar.

Além da influência das cores, os materiais naturais presentes nos espaços de refúgio, em especial os reaproveitados, podem expressar a história que já tiveram com os seres humanos, revelando uma autenticidade do habitar. Tanto Ábalos

(2003) quanto Pallasmaa (2011) ressaltam essa característica, nominada pelo autor finlandês como a 'pátina do desgaste'. Ela se relaciona com os espaços que realmente se conectam e criam identificação com os seus habitantes. "A superficialidade da construção padrão de hoje é reforçada por um senso enfraquecido de materialidade." (PALLASMAA, 2011, p. 30). Por isso os refúgios conseguem transmitir com mais intensidade a sensação de aconchego do que as casas citadinas.

Figura 123 – O acorde cromático referente ao aspecto natural – marrom dos materiais naturais, o verde das plantas e o céu azul e branco – Refúgio 7 - Casa Chalé (Terra Nova) em abril de 2017



Fonte: Elaboração própria.

O autor resalta ainda que são esses materiais que convencem os indivíduos da veracidade da sua matéria. "Os materiais naturais expressam sua idade e história, além de nos contar suas origens e seu histórico de uso pelos humanos." (PALLASMAA, 2011, p. 30).

A exemplo do madeiramento do Refúgio 14 - Casa Madueño – Serra. Antes de compor a estrutura da casa, este material foi parte de uma rampa de skate. Mesmo depois que essa madeira passou a compor o ambiente da casa, era possível ver as marcas das rodinhas contando a sua história (MANFREDINI, 1998). Dessa forma, percebe-se que a história deste material ainda é contada por suas marcas que ficaram impregnadas e se fazem presente mesmo quando deslocada para outro

contexto. Além disso, ele está em sintonia com o morador deste refúgio, que também é esportista.

No Refúgio 1 - Casa de Rodolfo os tijolos que envolvem a moradia também contam histórias sobre as diversas horas de aprendizados que várias crianças tiveram quando o prédio abrigava a escola da Frater. Um risco imperceptível de lápis pode ser uma marca carregada de significado. São materiais que testemunharam as vivências e trazem memórias, tornando esses espaços vivos e passíveis de estabelecer relações com seus moradores.

Já no Refúgio 15 – Casa do Sávio (Serra dos Pireneus), a ‘pátina do desgaste’ está presente, principalmente, nas janelas de madeira e no piso de cerâmica de barro, que são originais da casa (FIGURA 124). “Eu achei que ele (o piso) deveria continuar no mesmo lugar [...] parece que vibram!” (CÂMARA, 2017). Os materiais que foram mantidos pelo morador contam a história da edificação que, por meio da rememoração com o passado, traduz a atmosfera de refúgio. E foi através dessa simbologia que o morador criou identificação com o lugar.

Figura 124 – Janela da Casa do Sávio



Fonte: Arquivo pessoal de José Arthur D'Aló Frota.

Além dos materiais naturais, há, de forma significativa nos refúgios, um material fabricado pelo homem: o vidro. Ele tem uma forte relação com a arquitetura moderna. A principal função deste material é trazer luminosidade e permitir que a natureza, de forma mediada, esteja presente nos interiores. Ele está presente em

vários dos refúgios relacionados neste trabalho. No caso da Casa Circular e da Casa Octogonal, na Frater; da Casa do Thomas e da Casa dos Morcegos, na Omni; e da Casa do Sávio, na Serra, aparecem vidros advindos do reaproveitamento de garrafas e de carros (FIGURA 125).

Figura 125 – Vidros de garrafas e de carros reaproveitados nas casas



Fonte: Elaboração própria.

Ao relembrar a abordagem trazida por Baudrillard (2009), observa-se que o vidro tem esse caráter da ambiguidade entre o próximo e o distante. A transparência remete o habitante à objetividade e a uma conotação de limpeza.

[...] é o recipiente moderno ideal: 'não toma gosto', não evolui com o tempo em função do conteúdo (como a madeira e o metal) e não faz mistério deste conteúdo [...] indestrutível, imputrescível, incolor, inodoro, etc., o vidro é bem uma espécie de grau zero da matéria. (BAUDRILLARD, 2009, p. 48).

Apesar da discussão sobre o refúgio não estar inserida nos paradigmas da arquitetura moderna, onde o vidro se encontra, este material se faz presente sem nenhuma timidez nos espaços próximos à natureza e se aproximam de uma arquitetura vernacular. Porém, na maior parte das vezes, esses vidros são originários de reaproveitamento e remetem a uma 'história', a história de vida desse material, fato que os distanciam das discussões modernas, apresentando, então, outra dicotomia em relação ao material.

Para a pesquisadora Giuliana Capello, as pessoas que procuram construir com menor impacto ambiental possível, na maioria das vezes, utilizam técnicas mais antigas, porém, sem renegar tecnologias atuais. "A bioconstrução ou bioarquitetura

prioriza materiais naturais, mas não se restringe a eles, procurando aliar também materiais e técnicas modernas.” (CAPELLO, 2013, p. 109). A afirmação da autora vai ao encontro das construções dos vários espaços de refúgio, que utilizaram princípios de bioconstrução, como o uso de materiais naturais e o reaproveitamento, mas não somente.

Apesar da presença do reaproveitamento percebida, outro atributo chama bastante a atenção no Refúgio 9 – Casa do Thomas (Omni). A forma como os materiais foram utilizados nas colunas da varanda remetem à discussão sobre a tectônica da estrutura e a esterotômica da massa comprimida. De longe é possível ver as pedras naturais empilhadas com tamanhos irregulares e diferentes tons (FIGURA 126). Elas não estão unidas por cimentos ou outra massa. Há apenas encaixes. Percebe-se, no alto, que do seu ‘miolo’ surge uma tora de madeira, que é o elemento estrutural de fato.

Figura 126 – Pedras empilhadas na coluna da Casa do Thomas



Fonte: Elaboração própria.

A partir das discussões sobre tectônica já abordadas, observa-se que essas colunas refletem os símbolos cosmológicos levantados por Frampton (2008) sobre os ‘opostos gravitacionais’ – rumo ao céu e à terra. Percebe-se nessa estrutura uma força pulsando para baixo, demonstrando que está firme no chão. E, por outro lado, há também um vetor em sentido oposto, elevando a edificação para o céu.

As junções entre as pedras empilhadas e as madeiras que de fato sustentam a casa mostram que ela se expressa de uma forma quase lúdica, remetendo à imagem do castelo dos devaneios infantis. A sensação é de que se retirar uma pedra do meio da coluna, a torre irá toda ao chão, como em uma brincadeira de criança.

Portanto, observa-se o quanto a escolha dos materiais pode influenciar nas sensações de um ambiente, como eles interferem na forma de habitar e, assim, expõem os referenciais simbólicos de seus moradores. Zumthor (2006, p. 25) diz que “[...] materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único”. O peso, a cor, a textura e a forma como foram dispostos são detalhes que narram a construção de uma ambiência e convergem para a formação da atmosfera almejada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cheiro do mato, o barulho do vento, o frescor da sombra da árvore, o voo do pássaro, a água limpa e fria do rio. As sensações descritas são referências dos moradores dos espaços de refúgios estudados nesta pesquisa. Elas simbolizam o cotidiano de quem buscou conviver muito próximo à natureza. Habitar casas imersas em um ambiente natural diz muito sobre um estilo de vida que é bem diferente do urbano. Almejado por uns, repudiado por outros. De toda forma, experiências relevantes que provocam reflexões em toda a sociedade.

Este trabalho levantou discussões de diferentes pensadores que se relacionam diretamente ou dialogam de forma transversal com a fenomenologia da arquitetura, que é uma teoria que propõe uma interpretação. A intenção foi discutir o modo de habitar contemporâneo com foco nas relações entre os indivíduos e os espaços que habitam.

Todos os moradores das casas estudadas tiveram vivências junto à natureza, principalmente na infância, e também viveram nas cidades. A busca pelo refúgio partiu de uma decisão madura e consciente desses indivíduos, motivada por diversos fatores particulares. Em comum, pode-se dizer que os fatores que influenciaram a decisão estão relacionados ao desejo de ter as sensações de segurança, de aconchego e de bem-estar no cotidiano, algo que já não tinham mais no meio urbano. Nestes casos, a natureza abrigou e acolheu.

Apesar de os moradores dos refúgios terem muitas coisas em comum, é preciso sensibilidade e sutileza para perceber, através de cada história, as particularidades vividas e sentidas, o que muitas vezes é invisível ao olhar. As raízes e as experiências adquiridas de cada um influenciam na afetividade desenvolvida com o lugar.

Foram observadas várias dicotomias que envolvem os espaços de refúgio. Ao mesmo tempo em que ele é o lugar da introspecção, dá espaço para o compartilhado. Busca trazer o homem citadino para valores mais verdadeiros e sem os estímulos tecnológicos que são recorrentes na cidade. Mas foi possível constatar também que esses lugares não estão totalmente imunes às tecnologias. Mesmo com as portas com trancas irrisórias e uma sutil soleira, as porteiras têm cadeados. Os animais são bem-vindos, não há medo do que vem do mato. Já os humanos precisam ser convidados. E quando são, também são bem-vindos.

É preciso esclarecer que o contexto temporal é importante para realizar uma leitura sobre as espacialidades ora estudadas. Nem sempre estes lugares foram habitados pelas mesmas pessoas. E mesmo os moradores que foram encontrados durante da pesquisa estão em um determinado momento da vida e, por isso, a relação com o ambiente está em constante transformação.

Pontua-se ainda que a falta de acesso ao interior de algumas casas e a ausência de contato com os seus moradores foram limitadores no processo da pesquisa de campo.

As casas que ilustram esta pesquisa nem sempre seguem o padrão arquitetônico mais comum aos profissionais da área, com normativas e conceitos aprendidos durante sua formação e atuação. Isso instiga que sejam propostos novos olhares para aqueles que atuam diretamente com o habitar. Nem sempre o que parece 'errado' é ruim. Vide a fala do morador que ressalta o bem-estar que suas muitas janelas lhe trazem, mesmo que elas não estejam seguindo padrões pré-estabelecidos. Eles não fazem a menor diferença nessa relação.

Os aspectos materiais se mostraram fundamentais para criar ambiências que transmitam, a essas espacialidades, uma atmosfera de aconchego e paz. A madeira, a pedra e o tijolo de barro, que se destacam, fazem referência ao rústico e à simplicidade, harmonizando também com o acorde de cores que compõe a natureza ao redor. A reutilização de materiais é algo muito natural para os moradores de todos os refúgios estudados e isso demonstra o apreço que eles têm pelos recursos e pela preservação ambiental.

Observa-se ainda que nesses lugares, que são simples e despojados de luxo, habitam pessoas que conseguiram criar uma relação íntima e de identificação com os seus ambientes de refúgio. Isso lembra o que Norberg-Schulz (2008) diz sobre o reconhecimento do espírito desses lugares, o *genius loci*, proporcionando um retorno à essência, tanto do ambiente quanto dos próprios moradores. Afinal, foram observados vínculos emocionais e de pertencimento com os lugares.

Esta dissertação é apenas uma leitura dentro das várias possibilidades que poderiam surgir dos mesmos elementos norteadores e objetos de estudo. Acredita-se que outros caminhos teóricos possam ser abertos, em novas pesquisas, tendo como base as reflexões apresentadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida**: visita guiada às casas da modernidade. Tradução de Alícia Duarte Penna. 1. ed. 2. imp. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ALDROVANDI, Rodolfo. **Rodolfo Aldrovani**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

ALMEIDA, Selene Villafane de. **Selene Villafane de Almeida**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Otacílio. **Otacílio Almeida Júnior**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

AMARAL, Izabel. Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar. **Pós**, São Paulo, v. 16, n. 26, p. 148-167, 2009.

AMORIM, Paulo. **Paulo Amorim**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BARROSO, Marconi. Os fugitivos do fim do mundo. **Diário da Manhã**, Goiânia, 18 jul. 1988. Reportagem Especial, p. 12-13.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. 1955. Disponível em: <<https://yadi.sk/i/0snyYP-73GLuUR>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pirenópolis**: infográficos - dados gerais do município. ©2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=521730>>. Acesso em: 24 maio 2016.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Petrópolis**. 1987. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Petropolis%201987.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BUENO, Eduardo. Prefácio. In: THOREAU, Henry David. **Walden**. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016. p. 5-11.

CÂMARA, Sávio Cruvinel. **Sávio Cruvinel Câmara: depoimento** [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

CAMARGO, Érica N. de. **Casa, doce lar: o habitar doméstico percebido e vivenciado**. São Paulo: Annablume, 2010.

CAPELLO, Giuliana. **Meio ambiente & ecovilas**. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

CARAVITA, Rodrigo Iamarino. **“Somos todos um”**: vida e imanência no movimento comunitário alternativo. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CARVALHO, Adelmo de (Org.) **Pirenópolis: coletânea 1727-2000 - história, turismo e curiosidades**. Goiânia: Kelps, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

DEJEAN, Joan. **O século do conforto: quando os parisienses descobriram o casual e criaram o lar moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUNN, Christopher. **Contracultura: alternative arts and social transformation in authoritarian Brazil**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

FRAMPTON, Kenneth. Rappel à l'ordre: argumentos em favor da tectônica. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 557-569.

FRASCARI, Marco. O detalhe narrativo. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 539-556.

FURTADO, Maria Cristina O.; CAIXETA, Eline M. M. P. Casa-cabana: a fenomenologia e o habitar na natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL PENSANDO O PROJETO, PENSANDO A CIDADE 2016, 2016, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: UFG, 2016. Disponível em: <<https://www.projetoecidade.com.br/2016/ebook/>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. **O que é um Ecovillage**. 2017. Disponível em: <<https://ecovillage.org/projects/what-is-an-ecovillage/>> Acesso em: 6 jun. 2017.

GODINHO, Rangel Gomes. **A interpretação do patrimônio ambiental de Pirenópolis (GO)**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

GOMES, Patrícia Alexandra Gonçalves. **As constantes e as variáveis da casa: do formal ao emocional – a forma primitiva, a contemporaneidade e a (eco) sustentabilidade**. 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009.

GONÇALVES, Daniel. Festa do interior. **Os caminhos da Terra**, fevereiro 1997, ano 6, n. 2, ed. 58, p. 26-33.

GREGOTTI, Vittorio. O exercício do detalhe. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 536-538.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de E. C. Leão, G. Fogel e M. S. C. Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Barcelona: GG, 2013.

INKIRI PIRACANGA. **Sonho e comunidade Inkiri**. ©2017. Disponível em: <<http://piracanga.com/comunidade-inkiri/>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

JUNG, Carl. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONÇALO JUNIOR. Liberdade cabeluda: o inusitado caráter político da contracultura brasileira. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 155, p. 103-105, 2009.

GUIA DO LITORAL. **Arembepe**. ©2018. Disponível em: <http://guiadolitoral.uol.com.br/arembepes-2379_2008.html>. Acesso em: 7 jun. 2017.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMERS-SCHÜTZE, Petra. **Teoria da arquitetura: do renascimento aos nossos dias**. Colônia: Taschen, 2003.

LIMA, Elder Rocha. **Guia Sentimental da Cidade de Pirenópolis**. Brasília: Iphan, 2010.

MACIEL FILHO, Otávio Damasceno. **Otávio Damasceno Maciel Filho**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

MEIHY, José C. S. Definindo história oral e memória. **Cadernos Ceru USP**, São Paulo, nº 5, série 2, p. 52-60, 1994.

MANFREDINI, Adriana. “Não existe vida melhor”. **Arquitetura e Construção**, São Paulo, v. 14, n. 9, p. 70-77, set. 1998.

MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada**: ensaios sobre arquitetura contemporânea. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

MOREIRA, Ana Rita. **O que faz da casa uma casa**: a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas. 2017. 197 f. Dissertação (Mestrado Integrado Arquitetura) - Universidade do Porto, Portugal, 2017.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NESBITT, Kate. Introdução. NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 15-87.

_____. Apresentação. Vittorio Gregotti. O exercício do detalhe. NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 15-87.

_____. Apresentação. Kenneth Frampton. *Rappel à l'ordre*, agumentos a favor da tectônica. NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 556-557.

NOGUEIRA, Aico Sipriano. **Comunidades alternativas no planalto central do Brasil - utopia, transcendência e reafirmação da ordem social**: o caso da Fraternidade Espiritualista Vale Dourado em Pirenópolis-GO. 1996. 170 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 444-461.

_____. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 462-474.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: IPSIS Gráfica e Editora S/A, 1999.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense**. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001.

_____. **Fazendas goianas: a casa como universo de fronteira**. Goiânia: UFG, 2010.

OLIVEIRA, Patrícia. **Patrícia Oliveira**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 482-489.

_____. **A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

_____. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural/Editora Brasiliense, 1986.

PIRENÓPOLIS (MUNICÍPIO). **História de Pirenópolis**. 2017. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.go.gov.br/municipio>>. Acesso em: 30 maio 2017.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Tradução de Betina Von Staa. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RYKWERT, Joseph. **A casa de Adão no paraíso: a ideia da cabana primitiva na história da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCHMICHT, Rudemar Vilson. **Rudemar Vilson Schmicht**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. Disponível em: <<http://intranet.df.sebrae.com.br/download/uam/Pesquisa/Artesanato/Termo%20de%20Referencia%20Artesanato%202010.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SILVA, Fernando Madueño. **Fernando Madueño Silva**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Maria Cristina de Oliveira Furtado. Pirenópolis: entrevista inédita concedida para a pesquisa, 2017.

SZACKI, Jerzy. **As utopias ou a felicidade imaginada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TAVARES, Carlos A. P. **O que são comunidades alternativas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOREAU, Henry David. **Walden**. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Patrimônio Cultural Imaterial**. 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas: entornos arquitetônicos – as coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gil, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Diário de Campo - Pirenópolis

Dia 8 de junho de 2016

Cheguei em Pirenópolis à tarde. A ideia era conversar com o dono da pizzaria Trotamundos, mas como era quarta-feira, a pizzaria estava fechada e não conseguimos contato com ele. Andando pelas ruas turísticas da cidade, achamos a loja do Jivan Latif. Ele é ex-morador da Comunidade Frater e também morou em Alto Paraíso. Ele é ex-marido da mãe de Jiothy, filho do Ede, que fundou a primeira comunidade do Brasil, em Nobres – MT e depois veio para Pirenópolis, pois no Mato Grosso construíram uma fábrica próxima à comunidade. Ele comprou as terras em Pirenópolis com o dinheiro de uma herança. Aos poucos, ele foi vendendo parte dos terrenos quando precisava de dinheiro. Ao final, restaram quatro alqueires, que foram doados para a Associação.

Latif, nome dado pelo seu mestre, falou do livro “Walden”, de um filósofo americano que viveu na natureza.

Ele falou também do Thomas/Jéssica, que tem casa na Omni. E do Lula/Ana também. E da Simone/Lee, que moraram na Frater (casa do Gilson) e hoje estão construindo na Omni uma casa mais contemporânea. O Lee é acupunturista e mora na cidade, no Bairro do Bonfim, no Pirenópolis Natural Spa e Pousada.

Segundo o Latif, eram feitas vivências na comunidade, palestras etc e isso ajudava financeiramente.

Marcamos a visita com a companhia do Jiothy para o dia seguinte.

PS: Ede morreu há cerca de oito anos. Tinha problemas do coração e já tido um infarto antes.

Dia 9 de junho de 2016

Partimos na estrada rumo à Serra dos Pireneus (Abade) e entramos na entrada da Pousada Refúgio Avalon. Anda bastante à direita, cerca de 5 km na terra, e tem uma entrada à esquerda com a porteira da Frater. Fica junto a uma ponte onde passa o Rio das Almas.

A primeira casa é a do Rodolfo, um uruguaio. Ele vive onde antes era a escola da comunidade. As paredes não tocam o teto, é tudo aberto, formando um “ar condicionado” natural. As portas são reaproveitadas. Ele precisou reforçar a estrutura com metalon, pois a edificação estava cedendo. Ele está ampliando a construção e pretende fazer um espaço de convivência com fins educacionais. Vive com a gata “Camomila”. Tem parábólica, é politizado, fala do Pepe Mujica, torce para o Peñarol, fala que os interesses econômicos podem passar um rolo compressor no Vale Dourado.

Logo acima da casa do Rodolfo, fica a antiga cozinha comunitária que está desativada.

A próxima parada foi a casa do Jiothy, onde ele nasceu e cresceu. A casa está sendo cuidada pela tia Karunah, que divide o tempo morando lá e morando em Goiânia. A casa é de tijolinho. Não foi possível entrar porque ele estava sem a chave.

Em seguida, fomos à casa do Rude. Ele é escultor. A casa é circular e foi ganhando anexos. Tem um barranco próximo, que cedeu. Ele conta que era só meia parede no

fundo, mas quando nasceu a sua filha, resolveu fechar para não entrar morcego e outros bichos. Uma outra parte era bambu, mas ele substituiu e fechou. Tem um jardim com muitas plantas frutíferas. Têm vidros de garrafas nas paredes.

De lá, fomos à casa do Gilson. Eles não foram da comunidade. Adquiriram a casa depois. É a antiga casa da Simone e do Lee. Mas outras pessoas moraram lá depois. Gilson era bancário em Brasília (DF) e disse que se desligou da matrix ao ir morar na casa. A casa tem uma parede de adobe descascada com uma moldura de quadro. Luminárias de bambu com tecido. Tem uma janela estática de vidro em formato de triângulo. Eles estão cuidando do jardim.

Para Jiothy, foi uma sorte ter entrado lá alguém que tem consciência de preservar. Mas, no fundo, ele não quer que isso aconteça (das terras serem vendidas para outras pessoas). Construção de 1989.

Partimos para a casa da Selene e do Otacílio, que foi construída em 1987. Eles receberam a casa do Moreno (músico), mas também não foi ele quem construiu a casa. É anterior.

Otacílio fez várias ampliações. Fez um mezanino. A casa é cestavada. Tem uma entrada que é recente, onde tem dois blindex grandes que foram ganhados. Têm tijolinhos de vidro na parede que também foram ganhados. No pavimento térreo tem salas, cozinha, um banheiro dividido em dois – um lado vaso sanitário e pia, do outro chuveiro, e um quarto. A escada leva ao pavimento superior que possui uma salinha de jogos, quarto dos netos e também o quarto do casal. Os ambientes são separados por cortinas. Tem uma varanda com uma porta que tem um formato oriental – lembra porta de templos indianos. A maior parte dos pisos e dos forros eles reaproveitam de descarte de pessoas que não queriam mais. Tem manta térmica nos tetos, na parte que fica em cima das camas.

Em seguida, partimos para um espaço que era a hospedaria e também uma casa de vivência. Ambos abandonados. Lá tem uma grutinha para Nossa Senhora e uma piscina em forma de coração – o Latif disse que ele ajudou a construir.

De lá, fomos ao antigo templo. No caminho, tem uma sauna artesanal, onde os moradores queimavam ervas e ficavam lá. O templo fica bem no alto e lá eles meditavam todos os dias às 5 horas – meditação de antes do sol nascer. A estrutura está muito comprometida.

Descemos em direção onde ficava a antiga “casa-mãe”, que foi demolida. Lá fica uma casa (sobrado), onde mora o advogado Eduardo. Jiothy não tem relação com eles, por isso não pudemos nos aproximar do local. Lá fica o “templo novo”, que também está abandonado.

Fomos para a mata. Havia muitas borboletas e seguimos o Rio das Almas. A trilha foi bem difícil. Saímos na antiga Comunidade Omni. Segundo Jiothy, eles não viveram como comunidade. Mas as pessoas que ali moravam se relacionavam com quem vivia na Frater. Aquela área da Omni também foi do Ede. Fomos até onde está sendo construída a casa da Simone e do Lee. Será contemporânea. Segundo Simone, não quer os bichos entrando na casa. Partimos para a trilha da cachoeira. É o local sagrado de quem vive na Frater. É um local de contemplação, de cura etc. Tem um período de quatro meses que não é permitido o acesso para que aconteça a reprodução de pássaros. O lugar é realmente fantástico. Antes de ir à cachoeira, passamos por uma casa abandonada.

Quando saímos da cachoeira fomos na casa do Lula e da Ana. A casa está fechada. Tem uma sauna e uma piscina artesanais. Jiothy disse que as crianças iam para lá brincar na piscina e comer pizza. Lula era pizzaiolo. A casa tem um *deck*.

Depois, fomos à casa do Thomas e da Jéssica (filha). A casa parece uma torre, tem vários pavimentos. Em cima tem um terraço e dá para ver o vale. A casa estava fechada. Segundo Jiothy, a Jéssica quer voltar para lá e fazer algo relacionado à educação.

Voltamos para a Frater e fomos embora.

Jiothy contou que todos os dias pela manhã acontecia a divisão de tarefas na Frater. Trabalho na construção, na comida, na escola. Todos faziam as refeições juntos. Meditação e outras atividades espirituais também. Até os cinco anos, as crianças viviam somente na comunidade. Depois, iam para a cidade e os pais mantinham casa na cidade e no fim de semana iam para a comunidade. Eles produziam artesanato e vendiam na cidade. O excedente da feira também.

Russo – construtor.